



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

SANDRA REGINA FEITEIRO

GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA CASTANHA-DO-PARÁ

Belém, PA

2016

SANDRA REGINA FEITEIRO

GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA CASTANHA-DO-PARÁ

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Belém, PA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Feiteiro, Sandra Regina, 1969-
Glossário dos termos da castanha-do-pará / Sandra
Regina Feiteiro. - 2016.

Orientador: Abdelhak Razky.
Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Letras e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Belém, 2016.

1. Castanha-do-pará-Indústria-Terminologia.
2. Língua portuguesa-Vocabulários, glossário. 3.
Sociolinguística. I. Título.

CDD 22. ed. 306.44

SANDRA REGINA FEITEIRO

GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA CASTANHA-DO-PARÁ

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Abdelhak Razky (orientador)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro da Silva
Universidade do Estado do Pará – UEPA

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes
Universidade Federal do Pará – UFPA

A todos os remanescentes quilombolas, do
alto Trombetas, pelo apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador, Abdelhak Razky, que muito cooperou para o êxito deste trabalho. Suas orientações, mais semelhantes a conselhos, que me conduziram a reflexões cujos resultados superaram às minhas primeiras expectativas. Minha intenção, aqui, não é fazer-lhe um agradecimento, pois esse não pode ser manifesto em palavras. O meu anseio é mostrar a minha admiração e o meu reconhecimento à sua sabedoria, empenho, afeto e respeito que só os grandes Mestres possuem.

Ao meu amigo e esposo, Robson Lopes, por acompanhar-me nas pesquisas de campo, registrando as imagens, áudios e vídeos, processo fundamental para formação do *corpus* da pesquisa, e, principalmente, pelas discussões teóricas pertinentes ao trabalho linguístico. Estendo este agradecimento, ainda, a Amaury e Sara pela paciência para esperar minha atenção com a conclusão do mestrado.

Meu reconhecimento e eterna admiração à professora Raquel Lopes pelo carinho em avaliar o projeto de pesquisa e contribuir com valiosas informações; à professora Socorro Cardoso pelo incentivo à pesquisa na área da socioterminologia; a Joanísio Mesquita e Tarcísio Feitosa por contribuírem com a delimitação e conhecimento dos pontos de inquéritos da pesquisa; Silvano Printes pelo apoio logístico e empréstimos de obras referentes ao objeto de pesquisa.

A EMBRAPA, na pessoa de Luciane Chedid Borges, por gentilmente disponibilizar um grande e valioso acervo sobre a castanha-do-pará, como também, auxiliar na escolha dos técnicos para validação dos termos.

Aos meus colegas que contribuíram com suas reflexões na composição desta dissertação, em especial: a Rejane Garcez, pela revisão de todo o texto e do glossário; ao Josué Leonardo e Fábio Xavier que me ajudaram na instalação e organização dos dados no *Lexique Pro* e a Eliane Costa por me repassar importantes referências bibliográficas.

Agradeço ainda a todas as pessoas entrevistadas da comunidade do Abuí, da Estrada do BEC, de Cachoeira Porteira, da Usina e Exportadora Florenzano, do município de Oriximiná, pela contribuição e acolhida.

*Quando chega o mês de janeiro o povo
todo vai para a mata trabalhar, extrair a
castanha, produto da Amazônia, orgulho do pará.
O negro castanheiro é um rei sem trono e coroa,
na safra da castanha esquece o passado e vive
uma vida boa. Se embrenha na mata com a
coragem, o paneiro e o facão, colhendo a
castanha que se encontra espalhada no chão,
antes que anoitece vem para o tapiri, vem para
descansar e antes de deitar toma um bom açaí.*

(Poeta popular Francisco Viana-Oriximiná)

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo sobre a terminologia utilizada na produção da castanha-do-pará, no município de Oriximiná-PA. Tem como objetivo elaborar, com base nos procedimentos teórico-metodológicos da Socioterminologia, de acordo com Gaudin (1993) e Faulstich (1995a, 1995b, 2001, 2006 e 2010, 2012), um glossário socioterminológico dessa atividade, a partir do discurso oral dos profissionais dessa área. A escolha desse tema justifica-se pelo fato da castanha-do-pará ser um produto de grande potencial de exploração socioeconômica no Estado do Pará, responsável pela manutenção de milhares de famílias que sobrevivem dessa atividade na Amazônia. A coleta de dados foi realizada *in loco*, sendo o *corpus* constituído por 29 entrevistas. Para a organização do *corpus* foram utilizadas as ferramentas computacionais dos *softwares WordSmith Tools e Lexique Pro*, possibilitando um resultado confiável a esta descrição terminológica. O glossário é composto de 496 termos, distribuídos em seis campos semânticos: Ecologia da espécie, Práticas extrativistas, Equipamentos e materiais, Denominações da castanha, Processamento industrial e Comercialização. Esperamos que este trabalho socioterminológico, por organizar e difundir o conhecimento especializado, favoreça a todos os interessados por esse domínio.

Palavras-chave: Socioterminologia. Glossário. Castanha-do-pará.

ABSTRACT

This work is a study of the terminology used in the production of “Pará-nut”, in the municipality of Oriximiná-PA. It aims to develop, based on the theoretical and methodological procedures Socioterminology, according to Gaudin (1993) and Faulstich (1995a, 1995b, 2001, 2006, 2010, 2012), a socioterminológico glossary of this activity, from the oral discourse of professionals in this area. The choice of this theme is justified by the fact that the “Pará-nut” a product of great potential for socio-economic exploitation in the State of Pará, responsible for maintaining thousands of families who survive this activity in the Amazon. Data collection was carried out on site, and the corpus consists of 29 interviews. For the organization of the corpus were used computational tools of WordSmith Tools and Lexique Pro software, enabling a reliable result to this terminological description. The glossary consists of 496 terms, in six semantic fields: ecology of the species, extractive practices, equipment and materials, chestnut Denominations, industrial processing and marketing. We hope this socioterminológico work, organize and disseminate expertise, encourages all interested in this field.

Keywords: Socioterminology. Glossary. Pará-nut.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Variantes Terminológicas.....	31
Quadro 2. Imagens do porto de Oriximiná.....	51
Quadro 3. Imagens da localidade Abuí.....	58
Quadro 4. Imagens da localidade Cachoeira Porteira.....	60
Quadro 5. Imagens da localidade do BEC.....	61
Quadro 6. Modelo de organização do verbete na microestrutura.....	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Grupos de pesquisas ligadas à Terminologia no CNPQ.....	40
Tabela 2. Distribuição dos informantes.....	67
Tabela 3. Estrutura do Verbetes.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Produção de castanha-do-pará na região norte- 1990/2012.....	47
Gráfico 2. Informantes da pesquisa.....	68
Gráfico 3. Distribuição dos termos no glossário em relação às categorias gramaticais	81
Gráfico 4. Distribuição dos termos no glossário em relação às variantes linguísticas.....	82
Gráfico 5. Distribuição dos termos no glossário em relação aos campos semânticos.....	83
Gráfico 6. Distribuição dos termos no glossário em relação às entradas	84
Gráfico 7. Distribuição dos termos conexos a outras atividades e à língua geral.....	85
Gráfico 8. Distribuição das unidades terminológicas simples e complexas.....	86

LISTA DE FLUXOGRAMAS e MAPAS

Fluxograma 1.	Representação das etapas de produção da castanha-do-pará- 1ª fase.....	52
Fluxograma 2.	Representação das etapas do beneficiamento da castanha-do-pará.....	54
Fluxograma 3.	Mapa conceitual da castanha-do-pará.....	62
Fluxograma 4.	Campos conceituais da castanha-do-pará.....	63
Mapa 1.	Configuração dos estudos terminológicos no GeoLinTerm.....	42
Mapa 2.	Distribuição da castanheira na Bacia Amazônica-ocorrência e densidade....	45
Mapa 3.	Localização do município de Oriximiná/PA.....	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tela inicial do glossário.....	73
Figura 2. Tela de edição do verbete.....	73
Figura 3. Redação do verbete.....	75
Figura 4. Termo-entrada principal.....	88
Figura 5. Termo-entrada variante.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ALIB – Atlas Linguístico do Brasil
- ALIN – Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil
- ALIPA – Atlas Geossociolinguístico do Pará
- ALSLIB – Atlas Linguístico das Línguas Indígenas do Brasil
- ANPPOLL – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística
- BEC – Batalhão de Engenharia e Construção
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEQMO – Cooperativa mista Extrativista dos Quilombolas do Município de Oriximiná
- CITRAT – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia
- CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- COOPERACRE – Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre
- COVEMA – Cooperativa Verde de Manicoré
- CPI-SP – Comissão Pró-Índio de São Paulo
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Oriental
- ESEC – Estação Ecológica do Trombeta
- FAO – Organização das Nações Unidas Para Agricultura e Alimentação
- FLONA – Floresta Nacional
- FLOTAS – Florestas Estaduais
- GELCORP-SUL – Grupo de Estudos em Linguística de Corpus do Sul
- GELTRA – Grupo de Estudos do Léxico e da Tradução
- GEOLINTERM – Geossociolinguística e Socioterminologia
- GRUMEL – Grupo Mineiro de Estudos do Léxico
- GT – Grupo de Trabalho
- IBAMA – Instituto Brasileiro de meio Ambiente
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
- IDEFLOR – Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará
- IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- ISO – International Standardization Organization

IULA/UPF – Instituto Universitário de Linguística Aplicada/Universidade de Pompeu Fabra
LETENS – Lexicologia, Terminologia e Ensino
LEXFRAS – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Fraseologia
LEXTERM – Léxico e Terminologia
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MERCOSUL – Mercado Comum dos países do Sul
MMA – Ministério do Meio Ambiente
MZEE – Macrozoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Pará
OL – Office de La Lingue Française
PEVS – Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura
PFNM – Produto Florestal Não Madeireiro
PUCRIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RBRT – Reserva Biológica do Rio Trombetas
REBIO – Reserva Biológica
RESEX – Reserva Extrativista
SCIELO – Scientific Electronic Library Online
SEMA – Secretaria do Meio Ambiente
SFB – Serviço Florestal Brasileiro
SOCIOTERM – Socioterminologia e Terminologia no Brasil
TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia
TERMILEX – Terminologia e Lexicografia
TERMISUL – Projeto Terminológico Cone Sul
TGT – Teoria Geral da Terminologia
UCS – Unidades de Conservação
UECE – Universidade estadual do Ceará
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPE – Universidade Federal do Pernambuco
UNESP – Universidade Estadual de São Paulo
USP – Universidade de São Paulo
UTC – Unidade Terminológica Complexa
UTS – Unidade Terminológica Simples

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS DA TERMINOLOGIA.....	19
2.1 Histórico da Terminologia	19
2.2 Teoria Geral da Terminologia (TGT)	22
2.3 Socioterminologia e Variação Terminológica	26
2.4 Os produtos terminográficos	34
2.5 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)	36
2.6 A pesquisa terminológica no Brasil	39
3 CONTEXTO E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	43
3.1 Contexto da pesquisa: castanha-do-pará.....	43
3.1.1 O extrativismo, o beneficiamento e a comercialização da castanha-do-pará no município pesquisado.....	49
3.2 Metodologia	55
3.2.1 Delimitação da área.....	56
3.2.2 Estruturação dos campos semânticos.....	61
3.2.3 Perfil dos informantes.....	66
3.2.4 Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	70
3.2.5 Organização do <i>corpus</i>	71
3.2.6 Validação dos termos do glossário.....	75
3.2.7 Organização do glossário.....	76
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	81
4.1 A distribuição dos termos no glossário.....	81
4.2 Como ler o glossário.....	87
4.3 Glossário da castanha-do-pará.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS.....	174
APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados – questionário	179
APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados – apresentação	184
APÊNDICE C – Instrumentos de coleta de dados – fichas de identificação	185

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever os termos da atividade da castanha-do-pará por meio da elaboração de um glossário especializado. A castanha-do-pará é um dos principais Produtos Florestais não Madeiros (PFNM) da biodiversidade da Floresta Amazônica. Possui grande potencial econômico, representando um dos elementos principais para a economia das famílias extrativistas. Conforme Locatelli et al. (2005), após a decadência da borracha, a castanha-do-pará passou a constituir o principal produto extrativo para exportação da região norte do Brasil. Seu fruto (ouriço) tem elevado valor econômico como PFNM, no entanto, o avanço da fronteira agrícola na Amazônia vem reduzindo progressivamente o extrativismo da castanha-do-pará; sua derrubada pelas frentes madeiras e da pecuária, vem diminuindo cada vez mais o contato entre o coletor (castanheiro) e os donos das usinas de beneficiamento. A coleta do ouriço se dá, em sua maioria, através do extrativismo e não de plantações. Esse paradigma vem sendo incentivado como uma forma de se gerar renda e garantir a sustentabilidade da floresta, mantendo-a em pé e protegida. As castanhas são extraídas da mata por trabalhadores conhecidos como castanheiros, coletores, extrativistas.

Sousa e Ferreira (2006) destacam que, para a região norte, o agronegócio da castanha-do-pará é bastante relevante, sobretudo por ser a coleta da castanha-do-pará a atividade econômica mais importante para as comunidades extrativistas da Amazônia. Nessa região, onde são encontradas extensas florestas habitadas por extrativistas, grupos indígenas e ribeirinhos, o desafio do desenvolvimento sustentável é de conseguir obter benefícios econômicos através da gestão dos ecossistemas naturais, através do extrativismo sustentável e do manejo florestal de baixo impacto, garantindo para as gerações futuras um capital natural pouco alterado.

O município de Oriximiná, especialmente na área do alto Rio Trombetas, representa uma parte do território paraense responsável por movimentar a economia local através da extração, comercialização e exportação da castanha-do-pará. Há décadas são reconhecidos os benefícios que o extrativismo da castanha traz às comunidades quilombolas da região de Oriximiná, em razão dos extensos castanhais existentes ao longo do rio Trombetas (HOMMA, 2000). E, por esta razão, torna-se a principal atividade extrativa desenvolvida no referido município.

Dessa forma, a escolha da castanha-do-pará como temática, para investigar a terminologia dessa atividade, justifica-se, primeiro, pelo fato de ser um produto de grande potencial de exploração socioeconômica no Estado, sendo responsável pela manutenção de milhares de famílias que vivem dessa atividade na Amazônia. Em consequência disso, por estar

entre os produtos mais comercializados no mercado nacional e de exportação, responsável por movimentar a economia regional, ao mesmo tempo em que promove a conservação da floresta (HOMMA 2012).

Em segundo plano, após um breve levantamento bibliográfico, tanto no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quanto a Scientific Electronic Library Online (SCIELO), não verificamos publicações que envolvem a terminologia da castanha-do-pará, ou seja, não há trabalhos linguísticos nessa área, fixando-se, quase que exclusivamente, pesquisas voltadas para questões florestais, de botânica ou econômicas, com foco, principalmente na cadeia produtiva. Dessa forma, justifica-se nossa proposição em descrever e analisar, através do léxico especializado, o conhecimento procedente dessa atividade. Diante disso, esta pesquisa inova ao tomar conhecimento da terminologia que realmente circula na época atual, descrevendo a linguagem especializada que envolve os profissionais desse domínio, numa região de difícil acesso como a do Alto Trombetas, num espaço pluridimensional como a Amazônia. O estudo não se limita apenas em coletar os termos desse domínio, mas divulgar esse produto linguístico para que seja útil a profissionais de outras áreas do conhecimento.

Cumpramos referir, por fim, que o grupo de pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia, doravante, GeoLinTerm, coordenado pelo prof^o Abdelhak Razky, onde atuamos, conta com um número expressivo de pesquisadores, trabalhando com a descrição e documentação do português da Amazônia, contribuindo, portanto, na área da Terminologia, há mais de uma década, com enfoque metodológico na Socioterminologia, com pesquisas que destacam a biodiversidade da região, como por exemplo, o objeto de estudo em foco, a castanha-do-pará.

Os fundamentos que nortearam a pesquisa originam-se de uma proposta teórica-metodológica da Terminologia cujas bases são firmadas na Linguística, na Etnografia e nas teorias cognitivas e da comunicação. Este trabalho, portanto, situa-se no campo teórico da Socioterminologia com base nos constructos teóricos de (GAUDIN,1993) e (FAULSTICH, 1995a, 1995b, 2001, 2006, 2010, 2012), com vistas a dar conta da variação terminológica.

Quanto à organização dos capítulos, esta dissertação está dividida em três partes maiores: a revisão da literatura, a metodologia e o glossário. Na primeira, discorreremos acerca do desenvolvimento e estabelecimento dos estudos em Terminologia para fixar nossa pesquisa no quadro da Terminologia contemporânea, realizando uma incursão histórico-crítica acerca de suas bases teóricas, com o objetivo de mostrar como, a partir dos estudos terminológicos tradicionais pautados na padronização, surgiram novas propostas que passaram a entender os

estudos terminológicos num contexto de uso mais amplo. Prosseguindo à exposição, apresentaremos, de forma breve, um panorama dos estudos terminológicos no Brasil e na Amazônia paraense, onde se localiza o foco de nossa pesquisa, na perspectiva do Projeto GeoLinTerm.

Na sequência, dissertamos sobre a Socioterminologia, disciplina que considera a variação e a sinonímia na linguagem de especialidade. Procuramos mostrar, por meio dessa disciplina, que a ocorrência de variedades linguísticas também é comum no conhecimento especializado. Neste capítulo, além de fazermos uma reflexão teórica sobre a Socioterminologia, justificando a importância dela para o estudo do conhecimento especializado, procuramos também relacionar os conceitos com a nossa pesquisa.

A segunda parte está organizada em dois momentos: primeiramente, tratamos da contextualização da pesquisa, focalizando os aspectos relacionados ao domínio da atividade da castanha, como a produção no cenário nacional e regional, com a finalidade de justificar a importância de se fazer um estudo terminológico desse produto de grande importância na formação econômica, social e política da Amazônia. Logo após, apresentamos um breve histórico da localidade em que ocorreu o estudo, Oriximiná/PA, com destaque aos pontos de inquérito. Na sequência, descrevemos o percurso metodológico que orientou o desenvolvimento desse trabalho, partindo desde o planejamento e execução da pesquisa de campo. Nesse percurso expomos como ocorreu a delimitação do objeto de estudo e do público-alvo, as entrevistas, a transcrição dos dados para a ficha terminológica, a seleção do *corpus*, a definição do mapa conceitual, até à estruturação dos verbetes no glossário.

Na terceira parte, temos o glossário terminológico da castanha-do-pará composto de 496 entradas, estruturadas em ordem alfabética e relacionadas aos campos semânticos: *ecologia da espécie, práticas extrativistas, equipamentos e materiais, denominações da castanha, processamento industrial, comercialização* e os subcampos *abrigo e resíduos*. No final, constam algumas considerações acerca da dissertação. Nela apontamos as principais considerações do nosso estudo, enfatizando os aspectos teóricos, metodológicos e o produto final – glossário. Em seguida, apresentamos as referências que embasaram o estudo, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista metodológico.

Acreditamos, portanto, que a elaboração de uma obra terminográfica sobre a castanha-do-pará pode concorrer de forma representativa para o avanço dos estudos terminológicos na região amazônica paraense e para a divulgação do conhecimento fornecido pelo domínio especializado em análise, contribuindo, pois, com a comunicação entre os atraídos pela temática.

2 CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS DA TERMINOLOGIA

Neste capítulo, faremos, inicialmente, uma exposição acerca do desenvolvimento e estabelecimento dos estudos em Terminologia para situar nossa pesquisa no quadro da Terminologia atual, realizando uma incursão histórico-crítica acerca de suas bases teóricas, com o objetivo de mostrar como, a partir dos estudos terminológicos tradicionais pautados na padronização, surgiram novas propostas que passaram a entender os estudos terminológicos num contexto de uso mais amplo. Prosseguindo à exposição, apresentaremos, de forma breve, um panorama dos estudos terminológicos no Brasil e na Amazônia paraense, onde se localiza o foco de nossa pesquisa, na perspectiva do Projeto GeoLinTerm.

A Terminologia é tratada como uma *especificidade* dentro da Lexicologia, uma vez que tem como objeto de estudo as linguagens especializadas. Em sua recente constituição enquanto disciplina científica, no século XX, a Terminologia se estabelece como uma área teórica e aplicada com diretrizes e atividades regidas por diferentes objetivos e interesses sociais, apresentados no decorrer de seu desenvolvimento. Essa importante consolidação histórica nos permite destacar, por um lado, a origem e a evolução da Terminologia enquanto ciência e, por outro, o percurso teórico relacionado a escolas e teorias da terminologia.

A Terminologia¹ pode ser compreendido conforme Sager (1990) como disciplina que se ocupa do estudo dos termos especializados; como uma prática concebendo o conjunto de métodos utilizados em um trabalho terminológico e, por fim, como resultado gerado através da prática terminológica, representando um conjunto de termos de uma determinada área ou domínio.

Por ser uma disciplina em pleno desenvolvimento, portanto, observa-se o fato de que a Terminologia pode ser considerada por diferentes finalidades, métodos, escolas e perspectivas do objeto. A subseção a seguir ajuda compreendermos melhor essa abrangência.

2.1 Histórico da Terminologia

Krieger e Finatto (2004, p. 24) postulam que “a Terminologia, compreendida como léxico dos saberes técnicos e científicos, é inegavelmente uma prática antiga, posto que o

¹ Devido a polissemia do termo “terminologia”, é frequente entre os estudiosos da área, dentre eles Barros (2004), Krieger e Finatto (2004) escrever com (t) minúsculo o termo “terminologia” quando este se refere ao conjunto de práticas ou ao conjunto de termos de um domínio; e com (T) maiúsculo quando se refere ao campo teórico ou disciplina. De acordo com essa orientação, também adotamos esse procedimento em nosso trabalho.

conhecimento especializado não é fenômeno dos tempos atuais”. Existe desde os tempos mais remotos e desde então facilita a comunicação dos falantes que fazem uso da linguagem especializada. No ocidente, segundo Alves (1998), ela ganha destaque com os gregos e os romanos, que desenvolveram trabalhos na área da botânica, biologia, química, zoologia e medicina.

Barros (2004) corrobora esse ponto de vista destacando que, desde a antiguidade, o homem atribui nomes a tudo que está a sua volta e, influenciado pelo contato entre as civilizações, busca suprir a necessidade que possui em entender o universo nomeado pelos seres e inicia, então, a reunir palavras, nascendo assim, os primeiros dicionários. Os termos, portanto, que designam domínios especializados começam a merecer destaque. Do ponto de vista da evolução histórica da Terminologia, Barros (2004, p. 35) apresenta alguns dados pertinentes acerca dessa questão. Segundo a autora, baseada em Cabré (1993), a Terminologia é identificada em quatro períodos importantes para compreendermos sua origem e desenvolvimento.

O período entre 1930-1960, compreende as origens da Terminologia enquanto disciplina científica. Destaca, aqui, os nomes de Wüster na Alemanha e Lotte na ex-URSS com trabalhos delineados por pressupostos teóricos e metodológicos enfatizando “o caráter sistemático das terminologias”.

O segundo período que compreende os anos de 1960-1975, em razão do avanço significativo da informática, traz grandes mudanças resultando em novas perspectivas às pesquisas científicas. Em consequência, surgem os primeiros bancos de dados terminológicos com dimensões internacionais com base em uma abordagem normativa das línguas e terminologias.

De 1975 a 1985 é um período assinalado, principalmente, pelas implementações de políticas de planejamento linguístico e pela facilidade ao acesso da informática. Assim, os pesquisadores passam a ter condições melhores de trabalho no que tange ao levantamento e tratamento dos dados terminológicos.

Ainda a respeito da periodização proposta por Cabré que apresenta como último período os anos compreendidos de 1985 até os dias atuais, Barros (2004), levando em consideração a significativa evolução dos estudos terminológicos no âmbito mundial, destaca outro período marcado por grande expansão territorial e científica da Terminologia, compreendido entre os anos de 1985 a 1990. Época em que os estudos terminológicos, partindo da Europa expandem para a América Latina e países dos continentes africano e asiático. Momento em que são elaborados diversos projetos de obras terminográficas especializadas em diversas áreas,

ampliando, portanto, o contato entre pesquisadores da área terminológica. Desse feito, pois, a Terminologia rompe de forma intensa muitas fronteiras ampliando o número de estudos na área, em muitos países.

Por fim, o período de reflexão e mudanças de paradigmas que, segundo Barros (2004, p. 36), é um momento de revisão cujos [...] “pressupostos teóricos e metodológicos da Terminologia são colocados à prova” e são submetidos a revisões gerais em todo o mundo. Aparecem questionamentos ao modelo normalizador da Teoria Geral da Terminologia, doravante TGT, predominante nos estudos terminológicos naquele momento, que direcionam à Socioterminologia uma proposta de um novo paradigma, tendo como principal representante François Gaudin e pela Teoria Comunicativa da Terminologia proposta por Maria Teresa Cabré.

A partir dos trabalhos de Wüster, vários países se preocuparam com as questões terminológicas. Essas preocupações motivaram a criação de grupos que se configuraram na formação de diversas escolas terminológicas. Nessa perspectiva de desenvolvimento da área, a história da Terminologia moderna pode ser dividida em quatro vertentes ou escolas, conforme vemos em Barros (2004):

A *Escola de Viena* – 1930 – que estabeleceu as bases da Terminologia com a tese de doutoramento do representante máximo E. Wüster, cuja obra deu a base para a chamada TGT. Nesse período, um dos objetivos da Terminologia era eliminar a ambiguidade na linguagem técnico-científica, com o propósito de assegurar uma comunicação padronizada internacionalmente, e, conseqüentemente, a valorização da monossemeia do termo.

A *Escola Russa* que tinha a preocupação especial em determinar marcos teóricos e uma metodologia específica para os trabalhos terminológicos, teve como principal fundador o russo D. S. Lotte (1898-1950), responsável pelo Comitê de Normalização Terminológica do Instituto de Normalização Soviética, do Conselho de Ministros de União Soviética. Em Barros (2004) temos o destaque também à figura de E. K. Drezen, como membro do Comitê Soviético, contribuiu com propostas de novas diretrizes para o estudo das terminologias. Essa escola, de acordo com Pontes (1996) diverge em alguns pontos da escola de Viena. Para o autor, um aspecto que apresenta conflito entre essas duas vertentes, está relacionado à metodologia utilizada na construção do sistema nocional. Na medida em que Wüster propõe um sistema de definição que parte do conceito para o termo (onomasiológico), D. S. Lotte propõe que a base definicional, ao contrário, deve partir do termo para o conceito.

A contribuição da *Escola de Praga*, reconhecida por meio dos trabalhos desenvolvidos na Checoslováquia, constituiu, conforme Barros (2004, p. 52), importante centro de estudos

terminológicos com base na linguística funcional e as teorias saussurianas, cujo princípio fundamental “era considerar a língua em seu aspecto funcional, ou seja, como um instrumento de comunicação no seio da vida social”. Destaque para os trabalhos de L. Drozd que se ocupa intensamente da descrição estrutural e funcional da linguagem especializada.²

Por fim, baseada na linha que considera a realidade variacional do termo, a *Escola Ibero-americana* surge e destaca-se, a partir dos anos 90, notadamente pelo debate sistemático e crítico à TGT. Esta Escola tem como principais expoentes Maria Teresa Cabré e os pesquisadores do IULA/UPF – Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona.

Notadamente, os estudos realizados pelas três escolas a de Viena, a de Praga e a Russa, consideradas clássicas, são reconhecidos pelo pioneirismo e pela relevante contribuição de seus representantes ao estabelecer bases da disciplina, como é o caso de Wüster, e de D. S. Lotte que juntamente com Drezen, fez reflexões e apresentou diretrizes para o exame dos léxicos terminológicos Krieger e Finatto (2004).

Para melhor compreensão das linhas epistemológicas e metodológicas de cada uma das escolas terminológicas citadas, em seguida, serão apresentadas as teorias correspondentes, consideradas os principais marcos teóricos da Terminologia, a saber: a Teoria Geral da Terminologia, doravante TGT, proposta por Wüster e a Escola de Viena, pautada na univocidade do termo; a Socioterminologia, surgida na Escola Canadense que considera a variação lexical um fato social a ser levado em conta na produção terminológica e a Teoria Comunicativa da Terminologia, doravante TCT, representada por Maria Teresa Cabré e a Escola Ibero-Americana, enfocando as dimensões textual e discursiva dos textos.

2.2 A Teoria Geral da Terminologia (TGT)

A Teoria Geral da Terminologia teve como expoente o engenheiro austríaco Eugen Wüster com a defesa de sua tese de doutoramento intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik*, apresentada na Universidade de Stuttgart em 1931. Conforme Barros (2004), Wüster publicou, logo em seguida, uma obra baseada nos estudos de sua tese intitulada *Die*

² Utilizamos *linguagem especializada* no lugar de *linguagem de especialidade* por julgar conveniente a observação de Krieger e Finatto (2004, p. 342): “uso o termo linguagem especializada e não ‘linguagem de especialidade’, por entender que não haveria uma ‘posse’ estrita dessa linguagem pelo usuário ou pela área do saber/conhecimento. Entendo que é a linguagem que se faz diferenciada; ela se altera em alguns de seus formatos pela ação dos sujeitos envolvidos e pelas condições pragmático-linguísticas e situacionais da comunicação entre profissionais.” Quanto à utilização de *linguagem* e não *língua especializada*, compreende-se que as linguagens especializadas constituem conjunto da língua geral figuram um domínio especializado, sem sistema linguístico inerente (FAULTICH, 2010).

Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik.³ Esse livro também originou a criação da Associação Internacional de Padronização (ISA).⁴ Pela contribuição de seus trabalhos, Wüster é hoje conhecido como o fundador da Terminologia moderna.

Krieger e Finatto (2004) afirmam que os termos técnicos ou científicos, inerentes às linguagens especializadas, representam o objeto da TGT, entretanto, a meta principal da Terminologia, segundo a ótica de padronização do uso dos termos com o intuito de alcançar a univocidade, é a organização do conhecimento científico, que deve ser uno e fundamentado na Lógica e expresso por meio de uma linguagem internacional denotativa e precisa. Dessa forma, os termos não seriam vistos como pertencentes a uma língua natural, eles expressariam conceitos e não significados, pressuposto que mostra a não aceitação da variação na área da Terminologia que vista desta forma, a Terminologia é prescritiva e normalizadora.

Sob a perspectiva da institucionalização cognitiva, que é o momento em que uma dada ciência firmemente constituída “trabalha com a clareza das questões teóricas, epistemológicas, metodológicas e interdisciplinares” (SILVEIRA 2008, p. 41), é plausível considerar Wüster o mentor do presente processo científico no âmbito da terminologia, na medida em que teve êxito na corporação de pessoas que aderiram, e interiorizaram, às suas ideias epistemológicas e que, posteriormente, passaram a ser denominados de terminólogos em virtude do empenho de Wüster.

Como já dito, esse pesquisador estava mais preocupado com os métodos de compilação e padronização do que com a apresentação de uma teoria terminológica. As razões que o levaram a se interessar pela Terminologia são essencialmente práticas. Considera ainda que a Terminologia, por ir além da Linguística, constitui um ramo da Linguística Aplicada (WÜSTER, 1974 apud KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 21). Mesmo situando a Terminologia como ramo da Linguística Aplicada, Krieger e Finatto (2004, p. 21) consideram que

embora Wüster tenha definido a Terminologia como um ramo da Linguística Aplicada, preocupou-se em assinalar as diferenças básicas entre a própria Linguística e o campo terminológico, demarcando fronteiras entre as duas disciplinas. Nesse sentido, diferencia seus objetos de interesse: para a primeira, a língua geral em todos os seus aspectos; para a segunda, somente o léxico especializado.

De acordo com Cabré (2003, p. 165), Wüster estabeleceu três objetivos gerais:

³ *Normalização Internacional na Técnica especialmente na Eletrotécnica.*

⁴ A ISA (*International Federation of National Standardization Association*) foi o órgão que deu origem à ISO (*International standardization Organization*).

- Eliminar a ambiguidade das linguagens técnicas por meio da padronização da terminologia a fim de torna-la ferramenta eficiente de comunicação;
- Convencer a todos os usuários de linguagens técnicas dos benefícios da terminologia padronizada;
- Estabelecer a Terminologia como uma disciplina para todos os propósitos práticos e dar a ela o estatuto de ciência.⁵

Os estudos de Wüster, portanto, são guiados pelos princípios cognitivo e normativo. Os termos não são vistos como elementos naturais da língua e sim como elementos que servem para denominarem conceitos científicos. Embora seja à Teoria Geral da Terminologia que se atribui o marco teórico dos estudos terminológicos, como assinalam Krieger e Finatto (2004, p. 32):

a teoria wüsteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. Ao desenvolver importantes reflexões sobre a Terminologia como disciplina, bem como sobre as unidades terminológicas em muitas de suas feições, Wüster recorre a elementos da Linguística, ciência que integra a interdisciplinaridade com que concedeu a Terminologia.

Como vimos, a TGT apresenta uma estrutura caracterizada por uma “normatividade universal” e tem sua atuação vinculada às instituições nacionais e internacionais de normalização ou padronização terminológica, conforme discorre Finatto (2001, p. 91)

Os estudos terminológicos tradicionais nascem, assim, guiados pelo reconhecimento da necessidade de uma intervenção sobre a linguagem, de modo a evitar denominações coocorrentes e a confusão de conceitos na comunicação entre especialistas, técnicos e cientistas, preservando um ideal de univocidade.

Em síntese, os limites de alcance da TGT expressam o apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos, inerentes ao léxico das linguagens especializadas. Caracteriza-se, desse modo, um forte reducionismo diante do funcionamento da linguagem, aspecto que, inclusive, tornou-se um dos focos principais das críticas à TGT. Contudo, mesmo diante de um ideal terminológico disseminado pela TGT, forçando um controle sobre as formas de dizer no léxico especializado, Krieger (2001, p. 28) defende que

⁵ No original: “To eliminate ambiguity from technical languages by means of standardization of terminology in order to make them efficient tools of communication; 2. To convince all users of technical languages of the benefits of standardized terminology; 3. To establish terminology as a discipline for all practical purposes and to give it the status of a science.”

[...] o valor da TGT é incontestável, pois delimitou uma área de conhecimento, ao trazer à luz uma série de princípios que contribuíram, mesmo de forma restrita, para a compreensão da multifacetada natureza das terminologias.

Finatto (2001, p. 62) compartilha da mesma ideia afirmando que

a despeito de suas contradições, a Teoria Geral da Terminologia (TGT), na falta de substituto acabado, permanece um referencial importante no cenário dos estudos terminológicos, ainda que a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) se encaminhe para constituir uma alternativa linguística ou que, mesmo antes dela, a Socioterminologia pudesse ter se desenvolvido além do que já avançou.

Lima (2010, p. 42) acrescenta que

não será a Terminologia numa vertente normativa que irá contribuir com uma melhor comunicação e interação entre as várias áreas do saber. Se a Terminologia pretende contribuir para uma melhor comunicação científica e, sobretudo, com uma melhor comunicação entre as várias ciências, ela deve começar considerando a diversidade conceitual e denominativa, isto é, considerando a variação terminológica.

Porém, Sager (1990) nega o status independente da Terminologia como disciplina e justifica essa condição pela falta de uma literatura consistente que dê suporte à conferência da Terminologia como uma disciplina autônoma. Por isso situa-a no contexto da Linguística, da Ciência da Informação e da Linguística Computacional.

Como citado anteriormente, a TGT, também chamada de Terminologia clássica ou Terminologia da Escola de Viena, foi a primeira corrente teórica em Terminologia que se preocupou mais com aspectos conceituais que linguísticos.

Assim, surgiram novos enfoques terminológicos com o objetivo de atenderem aos aspectos que envolvem as terminologias, por considerar os pressupostos e princípios da TGT insuficientes. Várias abordagens foram contrapostas a esse modelo terminológico, na busca de soluções em modelos alternativos, como destacam Krieger e Finatto (2004, p.34):

na última década do século XX, a terminologia inicia um novo percurso em sua trajetória pautado pelo incremento de investigações terminológicas de bases linguístico-comunicacional. Os novos fundamentos levam em consideração o comportamento dos léxicos terminológicos no âmbito das comunicações especializadas.

Em 1990, surge, portanto, novas formas de se compreender o funcionamento dos termos. A Terminologia, a partir daí, tem seu papel redefinido, e instaura-se, dentre outras, uma perspectiva descritivista do termo. É nessa forma de pensar que aparecem os trabalhos de Boulanger (1995) e Gaudin (1993), desenvolvidos diante de severas críticas à política

normalizadora conferidos aos trabalhos terminológicos até então, consolidando os fundamentos da Socioterminologia que será descrita a seguir.

2.3 Socioterminologia e Variação Terminológica

Com o avanço das pesquisas e com a mudança de perspectiva no sentido de ser a totalidade do funcionamento da língua restituindo a sua dimensão social, surge a Socioterminologia, proposta por François Gaudin como reação à política normalizadora da Terminologia em âmbito internacional.

De acordo com Faulstich (1995a, p. 2) “a partir de então, vários são os linguistas que defendem o estudo e o registro social do termo, pois reconhecem que as terminologias estão abertas à variação”. Um dos linguistas, que subscreve a reflexão precedente é Gambier (1986), a quem Gaudin (1993, p. 67) atribui o mérito de tornar o termo socioterminologia “uma designação programática.”⁶

Conforme Gaudin (1993) o termo Socioterminologia aparece pela primeira vez em um pequeno artigo de Boulanger, publicado em 1981 no *Terminograme* do comitê de terminologia OLF (Office de La langue française), Quebec. O termo a que se refere foi utilizado por Lerat (1983) em uma comunicação, por ocasião do XVII Congresso Internacional de Linguística e de Filologia Romanas, conforme Faulstich (1995a).

Segundo Faulstich (2006, p. 29), em 1993, “ao publicar a tese de doutorado – ‘*Pour une socioterminologie: dès problèmes pratiques aux pratiques institutionnelles*’, Gaudin discute com mais pertinência a propriedade da Terminologia voltada para o social [...]” reconhecendo que os termos são suscetíveis à variação. Neste estudo, o autor apresenta as grandes linhas de evolução histórica da Terminologia moderna, discute acerca dos postulados da Terminologia tradicional e oferece-nos uma nova abordagem tendo em vista que a dimensão social da comunicação especializada não pode ser desvinculada do discurso em que os termos emergem. Nesta mesma obra, Gaudin (1993, p. 216) afirma que

[...] a Socioterminologia, com o suposto que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia “de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as do sucesso no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Estas práticas são essencialmente aquelas que se exercem nas esferas de atividade. Eis porque a

⁶ No original: “*une désignation programmatique.*”

Socioterminologia devia reencontrar as definições nos laços que se criam entre trabalho e linguagem.⁷

Para o autor, uma atitude linguística estuda os termos na sua dimensão interativa e discursiva, ou seja, estuda o funcionamento dos termos no terreno das contradições sociais, no sentido de investigar quem utiliza os termos, quem os inova, como são difundidos e como se operam os reajustamentos terminológicos. Essa postura, então, acarreta como primeira consequência o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas. Seu mérito foi considerar os princípios sociolinguísticos, assim, migrar para o tratamento dos dados terminológicos a oportunidade de descrever e analisar o léxico especializado em seu contexto real de uso. Isso provoca ruptura com a Terminologia tradicional que não considerava a presença da variação e, conseqüentemente, da polissemia e da sinonímia como aspectos importantes dos discursos especializados.

Ainda conforme Gaudin (1993, p. 11), ao realizar um trabalho terminológico, faz-se necessário grande parceria entre o linguista e o especialista cuja colaboração, nessa dupla competência, ocorre da seguinte forma: o linguista se familiariza com o domínio que estuda e o especialista adquire noções de linguística. O autor vai além e recomenda que a pesquisa seja desenvolvida em colaboração com os interessados, empresas, editores, especialistas, etc., para que se ajuste os produtos terminológicos às necessidades de seus usuários.

No Brasil, uma das principais expoentes da Socioterminologia é a professora Dra. Enilde Faulstich, da Universidade de Brasília, que desenvolve pesquisas acerca desse tema e acredita que o conceito de variação linguística, desenvolvido pela Sociolinguística, dá suporte à nova interpretação da variação terminológica.

Para Faulstich (2006, p. 29),

a Socioterminologia é, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade.

Enfatizando os desafios propostos pela Socioterminologia, então, Faulstich (1995a, p. 357) acrescenta que

⁷ No original: *C'est que la socioterminologie, pour peu qu'elle yeuille dépasser les limites d'une terminologie "greffière", doit replacer la genèse des termes, leur réception, leur acception mais aussi les causes de leur échec et les raisons de leur succès, au sein des pratiques langagières et sociales concrètes des hommes qui les emploient. Ces pratiques sont essentiellement celles qui s'exercent dans des sphères d'activité. C'est pourquoi la socioterminologie devait rencontrer les réflexions sur les liens qui se nouent entre travail et langage.*

[...] as terminologias devem ser investigadas em seus contextos próprios para que não se perca sua dimensão social. O trabalho terminológico de orientação socioterminológica resulta de uma tomada de posição epistemológica crítica. O que deve estar em evidência são as práticas linguísticas, e não só a língua e suas normas preestabelecidas, ou a ciência e a tecnologia e seus preceitos científicos.

De acordo com Faulstich (1995b) para que a pesquisa socioterminológica possa atender as diferentes diretrizes metodológicas de um trabalho terminológico postuladas pela Socioterminologia, deve-se levar em consideração:

- A identificação do usuário da terminologia a ser descrita;
- A adoção de uma atitude descritiva;
- A consulta de um especialista da área;
- A delimitação do corpus;
- A seleção e documentação bibliográfica pertinente;
- A precisão das condições de produção e de recepção do texto científico e técnico;
- A concessão, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica;
- O registro do termo e as variantes do termo.

A essa nova interpretação que se apresenta sobre o estudo do termo sob a perspectiva linguística na interação social, Faulstich (1995a, p. 27) declara que:

para falar de socioterminologia é preciso, antes de tudo, situar a terminologia no espaço da integração social. No Brasil, por exemplo, a história da terminologia se confunde com a formação da sociedade brasileira por meio da mistura de falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram. Vejam-se, nos dicionários, termos da fauna e da flora, como indicadores da terminologia indígena no português brasileiro [...]. Assim sendo, não é novidade dizer que a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana.

No avanço desse pensamento e com o objetivo em contribuir para o desenvolvimento das pesquisas terminológicas, a Socioterminologia obteve uma metodologia de pesquisa, ora apresentada por Faulstich (1995b, p.2-3):

- Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem.
- Socioterminologia, como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. Assim sendo, a pesquisa socioterminológica deve ter como auxiliar:
 - 1) os princípios da sociolinguística, tais como os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança;
 - 2) os princípios de etnografia: as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

Ciente dessa base metodológica, Faulstich (1995b), grifos originais, explica que a pesquisa Socioterminológica requer, então, procedimentos precisos, observando:

1. *As características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada:* tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem, por exemplo;
2. *As características do pessoal:* postos que ocupam; formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização;
3. *A competência e os usos linguísticos:* comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas;
4. *Registro da variação linguística na terminologia.*

Como se percebe, o enfoque passa a ser outro. Aquela visão prescritiva encontrada na Terminologia tradicional passa a ser descritiva. Ganha uma dimensão maior a necessidade de valorizar os termos no ambiente discursivo, pragmático e social, resultando, portanto, em uma abertura para o diálogo com outras áreas do saber, como a sociolinguística, por exemplo. Nesse sentido, a unidade terminológica é um resultado de uma construção e de uma apropriação do mundo real por parte do indivíduo. Porém, o indivíduo, na acepção socioterminológica não é o único elemento que contribui para a efetivação da construção da unidade terminológica, logo torna-se imperativo, como diz Gaudin (1993, p. 179) " Refletir sobre os níveis intermediários entre o locutor, sujeito de fala e a comunidade linguística que compartilha o uso da mesma língua ".⁸

Quanto às variantes linguísticas, Faulstich (1995a, p. 7) observa que

nos recentes estudos sobre terminologia sistemática, o termo perde cada vez mais sua característica de entidade unívoca, em favor de uma interpretação variacionista que considera as diversidades de comunicação entre pessoal de direção de setores administrativos, de setores de pesquisa, de produção e de comercialização dentro das empresas o meio mais adequado para a descrição dos termos científicos e técnicos.

Com base em cinco postulados, Faulstich (2010, p. 21-22), estabelece a sustentação de sua teoria em variação terminológica. São eles:

- a. dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorrreferencialidade, associando-se a estrutura a noção de heterogeneidade ordenada;
- b. abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;

⁸ No original: "*réfléchir sur des niveaux intermédiaires entre le locuteur, sujet de parole, et la communauté linguistique qui partage l'usage d'une même langue*"

- c. aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis;
- d. aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;
- e. análise da terminologia em co-textos linguísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.

Como podemos observar, o modelo teórico de variação terminológica de Faulstich, busca categorizar alguns conceitos importantes para os estudos do fenômeno da variação em linguagem especializada. A pesquisadora afirma, ainda, que o papel principal do trabalho terminológico deve ser o registro da variação terminológica e, por isso, defende que fatores linguísticos e extralinguísticos estão na base dessa variação. Por causa desses fatores, a autora entende que as variantes terminológicas podem ser linguísticas e de registro. Faulstich (2001, p. 23, grifos originais) descreve que

as **variantes terminológicas linguísticas** são aquelas em que o fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação. **As variantes terminológicas de registro** são aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos.

Baseada nessa dicotomia variacionista, Faulstich cria um constructo teórico, no qual, a partir da relação conceitual entre os termos, classifica as variantes em três categorias: *concorrente*, *coocorrente* e *competitiva*. Faulstich (2001, p. 31-33, grifo original) escreve que

as variantes *concorrentes* são aquelas que podem concorrer entre si e permanecer como tais, no estrato, ou que podem concorrer para a mudança. As variantes *coocorrentes* são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mesma mensagem a coesão lexical. As variantes *competitivas* são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A.

A partir dessas categorias, Faulstich (2001, p. 27) classifica, portanto, a variação terminológica em variante formal (linguística e de registro), sinonímia e de empréstimo. Assim, representadas, no quadro a seguir:

Quadro 1: Variantes Terminológicas

VARIANTES		
CONCORRENTES	CO-OCORRENTES	COMPETITIVAS
<ul style="list-style-type: none"> • Linguísticas: -fonológicas -morfológicas -sintáticas -gráficas -lexicais • Registros -geográficas -discursivas -temporais 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinônimo 	<ul style="list-style-type: none"> • Empréstimos, linguísticos e estrangeirismos.

Fonte: Faulstich, 2001.

Mais especificamente, Faulstich (2001, p. 36), aponta que as **variantes terminológicas linguísticas**, dividem-se em:

1. **Variante terminológica fonológica**, a que a escrita pode surgir de formas decalcadas da fala, como em *portfólio* em relação a *porta-fólio*. [...]
2. **Variante terminológica morfológica**, a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere, como em *bactéria avirulenta* e *bactéria não virulenta*, na linguagem de cultura de tecidos. [...]
3. **Variante terminológica sintática**, em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma UTC, como em *vetor de clonagem gênica* e *vetor de clonagem de genes*, linguagem de melhoramento das plantas. [...]
4. **Variante terminológica lexical**, em que algum item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa (UTC) sofre apagamento, mas o conceito do termo não se altera, como em *melhoramento genético de plantas* e *melhoramento // de plantas*. [...]
5. **Variante terminológica gráfica**, a que se apresenta sob forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua, como *pólen* e *polem*, na linguagem da botânica [...]

Já as **variantes terminológicas de registro**, conforme Faulstich (2010, p. 37) classificam-se em três tipos⁹, a saber:

1. **Variante terminológica geográfica**, aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões de que se fala a mesma língua. Pode decorrer ou de polarização de comunidades linguísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influência que cada região sofreu durante sua formação. [...]
2. **Variante terminológica de discurso**, a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos, podendo ser estes mais ou menos formais. [...]. Este tipo de variante ocorre no plano vertical do discurso de especialidade.

⁹ Conforme Faulstich (2010, p. 32), a classificação proposta em 1995 passou por uma revisão que resultou na eliminação da variante *socioprofissional*, por se considerar que “todo termo, pelo fato de ser oriundo das linguagens de especialidade, pertence a essa esfera.”

3. **Variante terminológica temporal**, aquela que se configura como mais usual no processo de variação e mudança, em que duas formas (x e y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida.

As variantes terminológicas linguísticas são aquelas que o fenômeno linguístico é o motivador da variação. Enquanto que as variantes terminológicas de registro são aquelas em que os usos linguísticos dos termos em ambiente de ocorrência, nos planos horizontal, vertical e temporal, são causadores da variação.

As variantes terminológicas competitivas são aquelas em que os elementos lexicais de línguas distintas, relacionam-se pelo significado, ou seja, caracterizam-se pela coexistência de duas ou mais lexias em razão de empréstimos de outros idiomas. A esse respeito, Faulstich (2010, p. 39) considera que:

As variantes competitivas são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, [...]. Os empréstimos linguísticos são itens lexicais que se originam de línguas estrangeiras e, depois, no contexto social da língua recebedora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular equivalente, por causa do ambiente linguístico estranho à sua permanência natural.

De outra forma, Faulstich (2010) apresenta as variantes coocorrentes. São aquelas que possuem duas ou mais denominações para um mesmo referente. Elas carregam em si a tarefa de fazer progredir o discurso organizando a coesão textual na mensagem.

Ao apresentar a Teoria da variação em Terminologia, Faulstich (2010) explica que o seu interesse é analisar de que forma o processo de variação dos termos ocorre na língua e identificar quais lugares eles ocupam no discurso quando contextualizados.

Em face de muitas discussões por estudiosos acerca do fenômeno da sinonímia nas linguagens especializadas, acreditamos ser necessário referir, de forma sintetizada, sobre esse assunto nos referenciais teóricos.

À princípio, a sinonímia teve um conceito com base numa perspectiva prescritivista, advinda dos pensamentos wusterianos que a julgavam uma *identidade conceitual*. Nessa mesma ideia os estudiosos da Escola de Moscou conceituavam a sinonímia como um *fenômeno de atribuição de vários termos para um mesmo conceito*. Porém, ela passou a ser vista de forma heterogênea com os estudos de normalização terminológica em Quebec, no Canadá. A partir desse momento, a ideia de sinonímia passou a ser vista diferente da proposta defendida pela TGT, sendo utilizada de forma mais aprofundada nos trabalhos que se seguiram com uma abordagem, agora, descritivista.

Para Faulstich (2010, p. 40), a sinonímia terminológica é

um processo em que dois ou mais termos com relação de sentido idêntica podem *coocorrer* num mesmo contexto, sem que haja alteração no significado textual e discursivo. A sinonímia terminológica discursiva tem por função produzir a coesão textual, além de ser um dos mecanismos de ampliação vocabular.

Decorre daí, segundo Faulstich (2010, p. 43), que a sinonímia é compreendida, ao confirmar que, mesmo ela estabelecendo relação semântica de equivalência do significado das unidades lexicais envolvidas, não existem sinônimos perfeitos. Vai além, mostrando que essa relação de equivalência ocorre pela seleção de unidades no plano paradigmático da língua e pelo emprego da unidade selecionada para o preenchimento da lacuna semântica na estrutura sintagmática do texto.

Para Auger e Boulanger (1997) a variação é um processo natural das terminologias, motivado, entre outros, por questões sociais, já que afirmam a presença da sinonímia nas terminologias e dedicam diversos estudos ao fenômeno, apresentam, inclusive uma tipologia para os casos de sinonímia.

Araújo (2006, p. 62) contribui de forma relevante ao analisar que:

Para Auger e Boulanger, assim como para Cabré, a sinonímia é uma das formas de expressão da variação; a outra é a polissemia. Para Faulstich, entretanto, apesar de em algumas partes de seu texto ela também fazer essa afirmação, encontra-se uma distinção clara entre variante terminológica (termo usado pela autora para designar o resultado de uma variação que ocorre quando há mais de um termo para denominar um conceito) e o sinônimo terminológico. Essa distinção, segundo a terminóloga, ocorreria pelo fato de a variante terminológica ser uma forma concorrente e o sinônimo terminológico ser uma forma coocorrente.

Na concepção socioterminológica, a sinonímia é colocada no quadro da variação linguística e se mostra como uma variante semântica. Assim é utilizada neste trabalho e, no glossário desta pesquisa, aparece no campo das variantes terminológicas.

Após essa explanação, inferimos que o estudo da variação terminológica, não pode ser desvinculado da prática terminológica, uma vez que a Socioterminologia tem bases em estudos teóricos do texto e do discurso que consideram nociva a ideia de estudar a linguagem fora de seu contexto de interação social. Logo, considerando nosso objetivo principal que é o de construir um glossário proveniente do discurso oral de profissionais que estão envolvidos direta e indiretamente com a atividade da castanha-do-pará, dentro de um contexto linguístico e social, julgando o fenômeno da variação manifestado por esse discurso, destacamos a relevante contribuição que a abordagem teórico-metodológica da Socioterminologia traz para nosso trabalho como pressuposto escolhido para conduzir nossa pesquisa.

2.4 Os Produtos Terminográficos

Outro aspecto importante que deve ser observado no trabalho terminológico é quanto à tipologia de dicionários e glossários, visto que essa tipologia se apresenta bastante complexa. Conforme o tipo de repertório, os documentos de referência de Terminologia possuem organizações próprias. Porém, ao ligar o posicionamento teórico com a prática terminológica, manifestam-se inúmeros problemas, cuja classificação é definida por cada estudioso. Essa classificação particular de cada teórico, muitas vezes, resulta em diferentes obras terminológicas com a mesma designação. Com isso, a dificuldade em determinar uma diferença entre *vocabulário*, *léxico*, *dicionário* e *glossário*.

Faulstich (1995b, p. 6) apresenta uma lista tipológica de repertórios lexicográficos e terminológicos, da qual mostramos um recorte com os mais relevantes.

Dicionário - Repertório de unidades lexicais que contém informações de natureza fonética, gramatical, conceitual, semântica, referencial.

Dicionário de língua - Dicionário que contém informações fonéticas, gramaticais, semânticas acerca das unidades lexicais de uma língua.

Dicionário geral - Dicionário de língua que descreve as unidades lexicais de uma língua.

Dicionário especial - Dicionário de língua que descreve unidades lexicais selecionadas por algumas de suas características. Ex.: dicionário de sinônimos, dicionário de gira etc.

Dicionário unilíngue - Dicionário cujas unidades são apresentadas e descritas na língua à qual elas pertencem.

Dicionário multilíngue - Dicionário cujas unidades são apresentadas e por vezes descritas em duas ou mais línguas.

Dicionário terminológico - Dicionário que apresenta a terminologia de um ou de vários domínios. Um dicionário terminológico de um só domínio comporta geralmente um alto grau de exaustividade.

Vocabulário alfabético - Vocabulário apresentado em ordem alfabética com ou sem remissivas.

Vocabulário sistemático - Vocabulário apresentado em ordem sistemática e geralmente acompanhado de um índice.

Léxico - Repertório que inventaria termos acompanhados de seus equivalentes de uma ou várias línguas e que não comporta definições. Os léxicos contêm geralmente um só domínio.

Glossário - com três tipos de repertório:

a) que define termos de uma Área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.

b) em que os termos, normalmente de uma Área, são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. Os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia, variante (s) e equivalente (s).

c) em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência.

Cada uma dessas obras tem objetivo de partilhar o conhecimento terminológico, cada uma com sua característica estrutural própria. O glossário, por exemplo, apresenta três padrões

estruturais e metodológicos. Já o dicionário apresenta uma estrutura minuciosa, mais exaustiva, extensa em relação às informações conceituais e linguísticas.

Para alcançar a composição do verbete, em qualquer obra terminográfica, o pesquisador realiza seu estudo com base em uma metodologia, fixando uma metalinguagem inerente, que comprove o exercício de elaborar referências especializadas.

De acordo com Faulstich (1992), com o intuito de facilitar a consulta à obra terminográfica, a macroestrutura é organizada de forma a explicar essa obra, podendo apresentar três configurações, a saber: entrada do verbete em ordem alfabética; entrada do verbete agrupada por campo lexical e ordem alfabética; entrada dos verbetes agrupadas em hipônimos, hiperônimos e sinônimos.

Faulstich (2010) observa que a microestrutura é uma composição que tem a finalidade de descrever o verbete e se apresenta da seguinte forma: a) + entrada; b) ± categoria gramatical; c) + gênero; d) ± variante; e) ± sinônimo; f) ± área de conhecimento ou domínio; g) + definição; h) ± fonte da definição; i) + contexto; j) + fonte do contexto; k) ± remissivas; l) ± nota; m) ± equivalentes.

Vale lembrar, que nem sempre todos esses componentes ocorrerão numa obra terminográfica, nem mesmo aparecerão nessa ordem. Pois depende da tipologia de cada obra escolhida por cada pesquisador, como por exemplo, os trabalhos que utilizam o discurso oral, com recolha de dados através da fala vão apresentar configurações diferenciadas daqueles que se utilizaram do texto escrito.

Considerando essas definições e características dos repertórios que a pesquisadora apresenta e os objetivos desta investigação, ressaltamos que, o produto concebido por esta pesquisa adapta-se ao entendimento da segunda definição e recobre todas as características do glossário que elaboramos, posto que, os termos da área especializada da castanha-do-pará, no *corpus* oral analisado, são dispostos em ordem alfabética, trazem informação gramatical, contexto de ocorrência e remissivas.

Cabe destacar também, a orientação de Barros (2004) ao afirmar que a produção de toda obra terminográfica deve obedecer a um plano de trabalho previamente traçado observando algumas considerações que delineiam o cuidado e a responsabilidade que o terminólogo necessita para desenvolver qualquer trabalho que tenha como objetivo descrever e analisar termos relacionados a quaisquer atividades técnicas. O especialista deve conhecer o objeto de sua análise, interagir com os usuários e perceber a importância de se produzir um glossário que trata de um conhecimento especializado. Por isso, é essencial o terminólogo seguir as

orientações da ISO¹⁰ para que de fato o produto terminográfico possa circular na sociedade, servindo de fonte de pesquisa para os usuários.

Em tese, nota-se que a Socioterminologia no âmbito teórico se preocupa com o termo em situação de interação, porém com uma visão prática, essa nova corrente vai estudar o funcionamento dos termos e sua situação de circulação na linguagem especializada. Nesse sentido, ao situar a variação linguística como um fato relevante na língua especializada, a Socioterminologia firma novo modo de pensar a Terminologia, abrindo caminho para outras teorias variacionais do termo, como a TCT que será descrita a seguir.

2.5 Teoria Comunicativa da Terminologia

A Teoria Comunicativa da Terminologia, por outro lado, apresenta outros *caminhos* para o tratamento da variação no discurso especializado. Essa teoria também parte do reconhecimento de que o fenômeno da variação é característico de todo processo comunicativo. A proposta estabelecida por Cabré (1999) introduz as bases de uma teoria que integra a dimensão linguística das terminologias, que abre possibilidades de aplicações da disciplina, como observado em Cabré (2000, p. 120):

A teoria que propomos pretende dar conta dos termos como unidades singulares e, em algumas vezes, similares a outras unidades de comunicação, dentro de um sistema global de representação da realidade, admitindo a variação conceitual e denominativa, considerando a dimensão textual e discursiva dos termos.¹¹

Maria Tereza Cabré, precursora da Teoria Comunicativa da Terminologia, consolida-se, pioneiramente, com proposições teóricas que não apenas privilegia a natureza linguístico-comunicativa dos termos, como postula sua característica poliédrica. Cabré (2003, p. 182-183, tradução nossa) define a Terminologia como “[...] um conjunto de necessidades, um conjunto de práticas para sanar essas necessidades, e um campo unificado de saberes [...] que os elementos da terminologia são as unidades terminológicas. ” As unidades terminológicas são objeto de estudo da Terminologia, por isso, devem por si mesmas transmitir o conhecimento especializado de uma área particular. Por essa razão, a autora chama a atenção para o fato de que toda área tecnológica e científica necessita de uma Terminologia. A autora ainda afirma

¹⁰ A ISO (International Standardization Organization) é uma instituição internacional de prestígio que se dedica às normalizações técnicas para a elaboração de glossários e dicionários (KRIEGER; FINATTO, 2004).

¹¹ No original: La teoría que proponemos pretende dar cuenta de los términos como unidades singulares y a La vez similares a otras unidades de comunicación, dentro de un esquema global de representación de la realidad, admitiendo La variación conceptual y denominativa, y teniendo en cuenta la dimensión textual y discursiva de los términos.

que “[...] as unidades terminológicas são, por sua vez e ao mesmo tempo, as unidades do conhecimento e as unidades da comunicação. ”

A TCT não despreza o nível conceitual, mas vai além, ou seja, abrange outras dimensões como a comunicacional e a linguística. Segundo Cabré (2003), a comunicação especializada não mantém um estado completamente diferente do que mantém a comunicação geral, e o conhecimento especializado não é uniforme nem está totalmente separado do conhecimento geral em todas as situações de comunicação. Por isso, afirma que a Terminologia não pode ser estudada de forma autônoma, alheia às teorias que se propõem a explicar a comunicação e a cognição. Assim, para essa autora, a Terminologia é um campo de conhecimento necessariamente interdisciplinar que deve integrar aspectos cognitivos, linguísticos, semióticos e comunicativos às unidades terminológicas

Para a TCT a variação é um princípio universal das unidades terminológicas, porém, como alerta Cabré (1999, p. 85), “todo processo de comunicação comporta inerentemente variação, explicitada em formas alternativas de denominação do mesmo significado (sinonímia) ou em abertura significativa de uma mesma forma (polissemia). ”¹² Depreende-se com essa ideia que, para a autora, tanto a polissemia quanto a sinonímia são fenômenos naturais às terminologias, derivados das diferentes condições de produção e de circulação de um discurso especializado, de períodos e espaços diferentes, de diferentes graus de formalidade a que estão sujeitos os usuários de uma linguagem especializada. Cabré (1993, p. 216) acrescenta, porém, que, apenas as unidades formais, que têm equivalência semântica e que pertencem a mesma variedade formal dentro de um mesmo período histórico, são sinônimas em Terminologia.

Esse tema também é abordado, de forma aproximada ao pensamento de Cabré, no que diz respeito a esse distanciamento entre sinonímia e variação e quanto à incipiência da metodologia nos estudos variacionistas em Terminologia, em Rousseau (1996, p 26):

As variações terminológicas vão bem além do fenômeno mais conhecido da sinonímia. Com efeito, se, como é admitido geralmente em Terminologia, os sinônimos são termos intercambiáveis em um mesmo domínio e nas mesmas circunstâncias de comunicação, não se pode aplicar ao fenômeno da variação a mesma grade de análise que no caso da sinonímia. Resta encontrar uma metodologia da variação terminológica, tanto para sua descrição quanto para seu tratamento em contexto de organização.¹³

¹² No original: Todo proceso de comunicación comporta inherentemente variación, xplicitada em formas de denominación del mismo concepto (sinonímia) o em apertura significativa de uma misma forma (polissemia).

¹³No original: Ces variations terminologiques vont bien au-delà du phénomène mieux connu de la synonymie. Em effet, si, comme on ladmet généralement em terminologie, les synonymes sont des termes interchangeables dans im même domaine et dans les mêmes circonstances de communication, on ne peut appliquer au phénomène de lá cas de la synonymie. Il rest à trouver une méthodologie de la variation terminologique, tant pour as description que pour son traitement em contexte d’aménagement.

De fato, a TCT designa fundamentos mais amplos e flexíveis para a Terminologia, operacionalizando e fortalecendo-a para a construção de seu objetivo – estudar e descrever completa e adequadamente os objetos terminológicos, abrindo possibilidades para o tratamento de realidades distintas.

Pelas considerações supracitadas, percebemos a abrangência da Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré, no que diz respeito ao estudo das linguagens especializadas, que, pelo viés da dimensão comunicacional, não se atualiza apenas na comunicação entre os especialistas, mas em diversos níveis de especialidade, de acordo com os sujeitos que dela participam. Nessa perspectiva, os fenômenos da polissemia – de dimensão conceitual – e da variação – de dimensão pragmática – têm espaço para análise e aproximam os termos dos itens lexicais da língua comum, confirmando a necessidade de uma base linguística para o estudo das unidades terminológicas. O que já ocorre, como esclarecem Krieger e Bevilacqua (2005, p. 02):

Um aspecto essencial a ser observado no conjunto das pesquisas terminológicas no Brasil é o traço comum que as reúne, qual seja, o de adotarem uma visão linguística, consoante seja com a Teoria Comunicativa da Terminologia, seja com a Socioterminologia, com a Teoria Sociocognitiva. Esta unidade epistemológica caracteriza a produção do país, independente da diversidade de temas e propósitos específicos de cada trabalho. Trata-se de um posicionamento diante do léxico especializado que tem predominado, mais pontualmente, a partir de 1995, e que permite constatar que, apesar das primeiras reflexões sobre o léxico especializado beberem na fonte da escola de Viena, houve um redirecionamento de rumos influenciado pelas “novas” teorias do mundo latino, as quais muito contribuíram para a elaboração de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

Ao tomar os pressupostos teóricos da TCT, é necessário considerar as características, as peculiaridades e as funções do termo, sempre partindo do contexto temático da área de conhecimento a ser descrita Cabré (2003).

Com isso, podemos afirmar que, os produtos terminológicos exercem um papel importante na difusão de conceitos pertencentes as mais diferentes áreas do conhecimento, constituindo-se em interessantes fontes de consulta tanto para especialistas como para consulentes comuns interessados pelas pesquisas terminológicas. Diversos trabalhos de graduação e pós-graduação, realizados por universidades em todo o país, trazem glossários como produtos que envolvem diversos campos especializados, corroborando, pois, com a relevância desse tipo de trabalho. Apresentamos na subseção, a seguir, uma breve explanação dos estudos desenvolvidos na área de Terminologia no Brasil, com destaque à elaboração de glossários no âmbito do projeto GeoLinTerm.

2.6 A pesquisa terminológica no Brasil

Krieger (2011) afirma que, no Brasil, as pesquisas terminológicas tiveram um avanço significativo nas últimas décadas. Desde a década de 80, no século XX, existia um eixo terminológico bem definido. Com preocupações voltadas à produção de glossários, acompanhadas ainda por reflexões sobre o léxico especializado, a Universidade de Brasília destacava-se com os estudos liderados pela prof.^a Dra. Enilde Faulstich, originando-se daí o Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Lexterm). Um organismo voltado à pesquisa científica e técnica e à formação de pós-graduados. Tem como meta o desenvolvimento de novas ideias e a difusão desses conhecimentos na Língua Portuguesa e em outras línguas.

A Terminologia é desenvolvida também na Universidade de São Paulo (USP). Em 1992, a USP constituiu o Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT), com destaque para as atuações das professoras Maria Aparecida Barbosa e Ieda Maria Alves, cujos trabalhos são essenciais no crescimento dos estudos terminológicos, incluindo a interface Terminologia/neologia. Com estudos voltados para a interface Terminologia/tradução, aparece a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRIO). A Universidade Federal do Rio grande do Sul, com o projeto TERMISUL, trabalha na elaboração de glossários e dicionários especializados bilíngues (português-espanhol) – intercomunicação entre os países do MERCOSUL. E, por fim, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) veio contribuir com pesquisas sobre formações neológicas do português contemporâneo.

De acordo com Almeida (2009) esse eixo geográfico é considerado pioneiro da Terminologia no Brasil. Oportuno destacar, contudo, que as universidades brasileiras exerceram papel fundamental no desenvolvimento da área, principalmente no nível de pós-graduação. Outro fato importante foi a proposta do Grupo de Trabalho (GT) Lexicologia e Lexicografia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, doravante ANPPOLL, fundado em 1986.

Nesse sentido, podemos afirmar que, ANPPOLL e universidades brasileiras juntas, naturalmente, foram motivadoras para o crescimento das pesquisas terminológicas, principalmente por universidades que tinham ou passaram a ter programas de pós-graduação, que realizavam e ainda realizam estudos no âmbito dos termos, fraseologias, definições terminológicas, textos especializados, dentre outros.

Há um grande número de universidades que fazem pesquisas em terminologia. Além das supracitadas, passam a realizar estudos em Terminologia como a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual de São Paulo

(UNESP) – Araraquara e São José do Rio Preto, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de Uberlândia – em Minas Gerais, Universidade Federal do Pará. Assim o quadro das universidades foi crescendo significativamente, como mostra o quadro a seguir com dados do diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil, hospedado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), certificado até o mês de dezembro de 2015, por meio de pesquisa realizada, há, atualmente, 16 grupos de pesquisas ligados à Terminologia. São descritos na tabela 1 na ordem de ano de formação:

Tabela 1. Grupos de pesquisas ligadas à Terminologia no CNPQ

GRUPO DE PESQUISA	INSTITUIÇÃO/ANO	LÍDER/ES	ÁREA
TERMISUL-Projeto Terminológico Cone Sul	UFRGS/1991	Cleci Regina Bevilacqua Patrícia Chittoni Rnillard	Linguística
Grupo de Pesquisa em terminologia	UFSCAR/1999	Gladis Maria de Barcellus	Linguística
LEXTERM-Léxico e Terminologia	UNB/1999	Enilde leite de Jesus Faulstich	Linguística
Grupo de Estudos e Pesquisas em Lusofonia	UFMA/1999	José de Ribamar Mendes Bezerra Conceição de maria de Araújo Ramos	Linguística
GEOLINTERM-Geossociolinguística e Socioterminologia	UFPA/1996	Abdelhak Razky Marilúcia Barros de Oliveira	Linguística
Tradução, Terminologia e Corpora	UNESP/2002	Diva Cardoso de Camargo	Linguística
Estudos do Léxico e da Tradução-GELTRA	UNESP/2004	Lídia Almeida Barros	Linguística
GruMEL- Grupo Mineiro de Estudos do Léxico	UFMG/2004	Maria Cândida Trindade Costa de Seabra	Linguística
NUTERM- Núcleo de Pesquisa em Léxico Geral e Especializado do Português Contemporâneo	UEM/2004	Manoel Messias Alves da Silva Jaqueline Ortelan Maia Botassani	Letras
Lexicologia, Terminologia e Ensino- LETENS	UECE/2006	Antônio Luciano Pontes Márcio Sales Santiago	Linguística
TermiLex- Grupo de Pesquisa em Terminologia e Lexicografia	UNISINOS/2006	Maria da Graça Krieger Márcio Sales Santiago	Linguística
GELC- Grupo de Estudos de Linguística de Corpus	PUC/SP/2008	Antônio Paulo Berber Sardinha	Linguística
Pesquisa Terminológica no IFB	IFB/2010	Cleide Lemes da Silva Cruz	Linguística
Terminologia e Tradução	UNB/2010	Alice Maria de Araújo Ferreira	Letras
GELCORP-SUL- Grupo de Estudos em Linguística de Corpus do Sul	UFRGS/2010	Maria José Bocorny Finatto Ana Eliza Pereira Bocorny	Linguística
LexFras-Lxicologia, Lexicografia, terminologia e Fraseologia	UEG/2012	Huélinton Cassiano Riva Kely Araújo Melo	Linguística

Fonte: <http://dgp.cnpq.br/>, 2015.

Como resultado desse crescimento, muitas pesquisas já foram realizadas, gerando diversos temas de interesse da Terminologia, por meio de dissertações, teses, publicações de

livros e revistas especializadas no assunto, trazendo discussões acerca do léxico especializado de variados domínios, em muitos centros de pesquisa no Brasil. Sem deixar de mencionar também, os trabalhos de conclusão de curso de graduação que passaram a focalizar questões terminológicas também.

Na região norte do país, os estudos de base terminológica têm ganhado espaço significativo. No Estado do Pará, por exemplo, destacamos os trabalhos realizados no Programa de Mestrado e Doutorado em Linguística da Universidade Federal do Pará – UFPA, por meio do grupo de pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia, ligado ao Laboratório de Linguagem da UFPA, coordenado pelo prof^o Dr. Abdelhak Razky. Reúne diversas problemáticas que estão distribuídas em cinco eixos de investigação: o Atlas Linguístico do Brasil – Regional Norte (ALiB-Norte); o Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA); os Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil (ALiN); Terminologia e Socioterminologia no Brasil (SocioTerm) e Atlas Linguístico das Línguas Indígenas do Brasil (ALSLIB).

O SocioTerm, desde 1999, desenvolve no âmbito do ALiPA (Projeto de onde se originou o GeoLinTerm), diversos trabalhos na área da Terminologia, com enfoque metodológico na Socioterminologia. Esses trabalhos descrevem a língua especializada de várias áreas da atividade econômica e sociocultural da região Amazônica, tais como a atividade do caranguejo, da pesca, da festa do Sairé, da carpintaria naval, da cerâmica marajoara, do alumínio, do cacau, da farinha de mandioca, da meliponicultura, da madeira etc.

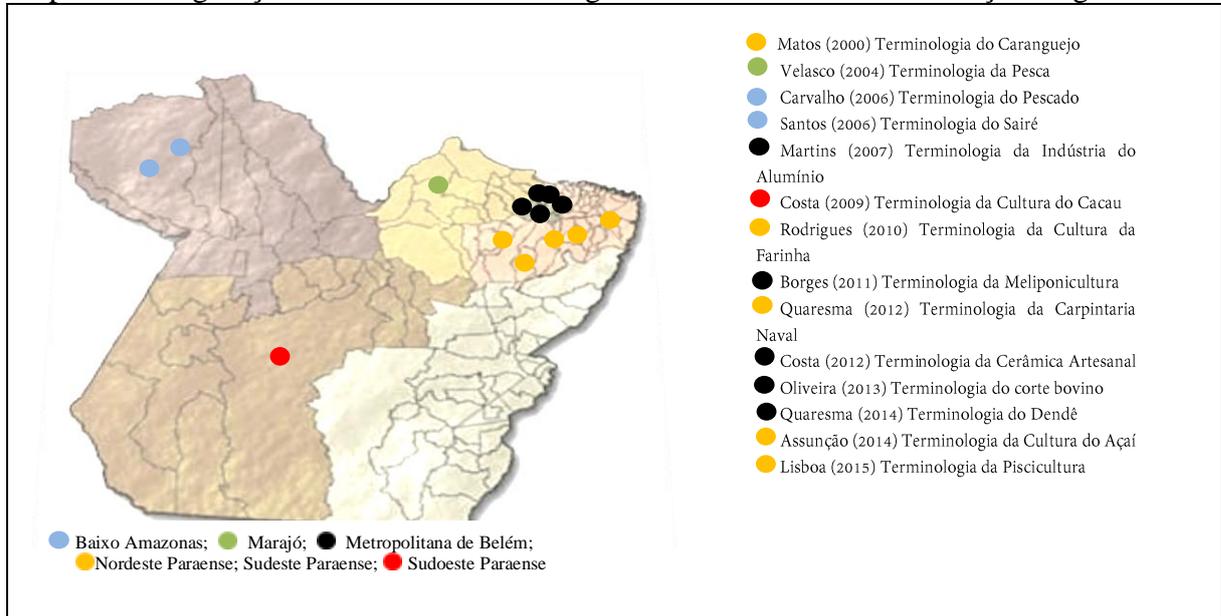
À princípio, os objetivos desses trabalhos estavam focados no âmbito regional, mas, com a publicação das teses Socioterminologia da Indústria Madeireira (LIMA, 2010) e Terminologia do Alumínio (MARTINS, 2015)¹⁴, e com mais, pelo menos, três outras em andamento, ampliou-se o escopo desses objetivos para o restante do Brasil. O SocioTerm foi desenvolvido até agora integrado à dimensão lexical do projeto ALiPA, embora com objetivos específicos. Ocupa-se da elaboração de glossários e dicionários da língua especializada, de atividades econômicas e socioculturais locais, que estão sendo ampliados agora para dar conta de domínios de especialidade de âmbito nacional.

Como se vê, o mapa dos estudos terminológicos no grupo de pesquisa GeoLinTerm mostra-se bastante diversificado, com investigações que, além de adotarem uma visão linguística, alinhado, seja com a Teoria Comunicativa da Terminologia, seja com a Socioterminologia, priorizam temáticas voltadas à realidade local, as quais muito contribuíram para a elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Hoje, os estudos

¹⁴ As pesquisas de Lima (2010) e Martins (2015) foram co-orientadas também pelo prof^o Dr. Abdelhak Razky.

terminológicos, especificamente na elaboração de glossários, apresentam-se como mostra o mapa a seguir:

Mapa 1. Configuração dos estudos terminológicos no GeoLinTerm: elaboração de glossários.



Fonte: elaborado pela autora.

Como representado no mapa 1, percebemos um vasto trabalho trazendo um resultado prático, por meio de glossários, em sua maioria, ancorados nos conhecimentos advindos da Socioterminologia, abrangendo cinco mesorregiões do Estado do Pará, com concentração maior de pesquisas realizadas nas mesorregiões nordeste e região metropolitana de Belém. Dessa forma, diversas terminologias foram descritas e analisadas delineando uma parte do mosaico que se estabelece no léxico especializado da região. São 14 glossários já concluídos e outros em andamento, como este que se apresenta, desenvolvidos no âmbito do projeto SocioTerm, em pesquisas de mestrado e doutorado.

Por fim, acreditamos que todos esses trabalhos vêm auxiliando, no decorrer do tempo, à consolidação das bases de pesquisas terminológicas no campo do ALIPA e, além disso, impulsionando o desenvolvimento de pesquisas desse porte na região norte. Por esse ângulo, nosso trabalho, sobre a terminologia da castanha-do-pará, tem o propósito de contribuir com o que se tem realizado, até aqui, para o reconhecimento da certificação socioterminológica presente na linguagem especializada no Estado do Pará. Contribuir, também, para a consolidação, bastante relevante e necessária, dessa área de estudos em nossa região, cuja biodiversidade origina-se de diversos domínios especializados.

3 CONTEXTO E METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, versamos, inicialmente, sobre o contexto da pesquisa. Nosso propósito é apresentar alguns dados e informações que mostram a importância social e econômica da castanha-do-pará, enquanto produto de exportação da Amazônia. Tecemos um breve histórico acerca da produção da castanha-do-pará no Brasil, destacando o processo da cadeia produtiva desse produto no município de Oriximiná, *locus* da pesquisa. Em seguida, apresentamos o caminho metodológico percorrido, constituído por diferentes etapas seguidas na pesquisa de campo e na construção do glossário.

3.1 Contexto da pesquisa: castanha-do-pará

Este estudo está inserido na temática própria do domínio da produção da castanha-do-pará, principal atividade econômica de muitas famílias do município de Oriximiná-PA. Nesse cenário, a cadeia produtiva da castanha-do-pará ganha destaque em razão de sua perfeita adaptação às exigências de conservação da natureza e de seu relevante aspecto social, uma vez que afigura a base de sustentação das famílias extrativistas, gerando renda e possibilitando a permanência delas nas áreas nativas, consolidando, assim, a preservação do espaço em que se encontram inseridas.

Conforme declara Homma (2014, p. 227)

Em 1952, por sábia decisão do presidente da Associação Comercial do Pará, Antônio Martins, foi instituído o dia 27 de janeiro como sendo o Dia da Castanha, por marcar o início da safra nos castanhais do Estado do Pará. É interessante verificar que o Estado do Amazonas considera o dia 29 de abril como o Dia do Castanheiro. Independente das datas, isso demonstra o reconhecimento da importância que a extração da castanha e o castanheiro tinham para a economia amazônica.

O Estado do Pará foi o primeiro maior produtor de castanha-do-pará a comercializar e exportar esse produto. Porém, hoje, a castanha-do-pará possui várias denominações, pois há diferentes povos amazônicos envolvidos com sua produção. Na 3ª Convenção Mundial de Frutos Secos, por exemplo, ocorrida em 1992 em Manaus, com a participação de mais de 300 empresários, convencionou-se chama-la de castanha-da-Amazônia. (LOCATELLI, 2008). Apesar de, popularmente, ser chamada de castanha-do-pará, comercialmente, a partir do decreto lei nº 51.209, de 18 de setembro de 1961, passou a ser denominada, para efeito de comércio exterior, como castanha-do-brasil (BRASIL, 1961). Dessa forma, continua sendo uma remissão

à castanha-do-pará. Nesta pesquisa, portanto, levamos em consideração a denominação castanha-do-pará, por atender a universalidade do conhecimento científico.

A castanha-do-pará ocorre em praticamente toda Amazônia brasileira e países que fazem fronteira com os estados da região Norte do país. A castanha-do-pará vem sendo comercialmente explorada desde o século XVII, no entanto, com o declínio da economia da borracha, no início do século XX, sua exploração se torna uma alternativa de renda para os povos da floresta, passando a integrar efetivamente a economia amazônica Homma (2014).

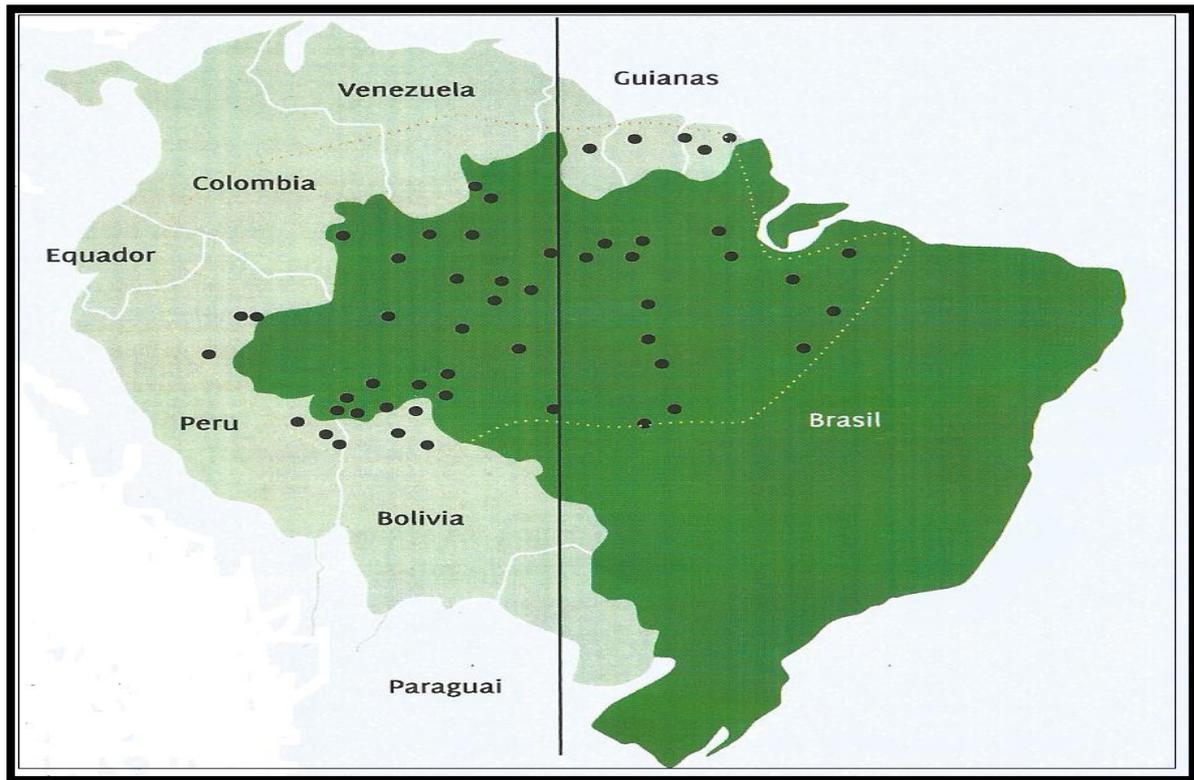
Conforme o mesmo autor, no final dos anos 90 indústrias de beneficiamento da castanha-do-pará se instalaram na região Norte do Brasil. Além destas, associações e cooperativas criadas por povos tradicionais com apoio do governo e organizações não governamentais, fizeram da coleta da castanha-do-pará mais uma opção de extrativismo, na expectativa de conseguir uma fonte de renda.

Para Pinto et al. (2010), nesse ambiente, o extrativismo na Amazônia é uma questão especial no âmbito da agricultura familiar. A forte interface ambiental, a cultura extrativista de subsistência associada à crescente demanda mundial por produtos florestais não madeireiros, indica a necessidade de estratégias para reverter em ganhos econômicos e sociais o conhecimento tradicional das comunidades amazônicas, com a consequente manutenção dos recursos naturais da região.

A castanha-do-pará representa a única espécie existente no gênero *Bertholletia Excelsa*¹⁵ e, embora exista uma considerável variação no tamanho, forma e número de sementes por fruto, não se constitui justificativa plausível para reconhecer mais de uma espécie Mori e Prance (1990). A árvore da castanha, mais conhecida como castanheira, pode ser encontrada nos nove países que constituem a Pan-amazônia, mas, segundo Tonini (2007), a maior parte está distribuída entre Brasil, Colômbia e Peru que respondem por, aproximadamente, 96% da área plantada. As florestas com a presença das castanheiras cobrem superfícies de aproximadamente 325 milhões de hectares. Conforme mapa 2, a seguir:

¹⁵ O gênero *Bertholletia* deriva do nome do químico Berthollet (1748-1822), sendo que a espécie foi descrita por Humboldt e Bonpland, em 1807.

Mapa 2. Distribuição da castanheira na Bacia Amazônica – ocorrência e densidade



Fonte: SFB, 2014.

Conforme pesquisas realizadas por Nogueira (2012), a castanheira ocorre somente na região da Amazônia nas áreas altas de terra firme e se desenvolve melhor em clareiras. Os maiores castanhais ocorrem, principalmente, no Brasil, nos Estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Mato Grosso e, fora do país, estende-se da Bolívia e Peru, até o escudo das Guianas e o sul da Venezuela. De acordo com Lorenzi (2000), a castanheira é considerada árvore símbolo da Amazônia em razão de sua importância social, ecológica e econômica para a região. Sua distribuição geográfica é ampla e abrange as florestas do Brasil onde estão as formações mais compactas da floresta. No entanto, as formações de florestas mais densas ocorrem no Brasil, na Região de Integração do Baixo Amazonas.

No que se refere à importância econômica, o comércio da castanha-do-pará, no Brasil, data do século XVII e ao longo destes anos sempre fomos os maiores exportadores mundiais com cerca de 80% da produção. No entanto, apesar de ser uma espécie protegida por lei, a derrubada dos castanhais aliada a desvantagens competitivas em relação à Bolívia e ao Peru fizeram com que a produção nacional declinasse ao mesmo tempo em que investimentos e incentivos fiscais na Bolívia tornaram este país líder no mercado internacional. Atualmente, a Bolívia é responsável por 50% da produção mundial, contra 37% do Brasil e 13% do Peru (IBGE, 2010).

O Brasil dominou esse mercado por muitos anos, entretanto, em 2009, a maioria (78%) dessa receita foi auferida por empresas bolivianas, enquanto apenas 8% foram obtidas por empresas brasileiras. De fato, o Brasil hoje exporta castanha para a Bolívia, que processa e exporta o produto final um sinal claro do declínio dessa indústria no país. Os dois países juntamente com o Peru respondem por quase 100% da produção e exportações mundiais primárias (sem considerar as reexportações), sendo o Brasil o líder do ranking de países exportadores de castanha com casca. Este fato salienta a necessidade de modernização de sua cadeia produtiva de maneira a agregar mais valor às suas exportações. Nas estatísticas internacionais, outros países aparecem eventualmente como reexportadores da castanha, como é o caso do Chile. A castanha-do-pará é um dos produtos de comércio internacional originários de países não desenvolvidos e consumido predominantemente em países desenvolvidos. Os maiores consumidores são os Estados Unidos e a União Europeia.

Segundo dados da FAO (2011), embora a maior parte de ocorrência da castanheira esteja no Brasil e por ter sido maior exportador mundial de castanha-do-pará, vem perdendo lugar no comércio internacional do produto. Esta queda, se acentuou a partir de 1996, quando principalmente a Bolívia, mas também o Peru, passaram a apresentar aumento em suas exportações de castanha sem casca, praticamente abandonando a exportação de castanha com casca.

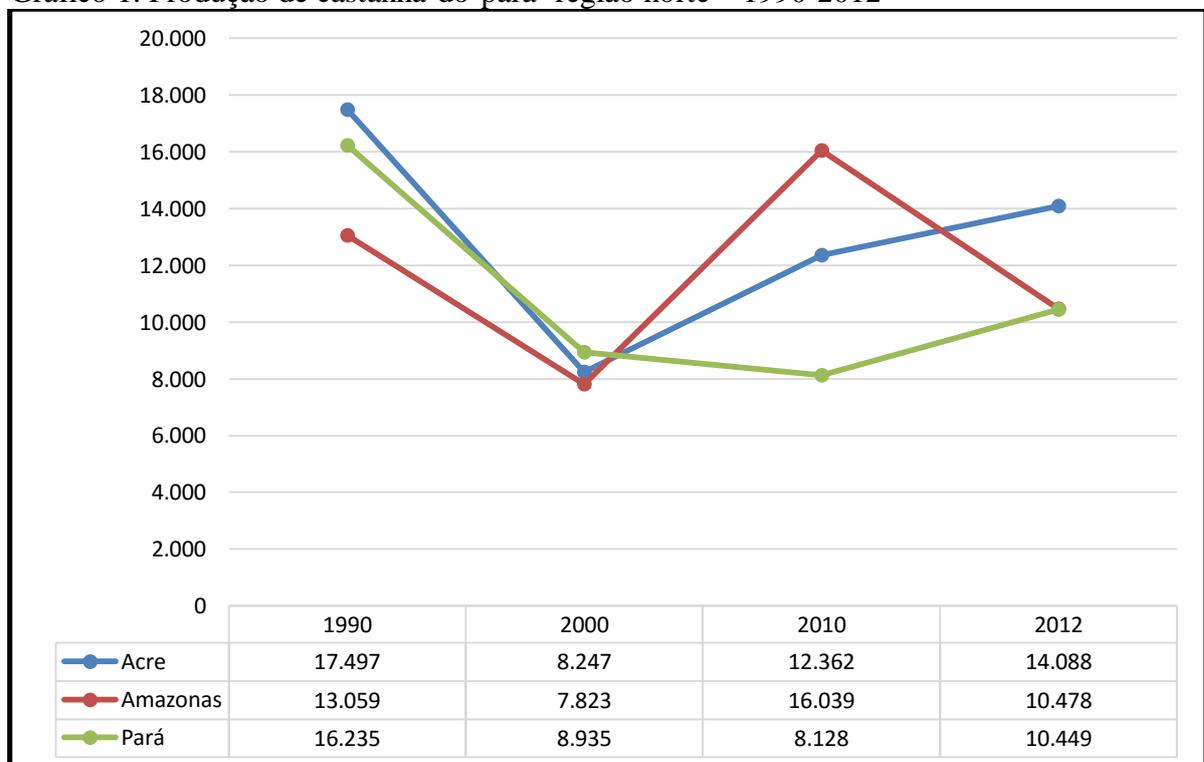
Dados do IBGE (2010) mostram que, dentre os produtos do extrativismo vegetal, a castanha-do-pará merece destaque, por ter movimentado 55,2 milhões de reais, ocupando a sexta colocação, em valor comercializado, entre os produtos do extrativismo no Brasil no ano 2009. Do total de 40.357 toneladas de castanha extraída no Brasil, 96,3% são oriundos de florestas da Região Norte do Brasil. O Estado do Pará, em terceiro lugar, corresponde a 8.128 toneladas (20,14% da produção), gerando uma receita da ordem de 10,13 milhões de reais. Deste montante, a região de integração Baixo Amazonas foi responsável por contribuir com 98,24%. No Pará, os municípios que mais extraíram a castanha, no ano de 2010, foram Oriximiná, com 2.100 toneladas (5,2% da produção brasileira), Óbidos, com 1.750 toneladas (4,3%) – quinto e sexto lugares, respectivamente, no ranking de produção no Brasil – e Almeirim, que contribuiu com 166 toneladas (IBGE, 2010).

Responsável por um quarto da produção nacional, o Pará possui a extração da castanha-do-pará concentrada no Baixo Amazonas e no Sudoeste Paraense, sendo que 56% disso é obtido na primeira região. Os municípios que mais colaboram com a produção dessa cultura são Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Acará, Altamira e Curuá, na sequência.

De acordo com a pesquisa Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), a produção de castanha-do-pará foi de 38.805 toneladas. A baixa produtividade no Amazonas e os baixos preços em Rondônia foram os principais motivos da queda de 7,9% em relação a 2011. Os principais estados produtores foram Acre (14.088 t), Amazonas (10.478 t) e Pará (10.449 t), (IBGE – PEVS, 2012). O gráfico 1 apresenta os dados de produção de castanha-do-pará no ano de 2012 nos estados da Amazônia.

De acordo com o IBGE (2012) do total de 42.152 toneladas de castanha produzidas em 2011, o estado do Pará contou com uma produção de 7.192 toneladas. Os maiores produtores no estado foram: Oriximiná (1.680 ton.), Óbidos (1.225 ton.), Acará (720 ton.) e Alenquer (710 ton). Observa-se que o montante produzido nos três principais estados produtores (Amazonas, Acre e Pará) sofre constantes mudanças, ocorrendo bruscas variações na quantidade ofertada de um ano para o outro, o que se deve ao fato de o produto extrativo ser dependente das condições da natureza para ser produzido. Para isso vejamos a evolução da quantidade produzida, em toneladas (gráfico 1) pelos três principais produtores de castanha-do-pará na região norte do estado de 1990 a 2012:

Gráfico 1. Produção de castanha-do-pará- região norte – 1990-2012



Fonte: IBGE, 2010, 2012. Adaptado pela autora

Considerando os dados descritos no gráfico 1, de acordo com pesquisas realizadas pelo Serviço Florestal Brasileiro (SFB) (2014) em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, o Estado do Acre se destaca na produção nacional, em razão, principalmente, da comercialização efetivada por meio da Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre (COOPERACRE), que é referência no beneficiamento e comercialização da castanha-do-pará de grupos comunitários acreanos. A cooperativa beneficia e comercializa castanha-do-pará para o Brasil e para o exterior e, ao longo de muitos anos, vem se consolidando no mercado nacional.

Realidade semelhante para o Estado do Amazonas que também conta com uma produção significativa graças à Cooperativa Verde de Manicoré (COVEMA), resultado de uma intensa história de luta das comunidades extrativistas dos municípios de Manicoré e Nova Aripuanã. A cooperativa conta com o apoio de instituições públicas e privadas para a implementação de práticas adequadas em relação à coleta, transporte, armazenagem e beneficiamento da castanha-do-pará, com o propósito de melhorar a qualidade do produto.

No Estado do Pará, assim como os estados do Acre e Amazonas, também trabalha com associações e cooperativas. De acordo com a Comissão Pro-Índio de São Paulo (2014) e pesquisa de campo (2014, 2015), a experiência mais conhecida é da Cooperativa Mista Extrativista dos Quilombolas do Município de Oriximiná (CEQMO) que “visa tornar o negócio da castanha-do-pará uma opção de geração de renda mais sustentável economicamente. ”

A atividade extrativista¹⁶ no Brasil, que se iniciou pelo Nordeste e Sudeste, foi gradativamente substituída por lavouras, de tal forma que a atividade se concentrou na região Norte com a exploração da madeira, minérios e produtos florestais não madeireiros como óleos, castanhas, frutos e outros. Para Rizek e Morsello (2008), duas correntes predominam a discussão em torno da viabilidade econômica da exploração dos PFNM, uma defende que a atividade extrativista dos PFNM além de produzir menor impacto ambiental pode ser uma alternativa a geração de renda para os povos que residem na floresta. A outra corrente alega que em longo prazo, o extrativismo torna-se inviável em função da oferta limitada de recursos em relação ao aumento da demanda e da própria substituição por compostos semelhantes sintéticos.

Em meados dos anos 90, entretanto, visando conter o extrativismo por aniquilamento surgem as Reservas extrativistas (RESEX), com base na corrente que defende o extrativismo praticado pelas populações tradicionais, o qual se baseia em retirar da floresta os produtos

¹⁶ Homma (1982) classifica a atividade extrativista de duas formas: a primeira é o extrativismo por aniquilamento ou depredação, quando a extração do recurso implica em sua extinção, ou quando a velocidade da extração é maior que a velocidade de recuperação. A segunda forma é o extrativismo de coleta, quando a atividade extrativa é fundamentada na coleta de determinadas plantas ou animais, cujo aniquilamento ocorre a médio e longo prazo.

oferecidos por ela sem, no entanto, a necessidade de derrubar as árvores (FACHINELLO 2010). Dentre os PFNM identificados na RI Baixo Amazonas, a castanha-do-pará se destaca em produção local, nas últimas safras, o valor da produção brasileira de castanha, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2011), tem crescido a uma taxa média de 7,2% ao ano desde 1989, alcançando em 2009 mais de R\$ 52 milhões.

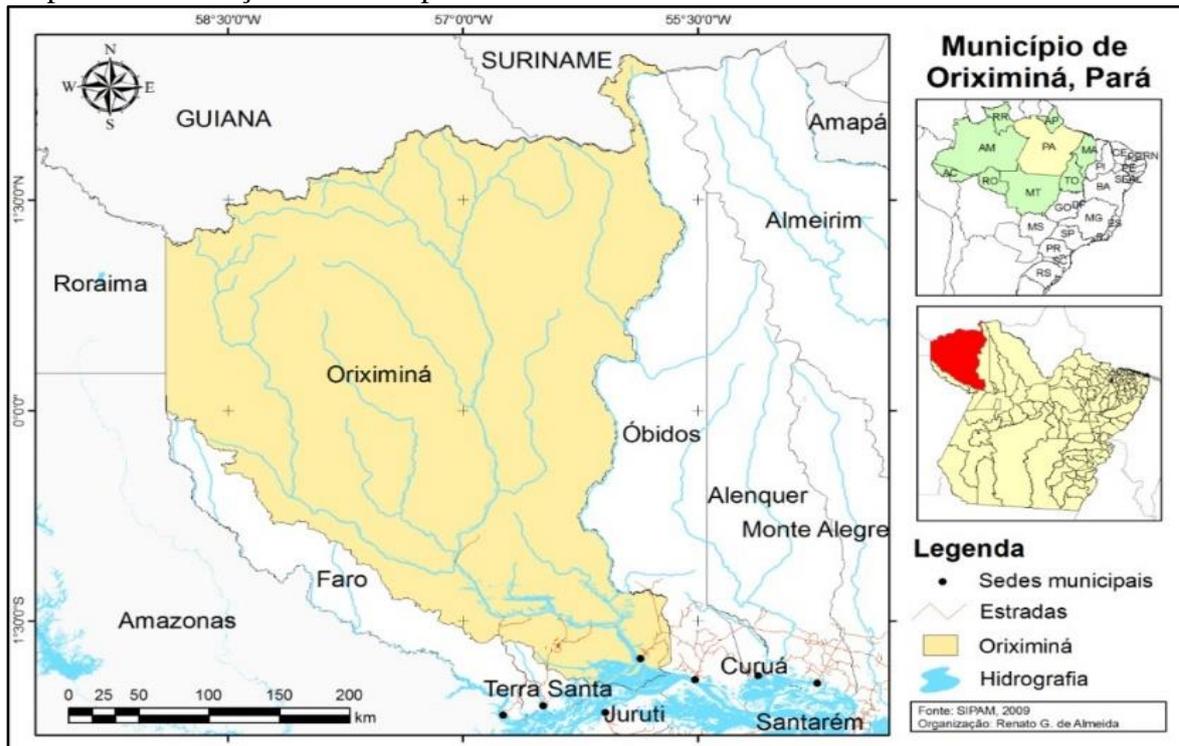
Entre os municípios que compõem esta região, apenas Oriximiná, Óbidos e Santarém exportaram produtos florestais não madeireiros, no entanto, em 2010, apenas os dois primeiros realizaram transações com o mercado exterior, os quais configuraram 76% e 24%, respectivamente, de participação no valor exportado (BRASIL, 2010).

3.1.1 O extrativismo, o beneficiamento e a comercialização da castanha-do-pará no município pesquisado

O município de Oriximiná, especialmente na área do Alto Rio Trombetas, representa uma parte do território paraense responsável por movimentar a economia local através da extração, comercialização e exportação da castanha-do-pará. Há décadas são reconhecidos os benefícios que o extrativismo da castanha traz às comunidades quilombolas da região de Oriximiná, em razão dos extensos castanhais existentes ao longo do rio Trombetas. Homma (2000). E, por esta razão, se torna a principal atividade extrativa desenvolvida no município de Oriximiná.

Oriximiná localiza-se no oeste do Pará, na Mesorregião do Baixo Amazonas, na Microrregião de Óbidos, e está integrado à área compreendida como Calha Norte. Seus limites são: ao norte, Guiana Francesa e Suriname; a leste, o município de Óbidos; ao sul, os municípios de Juriti e Terra Santa; a oeste, o município de Faro e o estado de Roraima. Com área de 107.603,292km², Oriximiná é um dos maiores municípios brasileiros em extensão. Com população total estimada em 66.821 habitantes, entre os quais indígenas, quilombolas, ribeirinhos e migrantes. Considerado, também, um dos municípios mais ricos do país no que tange à sociodiversidade, tendo em vista a sua composição étnica e cultural tão variada (IPHAN, 2014). A seguir temos o mapa 3 com a localização geográfica de Oriximiná:

Mapa 3 - Localização do município de Oriximiná/PA



Fonte: SFB (2013).

Oriximiná se destaca, também, pela presença de vastas áreas de floresta amazônica preservada, onde chama a tenção a biodiversidade da flora e fauna aquáticas e terrestres. Razão pela qual, o município é afetado por várias Unidades de Conservação (UCs) federais e estaduais, entre as quais a Reserva Biológica do Rio Trombetas (REBio)¹⁷, Floresta Nacional (Flona) de Saracá-Taquera, a Estação Ecológica do Trombetas (Esec) e as Florestas Estaduais (Flotas) do Trombete e de Faro.

Segundo dados da Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP/2011), os territórios quilombolas de Oriximiná ocupam aproximadamente 633.000 hectares de terras situadas sobretudo nas margens de rios, lagos e igarapés da grande bacia formada pelo Trombetas e seus tributários. O acesso a elas é feito, normalmente, por via fluvial, em embarcações de diferentes tipos e tamanhos. Realidade comprovada logo na chegada da cidade de Oriximiná, quadro 2, com imagens do porto da cidade de Oriximiná, a seguir:

¹⁷ A Reserva Biológica do Rio Trombetas é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, criada pelo Decreto Federal 84.018, de 21 de setembro de 1979, com uma área estimada de 385 mil ha, localizada no Município de Oriximiná, Estado do Pará, na margem esquerda do rio Trombetas (BRASIL, 2000).

Quadro 2 - Porto de Oriximiná-PA



Fonte: Pesquisa de campo (2014).

Em nossas visitas ao município, durante a pesquisa de campo, constatamos o grande destaque que se dá à atividade extrativista, notadamente voltada à extração da castanha-do-pará, que responde por uma parcela significativa da renda das famílias. A safra inicia em janeiro, após a queda quase total dos ouriços (frutos) da copa da árvore, se estendendo até junho. A coleta é realizada em castanhais próximos das moradias ou em castanheiras mais isoladas das comunidades, junto aos rios, ou ainda, nos chamados castanhais, ou ponta de castanhas, onde os coletores podem permanecer acampados por longos períodos, dependendo das necessidades da família.

Apesar de menos usual nos tempos atuais, algumas famílias ainda acampam nos castanhais por períodos que podem variar de semanas a dois ou três meses. O tempo de permanência nos acampamentos (ou tapiris, como são chamados pelos quilombolas) varia em razão de vários fatores, como condições de saúde, trabalho na agricultura e a existência de reserva de mantimentos para os familiares que ficam em casa. A existência de uma boa safra (boa produção ou bons preços) estimula a permanência em maiores períodos. A produtividade do castanhal e do trabalho é bastante oscilante, sendo consideradas um bom rendimento 80 caixas/coletor/ano. Os principais instrumentos utilizados pelos castanheiros na lida com a castanha são o terçado e o paneiro (um cesto para transporte da castanha). A canoa é importante meio de transporte. A espingarda garante o alimento e a proteção contra animais perigosos.

O processo que envolve o ciclo produtivo da castanha-do-pará compreende três fases: o extrativismo, o beneficiamento e a comercialização. Essas fases, porém, envolvem algumas etapas importantes para o manejo da castanha que se baseia na aplicação de técnicas e práticas

para utilização sustentável desse recurso florestal, com o objetivo de manter a produção para as gerações futuras, a conservação do ecossistema florestal, das populações da espécie manejada e a geração de renda para as famílias extrativistas. As etapas necessárias à realização do manejo da castanha-do-pará, observadas e acompanhadas na pesquisa de campo, em duas visitas às comunidades, podem ser classificadas basicamente em três etapas e, elas, subdividem-se em atividades, conforme apresentado no fluxograma 1. As informações referentes a cada etapa serão apresentadas a seguir.

Fluxograma1- Representação das etapas e atividades da castanha-do-pará: 1ª fase



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

A pré-coleta compreende a fase inicial do extrativismo da castanha-do-pará até o início da extração do ouriço no chão da floresta. Conforme pesquisa de campo, esta etapa constitui um momento relevante para os extrativistas, uma vez que o sistema de produção é bastante tradicional baseado na unidade familiar e comunitária. Esse sistema não envolve investimentos tecnológicos, constitui-se, basicamente, em técnicas tradicionais de coleta.

Em Oriximiná, a etapa do manejo da pré-coleta compreende as atividades de mapeamento e marcação das castanheiras, seleção de árvores a serem manejadas, corte de cipós e planejamento da fase exploratória ou colheita. Os extrativistas não utilizam o GPS¹⁸ para realizar o mapeamento dos castanhais que vão ser explorados. Esse levantamento torna-se desnecessário, uma vez que já conhecem a área dos castanhais, pois coletam castanha nos mesmos locais há muitos anos, quando não, são castanhais próximos de suas moradias. Segundo

¹⁸ *Global Positioning System*. Aparelho receptor de imagem muito utilizado por pesquisadores. Serviço Florestal Brasileiro (2014)

pesquisa de campo, o “mapa” que corresponde a toda a área que se quer manejar, já existe na cabeça de cada um, foi passando de pai para filho, é uma atividade cultural que se realiza de forma coletiva e se conserva até hoje. Conforme Ministério do Meio Ambiente (IBAMA, 2004), as populações remanescentes de quilombos habitam a Reserva Biológica do Rio Trombeta (RBRT) e coletam castanhas na área há mais de um século

As etapas seguintes constituem-se das seguintes atividades: os castanheiros reúnem os ouriços que se encontram espalhados pelo solo, normalmente utilizando o facão. Após juntar uma certa quantidade, o castanheiro quebra os ouriços com o facão. Esta atividade exige força e habilidade, pois o ouriço é muito duro. Algumas pessoas quebram os ouriços no próprio castanhal, outras realizam essa tarefa no tapiri (acampamento). As castanhas são lavadas para a retirada da sujeira e a seleção das amêndoas - as chamadas castanhas “chuchas” ou “chochas” são descartadas, pois não prestam para alimentação. A castanha-do-pará percorre vários caminhos: do castanhal para o tapiri e de lá para a comunidade ou para os armazéns comunitários. No castanhal, a produção é carregada dentro dos paneiros nas costas dos extrativistas. Um paneiro bem cheio pode pesar até 60 quilos. Nos outros trechos, as castanhas são transportadas em pequenas canoas pelos igarapés e ainda nos barcos das comunidades. Os responsáveis por esse transporte são conhecidos como comboieiros. No Rio Erepecuru a existência de cachoeiras requer do comboieiro grande habilidade para garantir que a carga chegue em segurança a seu destino. A castanha-do-pará é levada até a cidade de Oriximiná, onde é medida e vendida para comerciantes do atacado local ou para a única usina de beneficiamento localizada no centro da cidade.

O processo de beneficiamento de castanha-do-pará se inicia após o recebimento do produto em sacos de polietileno com capacidade para cinco latas (o equivalente a um hectolitro), que são transportadas em caminhões ou barcos, de locais distantes.

As castanhas, quando são recebidas no pátio da usina, chegam úmidas, uma vez que a colheita e o transporte são efetuados durante o período chuvoso e com muitas impurezas. Depois que são descarregadas dos caminhões para a movimentação interna no pátio da indústria, as castanhas são transportadas em carrinhos de mão com capacidade de 2 hl, para uma peneira vibratória, de onde será realizada a limpeza com o objetivo de remover o excesso de matéria orgânica e terra que ainda esteja aderido ao produto como também de pedaços de ouriço e umbigos de castanha e que não foram removidos durante a limpeza realizada em campo. Após essa etapa de limpeza, acontece a seleção das castanhas em quatro tamanhos por um rolator cilíndrico, em *midget*, *médium*, *large* e *extra large*, de acordo com a padronização

exigida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).¹⁹ Para ilustrar as etapas do beneficiamento, fluxograma 2, apresentamos o ciclo a seguir:

Fluxograma 2 - Etapas do beneficiamento de castanha-do-pará.



Fonte: pesquisa de campo (2015).

No Pará, de acordo com a pesquisa de campo, as principais usinas estão localizadas nas cidades de Belém, Oriximiná e Óbidos. As maiores amêndoas costumam ser comercializadas com casca; as menores são descascadas, selecionadas, embaladas a vácuo e empacotadas. As indústrias de beneficiamento e de transformação compram a castanha na safra e a comercializam durante o ano todo. Já os setores atacadistas, extrativistas e atravessadores comercializam somente no período de safra. A maior parte da produção de castanha-do-pará é exportada.

Conforme dados e informações do relatório de pesquisa do Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará (IDESP, 2013), os canais de comercialização da castanha-do-pará identificados na RI Baixo Amazonas, se dão por canais não muito complexos, apesar de abranger vários níveis de agentes intermediários entre a produção local e o consumidor final. A análise de sua estrutura de comercialização, feita a partir das inter-relações existentes entre os agentes mercantis, indica que há desequilíbrios de forças no mecanismo de comercialização. O importante a se destacar é que o comércio da castanha nessa região, obedece basicamente ao mercado externo.

O principal canal de comercialização é formado pelo setor de indústria de beneficiamento local que compra 78,8% da produção e 15,7% do atacado local e vende a

¹⁹ Em 1976, o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) criou especificações para a padronização, classificação e comercialização da castanha-do-pará no mercado interno (Portaria MAPA nº 846/1976). (BRASIL, 1980).

castanha quase em sua totalidade (95,5%) para o varejo urbano nacional onde estão inseridos o comércio exterior e as redes de supermercado. Outro canal importante é constituído pela indústria de beneficiamento estadual que compra 4,3% do atacado local e vende em sua totalidade para o varejo urbano nacional. Com isso, vemos que o varejo urbano demanda quase 100% (99,8%) de toda a castanha da RI Baixo Amazonas, ficando inexpressivos 0,17% para serem consumidos a nível local e 0,01% a estadual.

Importante observar ainda que, de acordo com observação da pesquisa de campo, nesse processo de comercialização, foram identificadas transações de compra e venda com a utilização da prática do aviamento, o que significa dizer que os maiores compradores, que nesse caso foram as indústrias, adiantam o pagamento por quilograma do produto aos atravessadores ou “regatões” e, estes por sua vez, para garantir um retorno pelo seu “trabalho”, pagam aos extrativistas um preço menor do que recebeu no adiantamento. Isso mantém, portanto, o extrativista refém do comprador por não entender dos mecanismos de comercialização, sem falar que isso torna-se vantajoso para o comprador que adquire uma margem significativa na comercialização.

3.2 Metodologia

Esta pesquisa segue as recomendações teóricas e metodológicas da Socioterminologia, uma das principais vertentes teóricas em Terminologia, para a coleta, análise e documentação dos termos e a elaboração do glossário.

Este trabalho tem como objeto a terminologia da castanha-do-pará, focalizada no município maior produtor de castanha-do-pará do Estado do Pará, Oriximiná. Para a descrição dessa terminologia, optamos pelo discurso oral por meio de entrevista, com profissionais dessa área.

Apresentamos, nesta seção, as etapas metodológicas seguidas na pesquisa de campo e na construção da obra terminográfica, obedecendo a um planejamento traçado previamente. Estabelecemos alguns caminhos que pudessem favorecer nossa recolha e tratamento dos dados coletados e, conseqüentemente, possibilitassem a descrição e análise da terminologia em foco com o propósito de apresentar um resultado confiável. Para a execução dessas ações, buscamos seguir as seguintes etapas em nosso plano de pesquisa: delimitação dos locais de pesquisa; definição do mapa conceitual da atividade produtiva da castanha-do-pará; perfil dos informantes e constituição do corpus da pesquisa; tratamento dos dados; validação dos termos e organização do glossário.

3.2.1 Delimitação da área

Para a realização desta etapa da pesquisa, procuramos pesquisadores da EMBRAPA que nos orientaram indicando diversas obras sobre a atividade da castanha-do-pará, no Estado do Pará. Vele lembrar, entretanto, que as obras indicadas foram utilizadas para conhecermos melhor o universo pesquisado e não para extração de termos da castanha-do-pará.

Para a delimitação da região com grande importância para a produção da castanha-do-pará, priorizamos assessoria de técnicos e pesquisadores de órgãos federais e estaduais, como a SEMA, EMBRAPA, IDEFLOR, IDESP, ICMBio, que compartilharam conhecimentos acerca dos grandes projetos que são desenvolvidos na Amazônia paraense, no que diz respeito à produção e comercialização da castanha-do-pará. Importante destacar, também, os contatos com os gerentes responsáveis pelas terras que formam o maior mosaico de áreas protegidas do mundo localizado no município de Oriximiná na Calha Norte do Pará, onde encontra-se o extrativismo da castanha como principal atividade.

Nesse contexto de pesquisa, tivemos acesso a várias cartilhas e documentos organizados pelo Serviço Florestal Brasileiro (SFB, 2013/2014), de grande relevância para o reconhecimento de nosso objeto de estudo e, principalmente, para entendermos o elo produtivo da castanha-do-pará, bem como suas etapas de produção, suas práticas de manejo, coleta, potencial produtivo e os profissionais dessa atividade.

Nessa busca por informações acerca do extrativismo da castanha-do-pará entendemos, à princípio, que teríamos que percorrer um caminho difícil para ter acesso aos locais da pesquisa. Isso porque, com base nos dados do Macrozoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Pará – MZEE /PA (PARÁ, 2010), a região do Baixo Amazonas é a que possui a maior área protegida do Pará, com aproximadamente 231.527 km² distribuídas em: Unidades de Conservação (UCs) de proteção Integral, Uso Sustentável, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas. Uma vez que há restrições ao acesso em função da sobreposição dos territórios pelas Unidades de Conservação federais e estaduais, onde há também, toda uma hierarquia organizacional em torno das comunidades cujas famílias têm como principal atividade a coleta da castanha-do-pará.

Diante dessa realidade, estabelecemos contato com os coordenadores de comunidades, presidentes de associações e cooperativas, gerente de Florestas Estaduais (Flotas) e presidente do ICMBio para que pudessemos iniciar a pesquisa de campo. Outro contato importante foi com professores da UFOPA, que nos disponibilizaram um acervo representativo de pesquisas

acerca do extrativismo da castanha-do-pará em Oriximiná, assim como apoio para o deslocamento a comunidade de migrante que também se dedica a essa atividade.

O primeiro contato a região pesquisada se deu em julho de 2014, período em que foi possível selecionar as comunidades que têm como atividade principal a extração da castanha e solicitar autorização ao ICMBio para realização da pesquisa nas reservas de conservação nacional cujo órgão é responsável. Não podemos deixar de mencionar a dificuldade que encontramos para conseguir entrar na maior e única usina de beneficiamento e comercialização de castanha do município para conhecermos as etapas no processo de beneficiamento desse produto. Somente na terceira visita ao município, fomos recebidos pelo proprietário da usina para a coleta dos dados.

A partir desses contatos delimitamos, então, os pontos de inquérito para a pesquisa: a comunidade Abuí, comunidade Cachoeira Porteira e comunidade do BEC. Embora existam 35 comunidades quilombolas no município de Oriximiná, de acordo com a pesquisa de campo, as selecionadas para a pesquisa têm como principal atividade o extrativismo da castanha-do-pará, mostrando-se, portanto, mais produtivas em relação ao *corpus* que se pretendia formar. Assim como a comunidade do BEC, formada por imigrantes nordestinos, localizada 30 quilômetros da cidade de Oriximiná.

Os pontos de inquérito escolhidos para a pesquisa localizam-se distantes um do outro, com sete horas de barco de um para o outro. Esse critério tinha como finalidade, à priori, conhecer etapas e atividades diferenciadas do universo da castanha-do-pará e, com isso, observar o fenômeno da variação na terminologia dessa atividade.

Com a autorização em mãos, tanto do ICMBio quanto dos coordenadores das comunidades para a realização da pesquisa, fizemos a segunda visita ao município, na seguinte ordem: comunidade do Abuí, Cachoeira Porteira na região do Alto do Rio Trombetas e, em parceria com professores da UFOPA, coletamos os dados na comunidade do BEC, localizada trinta quilômetros da sede do município. Na terceira visita ao município conseguimos registrar o processo de beneficiamento da castanha-do-pará, na Usina de Beneficiamento e Exportadora Florenzano

A comunidade do Abuí situada no Território Alto Trombeta, com acesso somente fluvial, foi a primeira comunidade visitada. São aproximadamente 13 horas de viagem do porto de Oriximiná até a casa do coordenador da comunidade. É constituída de 20 famílias, que sobrevivem economicamente do extrativismo de castanha-do-pará. Para a coleta de castanha, os comunitários se utilizam dos seguintes locais onde se encontram os castanhais: Macoca, Regi, Manezinho, Mina, Tracuá, Anambu, Encantado, Cedro, Marreca, Policena, Mané José,

Atravessado, Silva, Lago do Mato, Trindadão e Vitalina, todos à curta distância, necessitando-se de cerca de uma hora de canoa a remo e dez minutos de caminhada para alcançá-los em sua maioria. Em virtude disso, a castanha-do-pará é coletada diariamente, e, esses castanhais também têm como característica geral a localização próxima aos rios, e seu produto, ou seja, a castanha-do-pará, é considerada no mercado como produto de boa qualidade, portanto, de grande aceitação por ocasião da comercialização. A seguir apresentamos o quadro 3 com imagens do primeiro ponto de inquérito da pesquisa: localidade Abuí.

Quadro 3. Imagens da localidade Abuí.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

O segundo ponto de pesquisa, que também serviu de base para a coleta de dados, foi a comunidade de Cachoeira Porteira, habitada desde o século XIX por quilombolas, o local pertence ao município de Oriximiná. Aproximadamente 90 famílias ocupam essa área preservada da Floresta Amazônica às margens do Rio Trombetas. São cerca de 400 moradores pautados pelo extrativismo e manejo de castanha-do-pará, com poucas diferenças, quanto à forma de coletar a castanha-do-pará, em relação as outras comunidades.

Cachoeira Porteira não existe a divisão espacial em áreas rurais, todos os extrativistas possuem livre acesso à extração de produtos da floresta que são coletados de forma artesanal,

como é o caso da castanha-do-pará, única comercialização permitida pela ICMBio, instituição ambiental que monitora o uso dos recursos da região. Esse produto, coletado nos meses de março a junho nas dezenas de castanhais existentes na região, é comercializado principalmente nos mercados dos municípios de Oriximiná e Óbidos - PA. Uma vez passada o período de coleta da castanha, as famílias dedicam-se a outras atividades agroextrativistas, como, caça e pesca.

Durante a pesquisa de campo, fomos informados pelos agentes comunitários e presidentes de associações que, para efetivar a participação, cada comunitário necessita preencher e/ou atualizar um cadastro junto ao ICMBio e informar a função (coletor e/ou regatão) a ser desenvolvida durante o período de safra. Cabe à Associação de moradores da comunidade remanescente de quilombo de Cachoeira Porteira (Amocreq) a responsabilidade de registro dos quilombolas de acordo com a função escolhida, e ao ICMBio, baseando-se nas condutas no ano anterior, a autorização para o exercício da atividade. Isso vale para todas as comunidades extrativistas.

Um ponto bastante diferenciado da comunidade Abuí para Cachoeira Porteira é a grande distância entre o centro comunitário e a maioria dos aglomerados de castanheiras. Há a necessidade de formações de grupos de pessoas para o enfrentamento das dificuldades no traslado e na permanência enquanto realizam a coleta. O transporte é realizado por canoas e rabetas ocorrendo, portanto, muitos empecilhos que são complicados para serem contornados individualmente, como por exemplo as fortes correntezas e pedreiras submersas. Sem falar na passagem pelas cachoeiras. Perigo mais recorrente ao retornar para casa, pois os transportes vêm carregados com várias sacas de sementes de castanha. A seguir, no quadro 4, apresentamos imagens do segundo ponto de inquérito: a localidade de Cachoeira Porteira.

Quadro 4. Imagens da localidade de Cachoeira Porteira.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

O terceiro ponto de inquérito da pesquisa foi a comunidade São José, no Ramal Boa Vista na Estrada do Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), estrada de chão, localizada 30 quilômetros da sede do município, com percurso inicial em direção setentrional na confluência das rodovias PA-439 e PA-254. De acordo com Scoles et. al., (2008) “O nome da estrada do BEC deriva do período militar (década de 1970), quando o 8º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) foi designado para a construção da estrada com a finalidade de ser um prolongamento da BR-163”.

O extrativismo da castanha-do-pará ocorre neste ponto, porém em uma realidade bastante adversa às comunidades do Abuí e Cachoeira Porteira. A população é composta de migrantes nordestinos, em sua maioria.

Na comunidade do BEC o acesso aos castanhais, assim como o escoamento do produto ocorre por via terrestre. Os castanhais ficam dentro de propriedades particulares. A castanha é transportada dos castanhais para a residência em carroças puxadas por animais e para a cidade em caminhões. O período de coleta da castanha, os instrumentos utilizados para esse fim, assemelham-se com as comunidades descritas anteriormente

Não há muita informação dessa localidade registrada nos acervos da prefeitura local, porém conforme Homma (2000), segundo depoimentos de moradores das comunidades rurais existentes extensas áreas florestais, muitas delas formadas por castanhais, foram substituídas por campos de pastagens para a criação de gado. Nestes locais desmatados, as castanheiras foram inicialmente poupadas do corte por estarem protegidas na legislação federal (decreto nº 1.282, de 19 de outubro de 1994, ratificado pelo decreto nº 5.975 de 30.11.2006) e por isso muitas destas aparecem erguidas ainda hoje no meio da paisagem desflorestada, se assemelhando à passagem de “cemitérios de castanheiras” da região de Marabá. No quadro 5, a seguir, apresentamos imagens do terceiro ponto de inquérito: a localidade do BEC.

Quadro 5. Imagens da localidade da Estrada do BEC



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

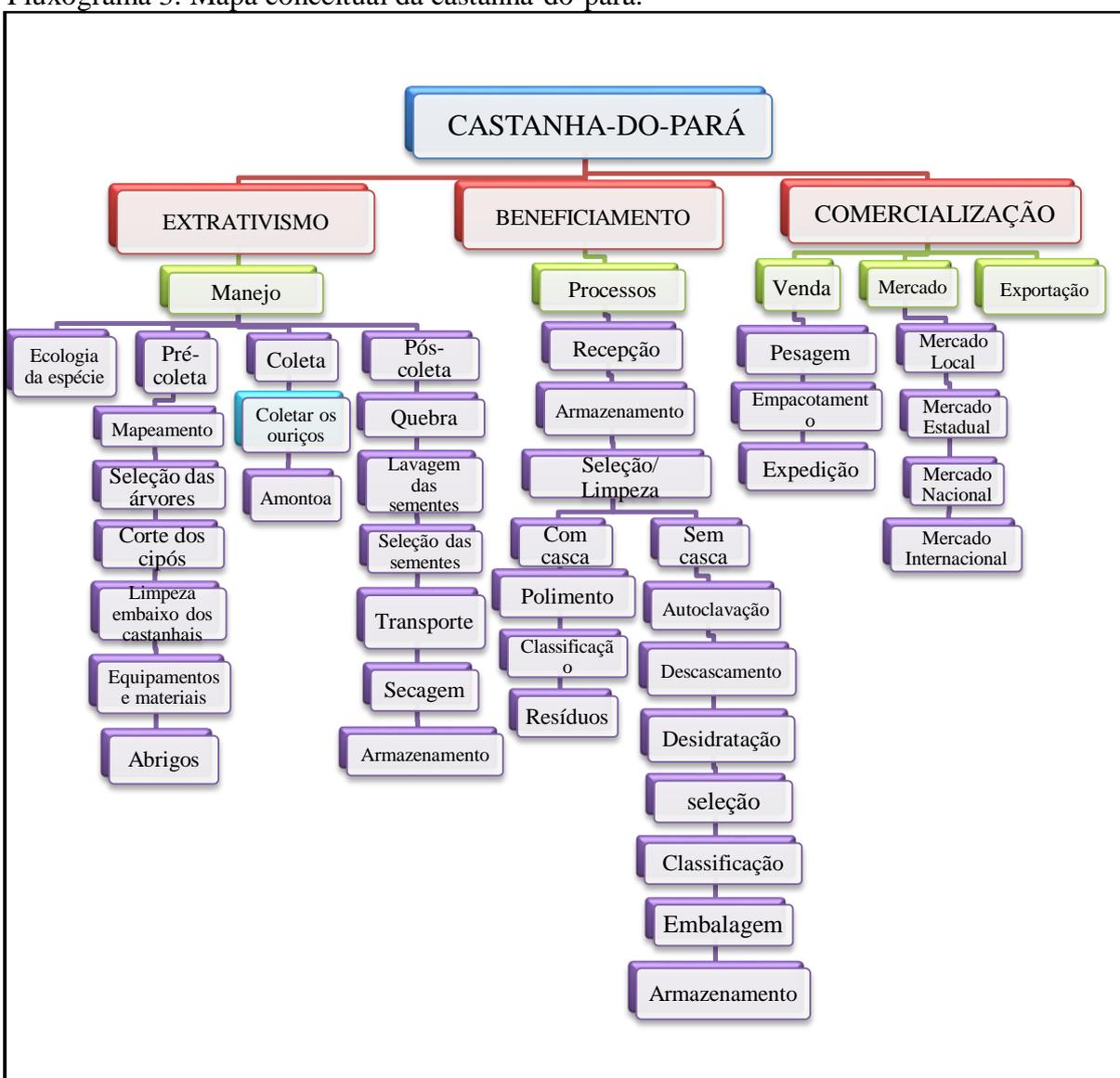
3.2.2 Estruturação dos campos semânticos

A partir do contato com as referências teóricas e esse percurso realizado em toda a área de pesquisa, ocorrido em três visitas de campo, registrando toda a dinâmica das atividades envolvidas pelos extrativistas, e conversas informais com técnicos do município pesquisado, conseguimos conhecer o universo da atividade especializada da castanha-do-pará e por fim organizar a árvore de domínio. No decorrer das entrevistas com os técnicos da área,

percebemos a necessidade de se criar subcampos para as três etapas da produção da castanha-do-pará, uma vez que para cada etapa existem técnicas e tratos diversos e essa diferença também foi comprovada nos discursos dos trabalhadores.

Dessa forma, foram feitos alguns recortes da pesquisa de campo que possibilitaram o entendimento acerca do caminho percorrido pela castanha desde a extração na floresta até a exportação do produto cujo ciclo mostrava-se organizado em três grandes campos: extração, beneficiamento e comercialização, como citado anteriormente. Após o contato *in loco* com as etapas da atividade da castanha-do-pará e com os especialistas da área, tivemos condições de construir o mapa conceitual da atividade da castanha-do-pará no Estado do Pará. Conforme mostrado no fluxograma 3:

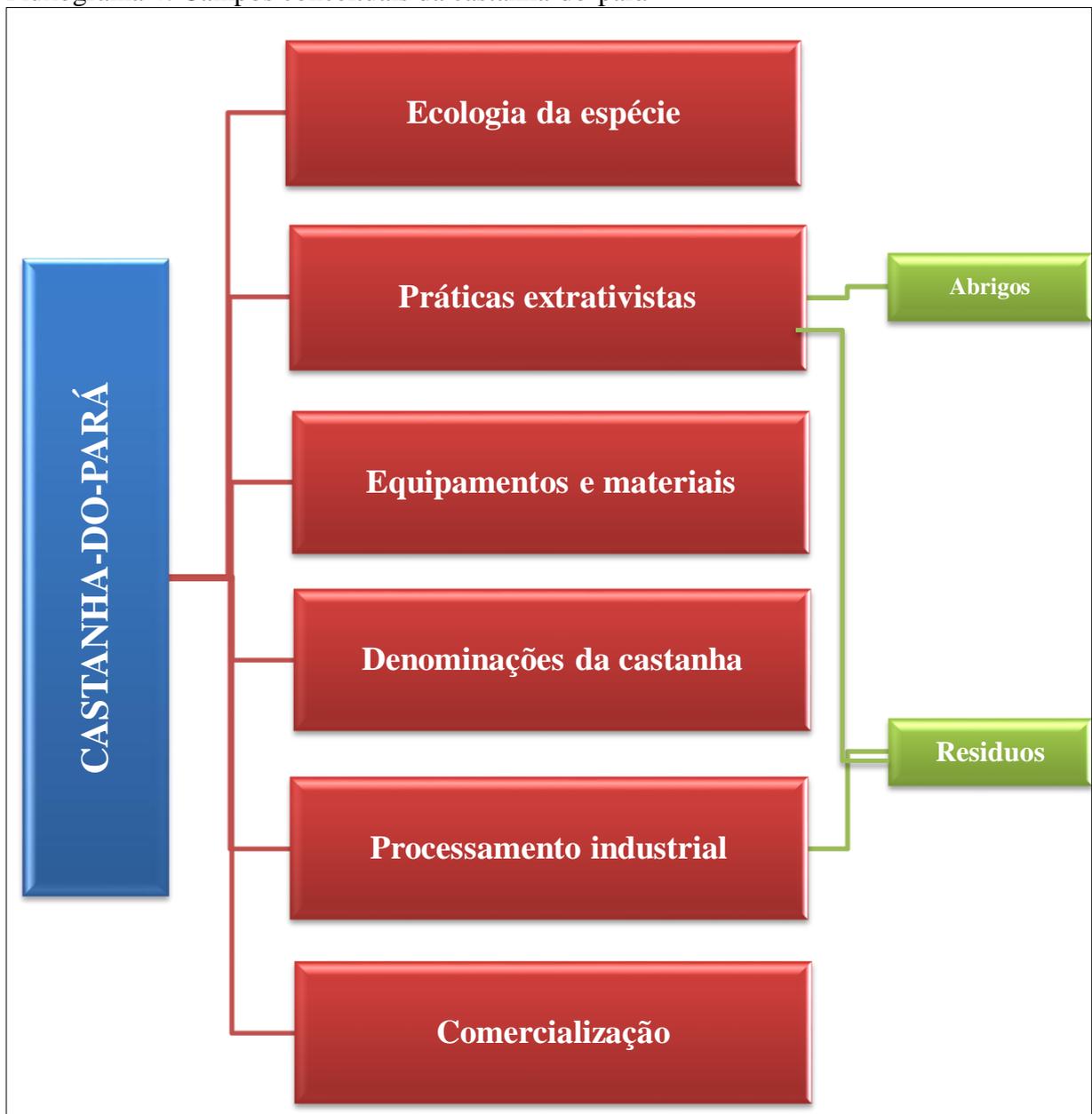
Fluxograma 3: Mapa conceitual da castanha-do-pará.



Fonte: Elaborado pela autora.

Por mais que o mapa conceitual elaborado com base nos estudos da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, principalmente nas visitas aos locais onde aconteciam as etapas em todo o processo produtivo, seja pertinente para esta análise, houve necessidade de se fazer um recorte que caracterizasse os propósitos e o alcance dessa pesquisa. Para tanto, decidimos pela estrutura apresentada no fluxograma 4, por ela ter se mostrado mais produtiva em relação ao corpus trabalhado e mais adequada para a organização dos campos semânticos e subcampos do glossário.

Fluxograma 4: Campos conceituais da castanha-do-pará



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, após essa visão geral da produção da castanha-do-pará foram delimitados seis campos semânticos compreendendo os campos Ecologia da espécie, Práticas extrativistas, Equipamentos e materiais, Denominações da castanha, Processamento industrial e Comercialização e, ainda, dois subcampos: Abrigos e Resíduos.

Dessa forma, para compreender cada campo semântico selecionado, apresentamos as definições desses campos e os termos que se caracterizam a eles:

1. Ecologia da espécie: termos relacionados às características morfológicas e ecológicas da castanheira e da castanha-do-pará.

2. Práticas extrativistas: termos relacionados ao elo exploratório da castanha-do-pará. Correspondem às atividades realizadas desde o início da coleta da castanha-do-pará até a venda, pelos extrativistas. Considerando importantes as atividades de manejo que dizem respeito à preparação e aos cuidados que envolvem as etapas da pré-coleta, coleta e pós-coleta da castanha-do-pará:

- **Pré-coleta:** momento em que é realizada a caracterização da área, o mapeamento, a seleção e marcação das árvores para produção, a abertura e manutenção de trilhas e tratos como o corte dos cipós. Esses procedimentos garantem, para o extrativista, uma coleta mais eficiente e, portanto, melhor produção.
- **Coleta:** etapa que envolve o manuseio de ouriços e castanhas nos castanhais. O ouriço (fruto) é coletado do chão, embaixo das castanheiras e amontoados sobre palhas ou pedaços de madeira.
- **Pós-coleta:** etapa que consiste na quebra do ouriço, lavagem das castanhas em fontes de água corrente, seleção das castanhas, transporte primário que se refere ao que é feito da floresta para a casa do extrativista ou barracão comunitário e, por fim, as castanhas passam pela fase da secagem e do armazenamento

E ao subcampo:

- **Abrigos:** locais ou instalações onde a castanha é armazenada ou depositada por curto período à espera do processo ou etapa seguinte, como armazém, galpão, paiol, barracão, salas climatizadas, estufas.

3. Equipamentos e materiais: são os instrumentos, materiais e máquinas necessários para o processo de coleta e beneficiamento da castanha-do-pará, como equipamentos de proteção individual: capacete, luvas, botas, dentre outros; materiais como lonas

plásticas, terçado, sacos e paneiros e, no processo de beneficiamento, principalmente, máquinas classificatórias e secadores rotativos, por exemplo.

4. Denominações da castanha: termos relacionados às denominações atribuídas à castanha-do-pará, assim como às classes em que é agrupada de acordo com a padronização exigida pelo órgão responsável pela fiscalização nas transações de exportação.

5. Processamento Industrial: etapas de processamento da castanha, na usina beneficiadora, para fins comerciais. Para realização dessa etapa são necessárias várias atividades que envolvem os processos de beneficiamento, a saber:

- **Processos:** no beneficiamento a castanha passa por diversas fases até chegar ao produto final para comercialização, a saber: *recepção* – que significa o recebimento da castanha. Aqui é verificada a qualidade da semente através do corte (seleção de 100 castanhas que são cortadas para verificar a % de podres, chochas e castanhas sãs); *armazenamento* – as castanhas são armazenadas, separadas por região/fornecedor, orgânico ou convencional e por tamanho; *seleção e limpeza* – as amêndoas, ainda com a casca, passam por um cilindro onde são limpas e separados todos os materiais estranhos como folhas, pedras, areias e outras impurezas, afim de evitar a contaminação e também sua deterioração, após a limpeza, as amêndoas passam por uma esteira de seleção, onde são selecionadas todas as possíveis amêndoas que estiverem em condições inadequadas (deterioradas ou podres); *autoclavagem* – é a preparação para o descascamento. As castanhas são submetidas ao processo de autoclavagem, uma espécie de choque térmico cujo objetivo é o desprendimento da amêndoa da casca, facilitando o processo de descascamento sem quebrar a amêndoa; *descascamento* – as amêndoas já limpas passam por esteiras onde são submetidas ao descascamento, que é feito por quebradores automáticos que emitem força mecânica contra as amêndoas. Depois de quebradas as amêndoas passam por peneiras onde são eliminadas as cascas; *desidratação* – em estufas, as castanhas são expostas a uma temperatura de 60°C a 70°C para que sua umidade seja reduzida; *seleção e classificação* – são feitas automaticamente. As amêndoas são postas em bandejas que possuem compartimentos (orifícios com medidas padronizadas) e por movimentos aplicados nas bandejas, as amêndoas caem nos compartimentos de acordo com o seu tamanho; *embalagem* – primária: as castanhas são embaladas em sacos aluminizados de 20 kg, embalagem à

vácuo. Secundária: são embaladas em caixas de papelão, em salas climatizadas, onde permanecem aguardando para expedição.

E o subcampo:

- **Resíduos:** nesse subcampo estão inseridos os termos relacionados aos detritos da castanha-do-pará, em outras palavras, ao material não aproveitável como pó, cascas, palhas, dentre outros.

6. Comercialização: parte da produção é comercializada no mercado interno, principalmente para o sudeste e sul do país. A outra parte é destinada à exportação. Essa etapa final, inicia-se com a venda dos lotes de castanha expedidos para os mercados local, estadual, nacional e internacional. Nessa etapa consideram-se inseridas as transações comerciais de venda: organização da produção, formas de comercialização como a intermediação, por exemplo e mercado que se refere aos principais mercados alcançados e à qualidade comercial adequada da castanha-do-pará a todas as leis que estão em vigor.

Os termos inseridos nessas etapas são representativos do campo comercialização.

3.2.3 Perfil dos informantes

Para a seleção dos informantes, utilizamos como critério principal a participação efetiva dos mesmos, com no mínimo cinco anos de experiência, o conhecimento que possuem acerca da atividade especializada em todos os processos de produção da castanha-do-pará e a disponibilidade de participar das entrevistas, de ser fotografado, filmado, de autorizar a publicação. Assim, priorizamos coletar o discurso oral especializado dos seguintes profissionais envolvidos nessa atividade: extrativistas, atravessadores, técnicos/pesquisadores e trabalhadores da usina beneficiadora, dos pontos de inquérito, mencionados no item 3.2.1 deste trabalho, com o propósito de conseguir um *corpus* que representasse a terminologia em estudo.

Compomos, então, uma tabela com os informantes levando em consideração o sexo, a idade, a naturalidade e a função que exercem na atividade em foco. Esses elementos, ainda que não tão decisivos para uma análise estratificada, particularmente nesta pesquisa, estabelecem uma dinâmica de entendimento das relações socioculturais em que os profissionais estão inseridos na atividade especializada que compreende o ciclo produtivo da castanha-do-pará. Para ilustrar temos, a seguir, na tabela 2 a distribuição dos informantes:

Tabela 2 - Distribuição dos informantes:

Código	Função	Sexo	Origem
I-1	Extrat.	M	Abuí
I-2	Extrat.	F	Abuí
I-3	Extrat.	M	Abuí
I-4	Extrat.	F	Abuí
I-5	Extrat.	M	Abuí
I-6	Extrat.	M	Abuí
I-7	Extrat.	F	Abuí
I-8	Extrat.	F	Abuí
I-9	Extrat.	M	Abuí
I-10	Extrat. / Atrav.	M	Abuí
I-11	Extrat.	M	Abuí
I-12	Extrat.	M	Abuí
I-13	Extrat.	M	Cachoeira Porteira
I-14	Extrat.	F	Cachoeira Porteira
I-15	Extrat.	M	Cachoeira Porteira
I-16	Atrav.	M	Cachoeira Porteira
I-17	Extrat.	M	Cachoeira Porteira
I-18	Extrat.	M	BEC
I-19	Extrat.	M	BEC
I-20	Extrat.	F	BEC
I-21	Extrat.	M	BEC
I-22	Trab. Usina	F	Oriximiná
I-23	Trab. Usina	M	Oriximiná
I-24	Trab. Usina	M	Oriximiná
I-25	Trab. Usina/ Téc.	F	Oriximiná
I-26	Téc. Ambiental	M	Oriximiná
I-27	Téc. Agrônomo	M	Belém
I-28	Téc. Agrônomo	M	Belém
I-29	Téc. Florestal	M	Belém

Fonte: Pesquisa de campo (2015).

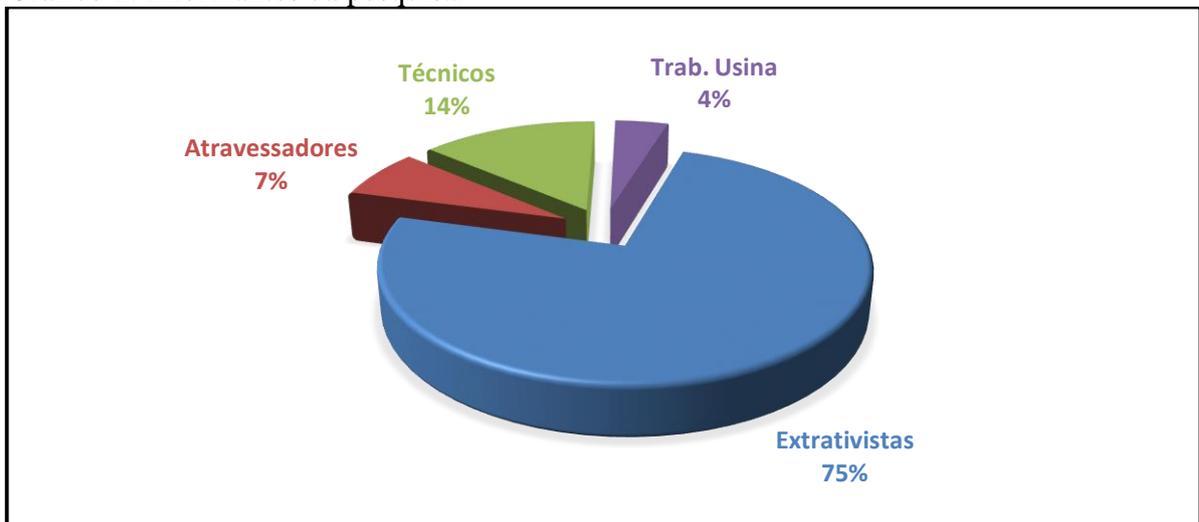
De acordo com os dados inclusos na tabela 2, fizeram parte da pesquisa:

- **Extrativistas** (homens e mulheres), que trabalham com a extração da castanha, na floresta, especificamente, com as etapas de pré-coleta, coleta e pós-coleta até a armazenagem das sementes para venda; **atravessador**, que comercializa a castanha produzida pelos extrativistas; **trabalhadores da usina**, que trabalham com os processos de beneficiamento da castanha e **técnicos** engenheiros agrônomos, florestal e ambiental, da EMBRAPA, IDEFLOR e SEMA, respectivamente, que desenvolvem pesquisas sobre a cadeia produtiva da castanha-do-pará na região norte, centradas na Região Baixo Amazonas;

- Entrevistados com, no mínimo, cinco anos de trabalho diretamente na atividade com a castanha ou que desenvolva projetos de incentivo e orientações na área pesquisada;
- Informantes com idade entre 18 (dezoito) a 70 (setenta) anos.
- As informações repassadas na codificação que indicará cada informante no glossário são: I-significa informante; F ou M-significam, respectivamente, feminino e masculino; a numeração de 1 a 29 mostra a ordem das entrevistas com os informantes; A, CP, BEC e UF- significam, respectivamente os locais de trabalho dos informantes, Abuí, Cachoeira Porteira, Estrada do BEC e Usina Florenzano.

Todos esses profissionais com experiência na atividade da cadeia produtiva da castanha-do-pará na EMBRAPA, na SEMA, na IDEFLOR, na Usina Florenzano, nos castanhais das Unidades de Conservação na região do alto Trombetas, nas fazendas, disponibilizaram-se a ceder entrevistas, a serem questionados, fotografados e filmados na ação de extração, beneficiamento, comercialização e em todas as fases do ciclo produtivo da castanha. Essa atitude mostrou-se fundamental para que essa pesquisa fosse efetivada. A seguir, apresentamos, no gráfico 2, os informantes da pesquisa, num total de 29 entrevistados:

Gráfico 2. Informantes da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora.

É importante ressaltar que o foco de nossa pesquisa se encontra na linguagem utilizada pelo extrativista, uma vez que, é no convívio social na realização da atividade especializada, que o habitante da floresta tece suas representações socioculturais. Observemos, ainda, que os

técnicos são profissionais que se encontram inseridos na dinâmica da atividade de produção da castanha-do-pará por meio de projetos de pesquisa que visam ao desenvolvimento socioeconômico e ambiental sustentável das comunidades extrativistas da região em estudo. Extrativistas e técnicos permanecem num frequente diálogo cuja terminologia apresenta-se com uma significativa variação, tanto de ordem linguística quanto de registro. Com efeito, a documentação do léxico especializado da castanha-do-pará assegura uma comunicação melhor entre esses profissionais, que trabalham com um conhecimento técnico e os extrativistas, que têm um conhecimento apoiado no saber popular.

Nesse processo de interação, encontra-se, também, a figura do atravessador. Em razão da longa distância e do difícil processo de escoamento do produto para a venda, os extrativistas estão em constante contato com esses profissionais para a comercialização da castanha. Percebemos na pesquisa de campo que muitos desses atravessadores são pessoas da própria comunidade com convivência diária. Esse contato também ocorre com os trabalhadores da usina. No início da coleta da castanha, quando usina ainda não recebeu a castanha para o processo de beneficiamento, os trabalhadores deslocam-se para os castanhais para realizar a atividade de extração do fruto da floresta. Dois a três meses depois de colheita do fruto na floresta, o produto já é recebido na usina e então retornam para trabalhar com as etapas do beneficiamento.

Cabe salientar, como afirma Faulstich (1995b, p. 8) que a pesquisa socioterminológica “requer procedimentos precisos, oriundos da etnografia, harmonizados com o meio e com os fenômenos que a definem”, sendo necessário atentar para os seguintes fatores:

- As características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada; tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem;
- As características do pessoal: postos que ocupam; formação profissional; especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização etc.;
- A competência e os usos linguísticos: comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas etc.;
- Registro da variação linguística na terminologia.

Esses fatores foram determinantes em nossa pesquisa conforme examinamos o conhecimento *in loco*, para, então, entendermos o tipo de atividade que era realizada na produção da castanha pelos profissionais. Percebemos como se dá a divisão do trabalho, a constante interação entre os profissionais e o impacto das novas tecnologias tanto no ciclo produtivo da castanha, como na linguagem. Foi possível verificar também que a participação em todas as etapas das atividades da castanha acontece pelos homens e pelas mulheres.

A regularidade comunicativa entre os técnicos e extrativistas acontece por meio de órgãos que atuam no município. A SEMA, EMBRAPA e ICMBio, por exemplo, disponibilizam constantemente serviço de acompanhamento e orientação para os extrativistas acerca das boas práticas de manejo e coleta da castanha-do-pará. Esse apoio técnico vem, também, por meio de pesquisadores que, por Oriximiná se destacam pela presença de vastas áreas de floresta amazônica preservada, onde chama a atenção a biodiversidade da flora e fauna. Por esse motivo, a região é afetada por várias Unidades de Conservação (UCs) federais e estaduais, entre as quais a Reserva Biológica (Rebio) do Trombetas.

3.2.4 Constituição do *corpus* da pesquisa

Para a constituição do *corpus*, o contato com os técnicos da SEMA e EMBRAPA e, principalmente com os extrativistas presidentes e coordenadores de associações e cooperativas, coletores de castanha, foi fundamental para o estabelecimento do percurso da pesquisa de análise e documentação da terminologia da atividade da castanha-do-pará. Logo de início, percebemos que essa atividade se constitui basicamente de três grandes sistemas de produção: a extração, o beneficiamento e a comercialização. Cada um deles subdividido em outras atividades.

Foi necessário, primeiramente, portanto, conhecermos a estrutura organizacional e o processo da produção da castanha, para depois elaborarmos os questionários que serviram de base para as entrevistas. Após as visitas, observação e entendimento do ciclo produtivo da castanha, elaboramos um questionário piloto com 140 questões²⁰ organizado definitivamente com os campos semânticos para a terminologia da castanha-do-pará, como explicitado anteriormente. Por sua vez, importante elucidar, que as entrevistas, em hipótese alguma, foram limitadas ao uso de questionários elaborados a partir de textos técnicos. Esse questionário foi

²⁰ Ver apêndice A.

organizado com perguntas relativas ao mundo sociolinguístico que caracteriza a terminologia em análise. Lembrando, contudo, que a partir desse questionário surgiram outras perguntas, já que as entrevistas foram dirigidas em forma de conversa informal. Porém, antes da aplicação do questionário, explicamos aos informantes qual era o objetivo da pesquisa e como os resultados seriam utilizados. E ao terminar as entrevistas, para maior controle, identificamos imediatamente as gravações.

Impõe-se, aqui, uma observação relevante quanto a esse momento da pesquisa na recolha dos dados. Como dito anteriormente, a atividade com a castanha-do-pará compreende várias etapas que acontecem num determinado período do ano, momento denominado de safra. Depois desse período, os profissionais da castanha aguardam outra safra. Em razão de toda essa dinâmica, julgamos necessário realizar as entrevistas no local da atividade com a castanha, no instante em que as etapas aconteciam na prática, nos castanhais no meio da mata, mesmo sendo na época de muita chuva, dificultando, assim, o acesso aos castanhais. No mês de janeiro, período que inicia a coleta do ouriço na floresta, acompanhamos o extrativista em todas as fases da prática do manejo e da coleta. Os processos de beneficiamento e comercialização também tiveram esse mesmo procedimento.

Além das visitas e do questionário, foi importante a utilização de instrumentos tecnológicos digitais de áudio, vídeo e imagem. As etapas do ciclo produtivo da castanha-do-pará foram registradas com o auxílio de uma filmadora SONY HDMI HDR-XR160 e um gravador Polaroid Digital Voice Recorder, 2GB, assim como também um bloco para anotações. Esses instrumentos de recolha de dados possibilitaram a gravação da fala em 24h (vinte e quatro horas), 483 imagens e 42 vídeos com um tempo estimado entre 30 segundos a 4 minutos, para posterior transcrição e análise, edição de imagem para o glossário impresso.

3.2.5 Organização do *corpus*

Para esse procedimento, o uso de recursos computacionais, como os programas *WordSmith Tools*, versão 4.0²¹ e o *Lexique Pro*, versão 3.6²², permitiram maiores possibilidades de edição, organização e processamento do banco de dados da terminologia da castanha-do-pará, após rigorosa etapa de transcrição das entrevistas.

²¹ Esse programa pode ser encontrado no site <http://www.liv.ac.uk/~ms2928> ou <http://www.lexically.net/>

²² O Programa *Lexique Pro* pode ser baixado gratuitamente no site www.lexiquepro.com/download.htm

Após todas as transcrições do *corpus*, os arquivos foram transformados em formato TXT. Para tanto, utilizamos o *Microsoft* Bloco de Notas, versão 5.1 para que os dados pudessem ser lidos posteriormente pelo *software* de análise lexical: *WordSmith Tools*.

Embora existam outros programas, de acordo com Fromm (2008) o *WordSmith Tools* é o mais indicado para o tratamento de grande quantidade de dados. Para esta pesquisa, na extração e seleção dos termos do domínio em questão, utilizamos o programa supracitado, já que disponibiliza ao pesquisador uma série de ferramentas²³ e utilitários²⁴ que o auxiliam na análise dos dados coletados.

As ferramentas utilizadas para a extração, seleção e análise em nosso estudo foram o *Wordlist* (lista de palavras) e *Concord* (concordância). Aquela, possibilitou a produção de duas listas de palavras: uma em ordem alfabética e a outra por ordem de frequência. Esta, possibilitou a produção de linhas de concordâncias ou listagens de itens específicos de um determinado termo ou de combinações extraídas do *corpus*. Essas linhas de concordâncias oportunizaram-nos analisar todas as ocorrências nos contextos de uso.

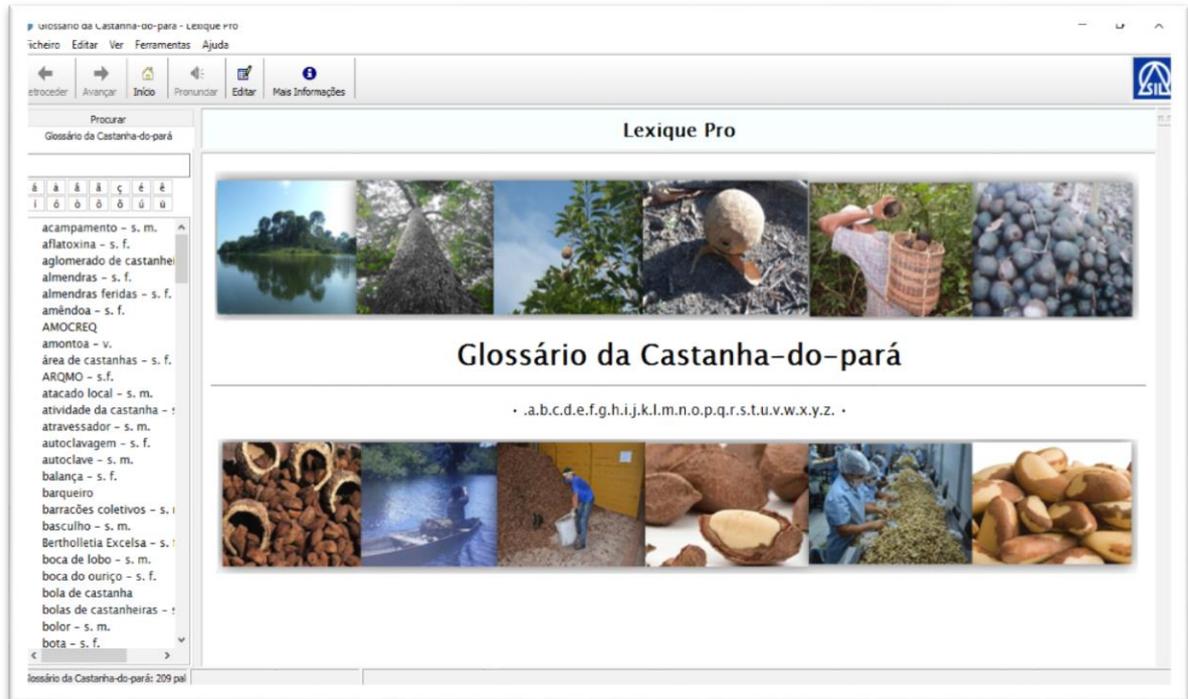
Importa observar, que esta ferramenta- *Wordlist*, facilita ao pesquisador reconhecer a frequência dos termos, em outras palavras, saber os termos mais frequentes na atividade pesquisada, que auxilia o pesquisador na escolha do termo-entrada. Entretanto, a determinação, de que um termo, por ter alta frequência, é de fato um termo utilizado na atividade, é o pesquisador juntamente com o auxílio dos profissionais da área de domínio.

Para nos auxiliar na organização do glossário utilizamos o programa *Lexique Pro*. Com as listas de termos prontas, partimos para a análise iniciando a inserção dos termos no referido programa. Na figura 1 temos a tela inicial do glossário:

²³ As ferramentas que compõem o programa *WordSmith Tools* são: *Wordlist*, *Keyword* e *Concord*.

²⁴ Os utilitários que compõem o programa são: *Renamer*, *Text convert*, *Splitter* e *Viewer*.

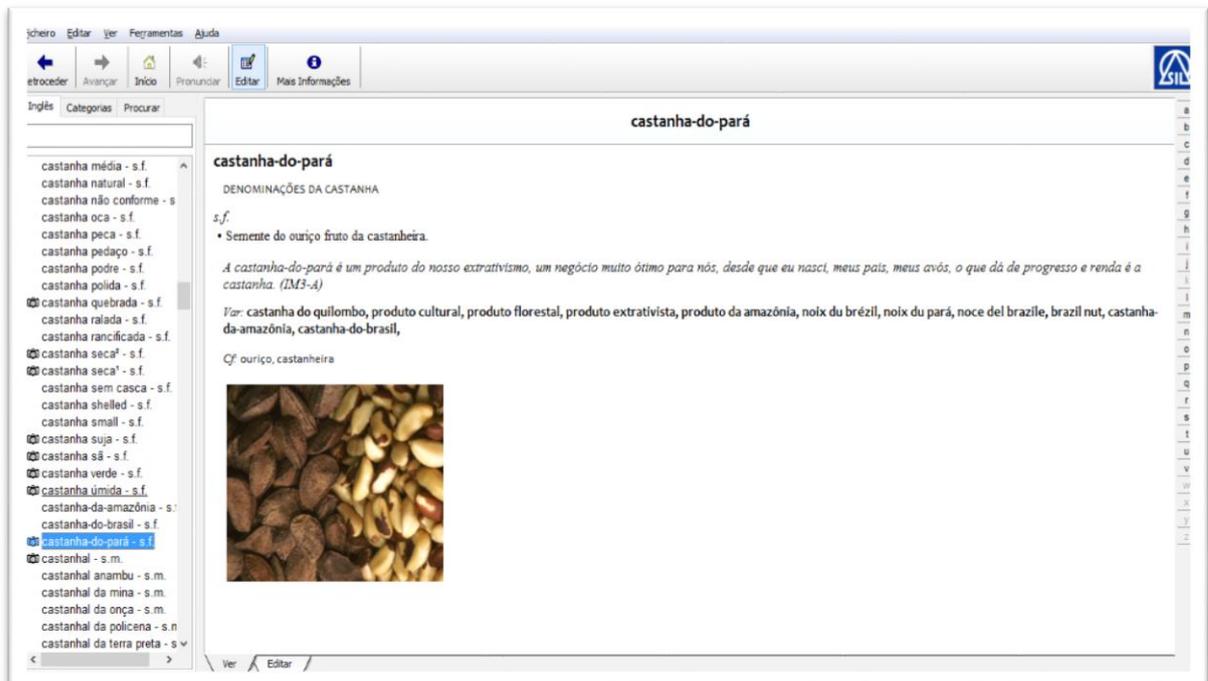
Figura 1 - Tela inicial do glossário da castanha-do-pará



Fonte: Plataforma *LexiquePro* – Tela de abertura do Glossário da castanha-do-pará

Como os termos foram organizados por campos semânticos, o glossário pode ser acessado pela aba “Categorias”, que possibilita a visualização do termo por cada campo semântico como mostrado na figura 2:

Figura 2 - Tela de visualização do verbete



Fonte: Plataforma *LexiquePro*- Tela de visualização do verbete.

Este programa é de grande importância para trabalhos dessa natureza, uma vez que permite organizar e estabelecer eletronicamente toda a macro e microestrutura do glossário. Os termos-entrada são apresentados em ordem alfabética à esquerda da tela na medida em que o pesquisador alimenta o banco de dados. Abrindo o programa, na tela principal, clica-se em uma das letras do alfabeto para acessar os termos já registrados. Além do mais, o programa disponibiliza hiperlinks de busca para a navegação pelo banco de dados e de busca por mais informações na Web, relacionando os termos-entrada com as variantes, as remissivas, os campos semânticos etc.

Para as inserções dos candidatos a termos no glossário e dos elementos relacionados a eles foram preenchidos ao mesmo tempo. Quanto à construção do verbete (tabela 3), foram utilizados, nesta pesquisa, os seguintes campos de informações com as respectivas etiquetas:

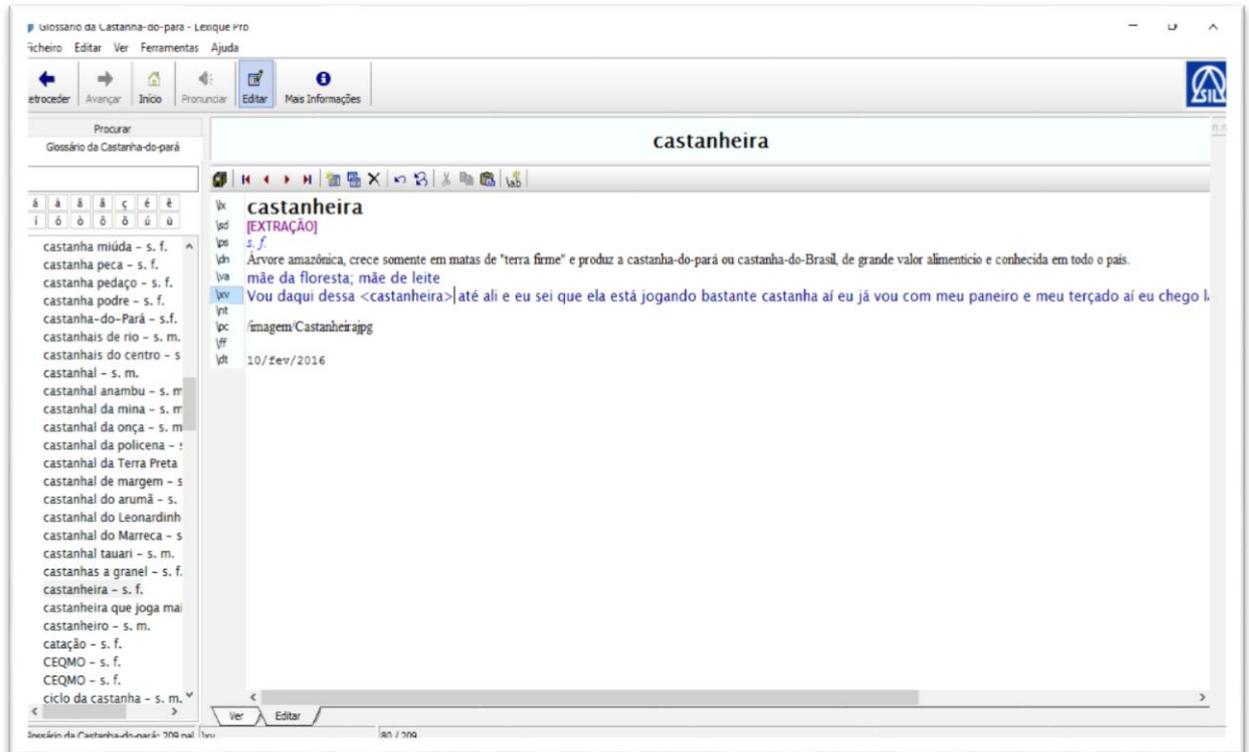
Tabela 3 - Estrutura do verbete

Etiquetas	Campos do verbete
\Ix- lexeme	Termo-entrada
\sd- semantic domain	Campo semântico
\ps- part of speech	Categoria gramatical
\dn- definition	Definição
\xv- example	Contexto
\va- variant form	Variante
\cf- cross reference	Remissiva
\nt- notes (general)	Nota
\pc- Picture	Imagem

Fonte: Adaptado pela autora.

Na medida em que as informações vão sendo inseridas no banco de dados, o programa organiza a microestrutura dos verbetes, da forma programada pelo pesquisador. De acordo com a tabela acima, as etiquetas são códigos que podem ser editadas apenas com um clique no botão *editar*, disponível na parte inferior do programa. Para submeter mais um registro, é só clicar no botão *inserir novo registro* e para deletá-lo, basta clicar no botão *eliminar este registro*. Esses botões encontram-se na parte superior do programa. A figura 3, a seguir, mostra a tela de edição do verbete:

Figura 3 - Tela de edição do verbete



Fonte: Plataforma *LexiquePro* – Tela de edição do verbete.

Ao inserir os termos no *software Lexique Pro*, percebemos que, além dele permitir o preenchimento das fichas terminológicas, a alimentação simultânea do banco de dados terminológico, ainda possibilita a inclusão de imagens e vídeos relacionados aos termos. Por isso, foi possível criarmos um banco de imagens com centenas de fotografias e um banco de vídeos com dezenas de pequenas gravações, registradas durante a pesquisa de campo.

Considerando essas explicações acerca das telas iniciais do programa *Lexique Pro*, assim como suas funções, destaca-se, aqui, a praticidade no manuseio das ferramentas que auxiliam na organização do produto terminológico e facilita a utilização pelo consulente.

3.2.6 Validação dos termos do glossário

O léxico especializado presente na produção da castanha-do-pará apresenta muita variação. Em detrimento disso, algumas ocorrências desse fenômeno exigiram enorme atenção, uma vez que causaram dificuldades em encontrarmos um conceito no corpus que melhor conceituasse, bem como dificuldade para sistematizar a variação terminológica. Assim, entendemos o papel fundamental da validação para o reconhecimento, não somente da definição, mas do termo definido também.

Seguindo a orientação de Faulstich (2010, p. 46), “a validação do repertório terminológico elaborado depende, basicamente, da tríade especialista em terminologia, especialista da área e usuário”, submetemos os termos à avaliação de técnicos especialistas da área que trabalham diretamente na área de domínio da atividade da castanha-do-pará. Esses especialistas foram selecionados a partir da pesquisa de campo, nas visitas à EMBRAPA, à SEMA e ao município de Oriximiná. São técnicos pesquisadores, considerados usuários, pois atuam diretamente com a atividade da castanha, na região do Baixo Amazonas.

Contamos com a assessoria de quatro profissionais da área em estudo. Em entrevistas, fizeram a leitura dos termos e apresentaram oralmente as considerações, ora confirmando, ora refutando a existência desse ou daquele termo. Foram feitas indagações constantes acerca das definições, das notas, se o contexto estava coerente, se as variantes poderiam ser aquelas coletadas, da importância de certas ações no manejo da atividade da castanha, de certos instrumentos utilizados, dentre outros.

Em seguida, retornamos o contato com dois consultores, extrativistas, nascidos e criados em Oriximiná, filhos de pais extrativistas que atuam na produção da coleta da castanha há mais de 40 (quarenta) anos no *locus* da pesquisa. Neste momento, realizamos uma conversa informal com cada um para mostrar a obra terminográfica. Foi realizada a leitura dos termos e dos conceitos cuja reflexão foi mais intensa. A partir desse procedimento, todas as informações cedidas pelo consultor foram consideradas importantes para a redação final das definições dos termos.

Por fim, agendamos pela segunda vez, uma entrevista, com duração aproximada de 2h (duas horas), com um especialista da SEMA, com mais de 10 anos (dez) atuando nessa área em estudo, gerente responsável pelas Florestas Estaduais da Calha Norte: Faro, Paru e Trombetas, localizadas no Estado do Pará, na Calha Norte do Rio Amazonas, que tem como principal atividade extrativa a castanha-do-pará.

Por fim, foram feitas as alterações pertinentes observadas pelos profissionais da área especializada em análise, proporcionando à pesquisa uma base solidificada com credibilidade no fazer terminológico e terminográfico para o registro da terminologia da castanha-do-pará no Pará.

3.2.7 Organização do glossário

Conforme apontado, para a construção do glossário contamos com o auxílio do *Lexique Pro*. De maneira que os dados que seriam inseridos em uma ficha terminológica, nutriram o

banco de dados do referido programa. Com isso, trabalhamos na edição dos verbetes com base nesse banco de dados. Quanto ao plano macroestrutural do glossário, os termos são apresentados em ordem alfabética com algumas ilustrações, quando possível.

A macroestrutura é a organização interna que está relacionada às características gerais do repertório. Para tanto, acreditamos ser relevante destacar alguns fatores fundamentais para a organização macroestrutural do glossário, como por exemplo, o que vai ou não estabelecer entrada no repertório e todos os critérios selecionados para essa organização. São questões fundamentais que devem ser adotadas antecipadamente por qualquer terminólogo. Dessa forma, destacamos os critérios sugeridos por Barros (2004, p. 194-195) e Krieger e Finatto (2004, p. 138-140) que podem auxiliar o pesquisador na tarefa de escolha dos termos que serão inseridos no glossário, a partir do objetivo da obra. Consideramos, portanto, os seguintes critérios:

- a) Frequência de uso do termo;
- b) Pertinência temática;
- c) Pertinência pragmática;
- d) Fiabilidade dos termos;

Apesar de a frequência ser o critério mais utilizado no trabalho de delimitação da nomenclatura, nem sempre é possível determinar que um termo realmente faça parte da terminologia estudada somente por esse critério. O mais adequado, então, é lançar mão dos critérios quantitativos (estatísticos, de frequência e outros) e dos critérios qualitativos (de natureza semântica, grau de aceitabilidade dos termos e outros), pois, juntos, melhor auxiliam o terminólogo no momento da seleção dos termos. A lista de palavras gerada pelo *WordList*, no programa *WordSmith*, auxilia a escolha do candidato a termo-entrada principal, pela frequência apresentada, como explicitado anteriormente.

Pertinência temática, para Krieger e Finatto (2004, p. 138), “é a propriedade de um termo pertencer a uma terminologia *stricto sensu* pelo fato de veicular-se a um conceito que faz parte do campo cognitivo do domínio inventariado. ” Entendemos, contudo, baseado no pensamento das autoras, que a pertinência temática se refere aos traços que se relacionam semanticamente com o domínio. Esses traços “caracterizam a individualidade do domínio”, constituindo-na. Em detrimento disso, verificamos em nosso *corpus*, termos exclusivos da terminologia da castanha-do-pará. Outro ponto destacado pelas autoras é quanto à necessidade que o terminólogo tem em buscar auxílio aos especialistas da área em estudo com a finalidade de garantir qualidade e fiabilidade ao repertório, quando argumentam que “o reconhecimento da pertinência temática de um termo depende do nível de compreensão alcançado pelo pesquisador a respeito da estruturação da área de conhecimento em foco. ”

Quanto à pertinência pragmática, Krieger e Finatto (2004, p. 139) afirmam ser “a realidade que permite que um termo ‘aparentemente alheio’ a uma certa subárea faça parte de uma terminologia *lato sensu*.” À vista disso, legitima-se a adição de um termo, por exemplo, conexo a outro domínio de conhecimento, mas que assumiu estatuto próprio na terminologia compilada.

Uma vez definidos esses critérios, importa dizer que o glossário possui 496 termos proveniente do universo discursivo da produção da castanha-do-pará. As entradas inventariadas no glossário são constituídas de termos simples e complexos (sintagmas terminológicos).

Relacionado ainda a esse aspecto organizacional, os termos que compõe a terminologia da produção da castanha-do-pará, além de estarem sistematizados em ordem alfabética, encontram-se também relacionados aos campos semânticos, de acordo com a árvore de domínio.

Quanto à microestrutura dos dados contidos nos verbetes do glossário foi definida com base em Faulstich (2010) com adaptações:

Quadro 6: Modelo de organização do verbete na microestrutura.

Termo-entrada + campo semântico + categoria gramatical + definição + contexto
(fonte do contexto) ± variante ± imagem/ilustração ± nota ± remissiva

Os consulentes do glossário devem considerar os seguintes fatores distribuídos na organização microestrutural:

A **Entrada**: constitui a forma básica do termo que apresenta o verbete e obedece a uma sequência alfabética contínua e sistemática.

Campo semântico: aponta os campos que compõem o sistema conceitual da terminologia da castanha-do-pará. Os campos semânticos compreendem as etapas, áreas ou fases da atividade em que o termo é utilizado. Importante dizer que há ocorrência de termos que apresentam uso em mais de um campo semântico. Esses casos estão indicados adequadamente no glossário. Os termos da castanha-do-pará estão distribuídos em oito campos semânticos, dispostos ao lado do termo-entrada, entre colchetes.

Categoria gramatical: é a classe gramatical pertencente ao termo. As categorias gramaticais selecionadas para este produto terminográfico são: *s.f.* – substantivo feminino; *s.m.* – substantivo masculino; *v.* -verbo; *adj.*- adjetivo. Importante destacar que, mesmo encontrando no corpo de verbetes, unidades terminológicas complexas, (UTCs) optamos por considerar

somente o núcleo dessa estrutura terminológica, em razão de perceber que, dessa forma, as informações ficam mais acessíveis aos consulentes. Por exemplo, *camboir castanha* (v.).

Definição: enunciado que descreve os conceitos referentes aos termos. A construção das definições para este trabalho, foram elaboradas conforme determina Pontes (2009), baseado em dois princípios chaves: a identidade categorial e a identidade funcional.

Contexto: um trecho da entrevista que ilustre a ocorrência efetiva do termo. Esse contexto é retirado do próprio *corpus*. Neste estudo, elegemos como prioridade enunciados que tivessem uma definição, ou pelo menos uma noção dessa definição, assim como Duboc (1985 apud ARAGÃO, 2007, p. 63), apresenta: o contexto definitório que não apresenta uma definição propriamente dita, mas aponta para a noção subjacente ao termo; o contexto explicativo que dá indicações da natureza funcional do termo; o contexto associativo que não apresenta descritores do termo, mas situa-o dentro de um campo e mostra as relações com outros termos. Acompanha, ainda, a indicação da fonte, ou seja, o registro do informante de cujo discurso foi extraído o trecho. O termo extraído do contexto será destacado com parênteses angulares como em <castanha> para facilitar a visualização do consulente.

Variante: neste campo são apresentadas as variantes terminológicas linguísticas encontradas no *corpus*. São formas concorrentes do termo-entrada. No glossário, são indicadas pela abreviatura **Var.** e não são classificadas quanto à sua natureza fonética, lexical, gráfica ou sintática. Porém, nelas são incluídos os sinônimos. Importante destacar que as variantes constituem termos-entrada no glossário com campo conceitual, categoria gramatical e contexto seguido da fonte. As variantes formadas por siglas provenientes de língua estrangeira apresentam categoria gramatical e significado na língua de origem, o mesmo ocorre com as de origem da língua portuguesa.

Nota: aponta informações complementares de natureza enciclopédicas ou etimológicas, que auxiliam no entendimento do termo, uma vez que trazem informações gerais e específicas da produção da castanha-do-pará.

Remissivas: é um sistema de relação entre os termos, estabelecido por uma hierarquia semântica. Foi importante para este estudo, fazer a remissão para o termo mais frequente onde já se encontra a definição. No glossário, as remissivas são prescritas por meio da abreviatura *Cf.* (= conferir).

Vale ressaltar que, no quadro informativo da tipologia terminográfica, pode haver supressão ou inclusão de alguns campos, como por exemplo, o sinal (±) quer dizer a não obrigatoriedade dos campos variante, remissiva e nota.

Além da estrutura apresentada, foram tomadas algumas decisões quanto à organização do glossário:

O termo-entrada, categoria gramatical, contexto e definição são elementos obrigatórios. Já os outros (variante, nota, remissiva e imagem), dependem da característica de cada termo como, por exemplo, alguns termos apresentam variante e outros não.

O componente imagem (ilustração) aparece em 129 verbetes, como explicado anteriormente. O uso das imagens tem a finalidade de ilustrar os conceitos e ajudar na clareza das definições.

O componente remissiva aparece em alguns verbetes, com a aplicação já tradicional e, também, de inserir o termo num dado campo semântico.

Em caso de homonímia quando os sentidos são relacionados, ficam reunidas num único texto numerado e com um único contexto. Quando os sentidos são diferenciados, eles ficam numerados e em textos diferentes, com contextos específicos e variante (quando for o caso) e remissiva.

Variante terminológica estrangeira (*V. Estr. :*) em itálico, com iniciais maiúsculas seguidas de dois pontos.

No caso da existência de mais de uma variante, aparecerão no verbete organizadas da mais frequente para a menos frequente.

Quanto à inserção no glossário de variantes fonológicas, aparecem em itálico, com campo semântico, categoria gramatical e variante.

Algumas siglas foram consideradas variantes. Por isso, possuem verbetes próprios, de termo-entrada variante.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

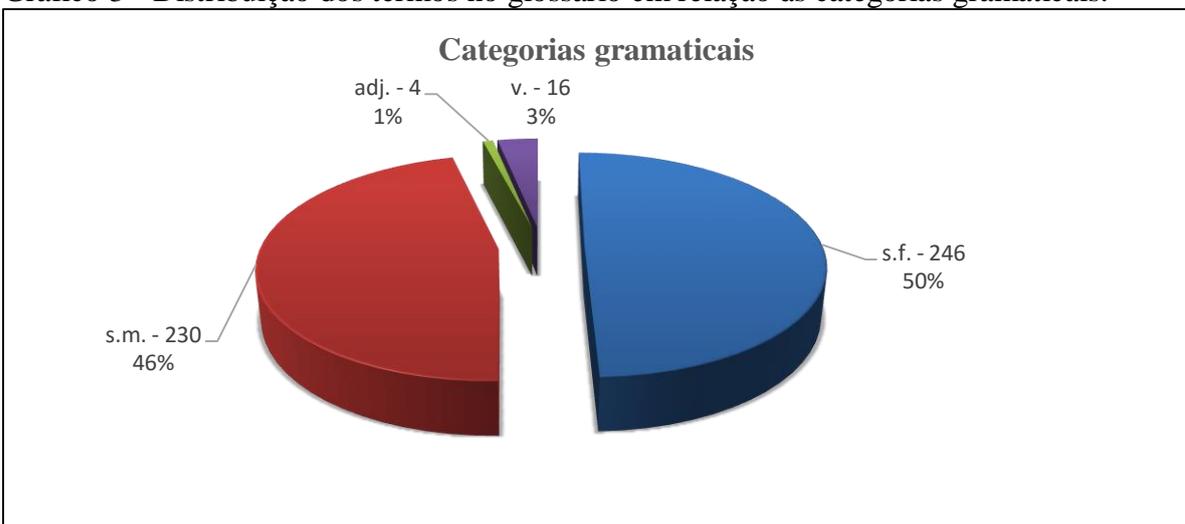
Neste capítulo, é apresentada uma breve exposição da distribuição dos termos no glossário, em números percentuais, por meio de gráficos, relacionada à categoria gramatical, às variedades linguísticas, ao campo semântico, entradas com variante e entrada sem variante, termos da castanha-do-pará relacionados a outras atividades e à língua comum e às Unidades terminológicas simples (UTS) e Unidades terminológicas complexas (UTCs). Ademais, seguimos com as orientações para a leitura do glossário pontuando informações gerais sobre os elementos que o compõem e, por fim, expomos o presente volume que reúne 496 termos da linguagem especializada da castanha-do-pará.

4.1 A distribuição dos termos no glossário

Os verbetes no Glossário totalizam 496 unidades terminológicas, das quais 268 são entradas principais e 228 são entradas variantes. Como anteriormente citado, os verbetes estão organizados em ordem alfabética, em seis campos semânticos. Dos 496 verbetes, 128 são ilustrados.

A seguir, apresentamos o gráfico 3 que demonstra a ocorrência de termos quanto às categorias gramaticais. Conforme prevíamos o glossário mostra 246 substantivos femininos, 230 substantivos masculinos, 16 verbos e somente 4 adjetivos.

Gráfico 3 - Distribuição dos termos no glossário em relação às categorias gramaticais.

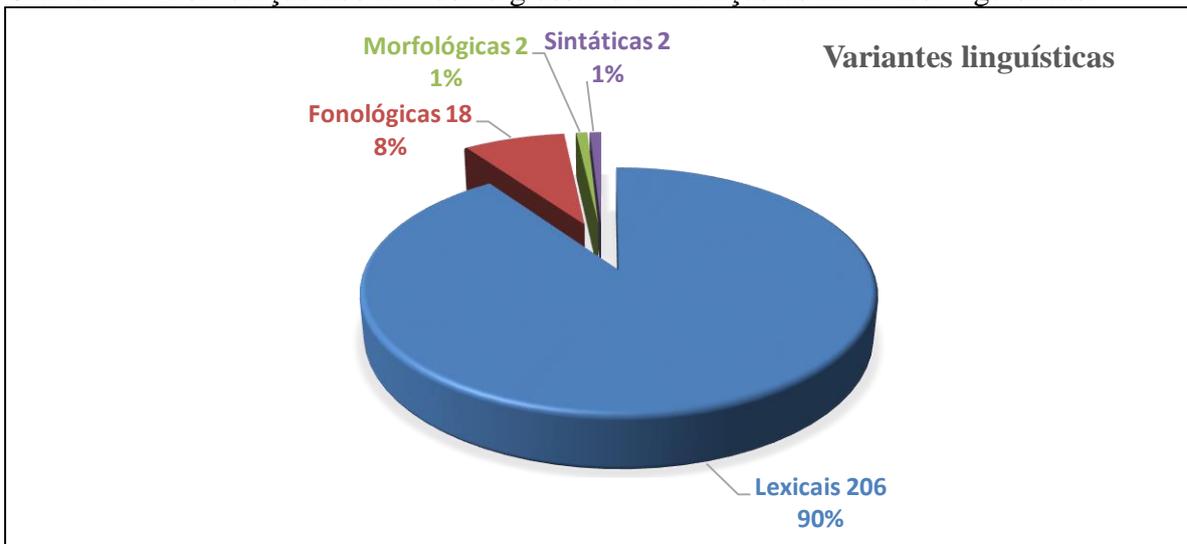


Fonte: Elaborado pela autora.

Observando os dados do gráfico 3, vemos ainda, que a maioria dos termos são substantivos - justamente por ser característica forte da linguagem especializada - com 50% de substantivos femininos e 46% de substantivos masculinos, 3% de verbos e 1% de adjetivos. No total, 96% dos termos são substantivos. Essa ocorrência excessiva de substantivos é uma característica bastante acentuada das terminologias, dado que a linguagem especializada tem o objetivo de atribuir nomes a objetos de um modo geral. Vale destacar ainda que, os adjetivos e verbos que correm aqui, são decorrentes de substantivos. Por exemplo, podemos citar: *comboio de castanha (subst.) – comboiar castanha (v.); comboieiro (adj.)*.

De acordo com o gráfico 4, a seguir, o glossário apresenta, conforme as variantes terminológicas linguísticas, do modelo variacionista de Faulstich (2010), escolhido para esta pesquisa, 206 variantes lexicais, 18 variantes fonológicas, 02 variantes morfológicas e 02 variantes sintáticas. Quanto à variante terminológica gráfica não encontramos nenhuma ocorrência no *corpus* analisado.

Gráfico 4 - Distribuição dos termos no glossário em relação às variantes linguísticas.



Fonte: Elaborado pela autora.

As variantes lexicais são as mais frequentes na terminologia estudada, com 90%, seguidas pelas variantes fonéticas com 8% e, por fim, pelas variantes morfológicas e sintáticas com 1% cada uma. Faulstich (2001, p. 27) apresenta a variante terminológica lexical como aquela em que algum item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa sofre apagamento, porém o conceito do termo não é alterado. Para ilustrar, temos: *época da coleta da castanha – época da castanha*.

As variantes terminológicas fonológicas são também registradas. Podem aparecer na escrita de forma decalcada da fala, como em *ouriço* em relação a *oriço*; *película* em relação a *pilica*; *jamaxi* em relação a *jamanxim*. Vale ressaltar que, embora as variantes terminológicas

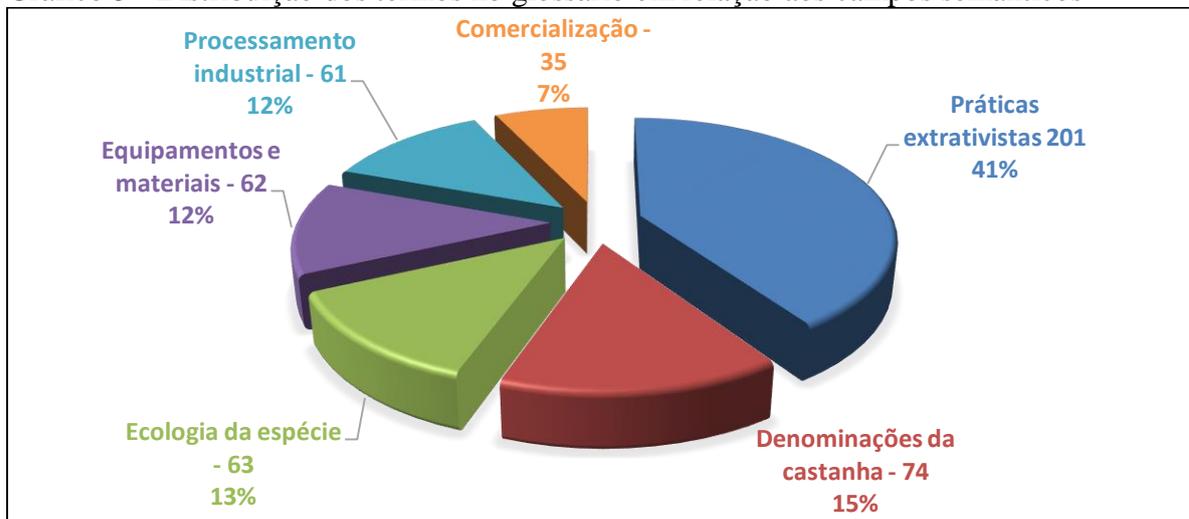
lexicais apresentem a maior frequência na linguagem especializada da castanha-do-pará, as variantes terminológicas fonológicas aparecem, também, com um registro significativo de termos. Assim, podemos dizer que, esse fenômeno ocorre nesse discurso especializado em razão da opção pelo discurso oral para coleta dos dados, nesta pesquisa. Podemos reconhecer, então que, quanto menos técnico é o discurso maior é a possibilidade de ocorrência das variantes fonológicas, pois é um discurso circunscrito por seus falantes e o contexto de uso.

Ainda em relação às variantes linguísticas, o glossário registra 02 variantes terminológicas morfológicas. Elas são definidas por apresentarem alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem a alteração do conceito, como em *quebra da castanha* e *quebração da castanha*; *quebra automática* e *quebragem automática*, na linguagem da cultura da castanha-do-pará. Por fim, o glossário apresenta, igualmente, o registro de 02 variantes terminológicas sintáticas, a saber: *armazém comunitário* e *armazém da comunidade*; *castanha in natura* e *castanha natural*.

Portanto, acreditamos que o glossário produzido mostra um conjunto de termos bastante representativos, no que diz respeito às variantes terminológicas linguísticas, captadas no lugar de interação sociocultural em que vivem os profissionais envolvidos na atividade da castanha-do-pará.

Os verbetes no glossário, como mostra o gráfico 5, a seguir, totalizam 496 unidades terminológicas, das quais 201 associam-se ao campo semântico práticas extrativistas, 74 ao campo semântico denominações da castanha, 63 ao campo semântico ecologia da espécie, 62 ao campo equipamentos e materiais, 61 ao campo processamento industrial e, por fim, 35 associam-se ao campo comercialização.

Gráfico 5 - Distribuição dos termos no glossário em relação aos campos semânticos



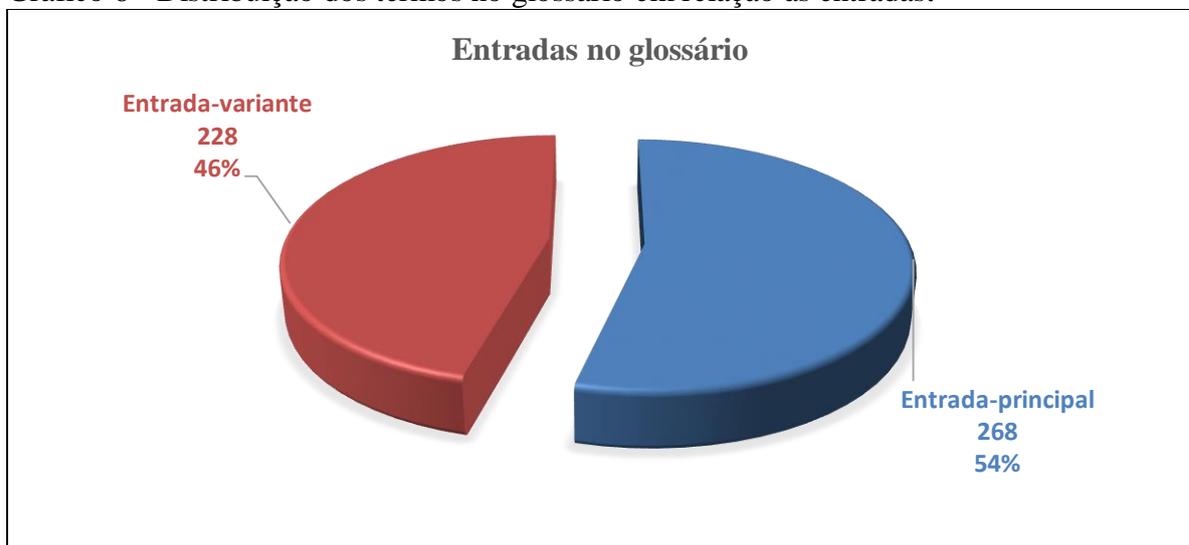
Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme vemos no gráfico 5, a ocorrência de termos do campo semântico *Práticas extrativistas* é maior, com 41% de termos. Em seguida, vem o campo semântico *Denominações da castanha* com 15% de termos, o campo semântico *Ecologia da espécie* com 13% de termos, os campos semânticos *Equipamentos e materiais* e *Processamento industrial* com a mesma porcentagem, 12% de termos e, por fim, o campo semântico *Comercialização* com 7% de termos. Esses números mostram que, a linguagem representativa do campo semântico *Práticas extrativistas* se dá em virtude da finalidade da pesquisa em explorar mais o *locus*, onde o extrativismo da castanha-do-pará é atividade principal. É uma área que se encontra mais diretamente ligada à produção da castanha-do-pará. Essa representatividade significativa nesse campo semântico já era esperada, uma vez que as etapas da coleta são em maior quantidade que as do beneficiamento e comercialização da castanha-do-pará.

Consideramos natural que logo em seguida aparecem os campos semânticos *Denominações da castanha* e *Ecologia da espécie*, justamente por estarem mais ligados às atividades do extrativismo da castanha-do-pará.

O gráfico 6 demonstra a ocorrência dos termos em relação às entradas no glossário. Dos 496 termos, 268 são termos entrada-principal e 228 são termos entrada variante.

Gráfico 6 - Distribuição dos termos no glossário em relação às entradas.

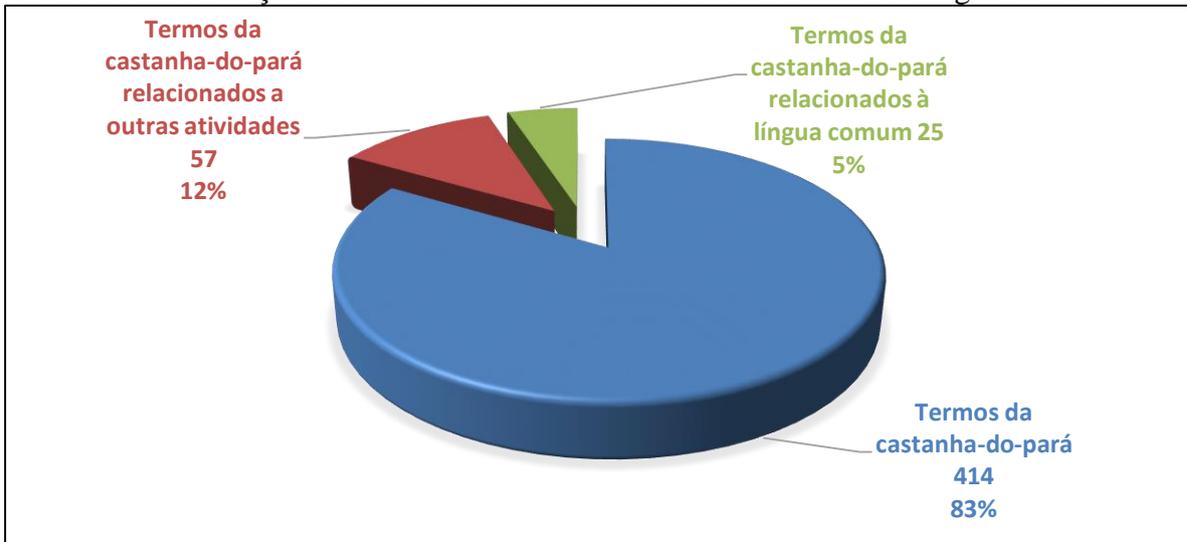


Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 6 mostra que a maioria dos termos são entrada principal, com 54% de termos e os termos entrada variante vem logo em seguida com 46% de termos. Considerando-se as características do *corpus*, composto por entrevistas realizadas *in loco*, no cenário da produção da castanha-do-pará, esses números ratificam a ocorrência marcante dos termos entrada variante.

O gráfico 7, a seguir, mostra os dados referentes à distribuição dos termos que estão relacionados a outras atividades e à língua comum. Como dito anteriormente, o glossário da castanha-do-pará apresenta 496 verbetes. Desse total, temos o registro de 57 termos da castanha-do-pará relacionados também a outras atividades, contra 25 termos relacionados à língua comum.

Gráfico 7. Distribuição dos termos relacionados a outras atividades e à língua comum.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os termos da castanha-do-pará são os que apresentam um nível de especialidade relacionado ao elo produtivo da castanha-do-pará, especificamente, à etapa do extrativismo desse produto. Como por exemplo os termos *castanheira*, *castanheiro*, *coleta da castanha*, *ouriço*, *castanhal*, *castanha peca*, dentre outros.

Os termos da castanha-do-pará relacionados a outras atividades são os que estão inseridos no universo produtivo da castanha-do-pará, porém apresentam um grau de aproximação com outras atividades, como em *balança mecânica*, *desidratação*, *aflatoxina*, *floração*, *inflorescência*, *autoclavagem*, *bolor*, *dosador*, *endocarpo*, *plântula*.

Por fim, os termos da castanha-do-pará relacionados à língua comum partilham uma utilidade na produção da castanha-do-pará, como por exemplo, *depósito*, *canoa*, *bote*, *luminária*, *balde*, *planilha*, *armazém*, *quenga*, *casco*, *terçado*, *cambito*, *encerado*. Embora sendo da língua comum e com sentido próprio, na produção da castanha-do-pará esses termos são ressignificados, assumem um novo sentido. Dessa forma, podemos inferir que, os termos da castanha-do-pará que estão ligados à língua comum possuem uma forma, porém demonstram significados distintos: um pertinente à linguagem comum e outro de sentido terminológico, relativo à área produtiva da castanha-do-pará, consequência de uma especialização.

O gráfico 8 apresenta a distribuição das unidades terminológicas simples e complexas. Do total de 496 termos, registrados no glossário, 135 são unidades terminológicas simples (UTS) e 361 são unidades terminológicas complexas (UTCs).

Gráfico 8 - Distribuição das unidades terminológicas simples e complexas.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme mostra o gráfico 8, na terminologia da castanha-do-pará predominam as UTCs, com 73% de termos. Depois, temos as UTS, com 27% de termos. Vale ilustrar que, os termos que se apresentam como unidades terminológicas simples, são aqueles formados por um só radical com ou sem afixos, por exemplo: *amêndoa*, *basculho*, *capongo*, *castanhal*, *castanha*, *floração*, dentre outros. Já os termos constituídos como unidades terminológicas complexas, também chamada de sintagmas terminológicos, caracterizam-se pela presença de dois ou mais radicais, com possibilidade de acréscimo de outros elementos, como por exemplo: *doce de castanha* (substantivo + preposição + substantivo); *castanha chocha* (substantivo + adjetivo); *castanhal da terra preta* (substantivo + preposição + substantivo + adjetivo), entre outros.

Essa alta produtividade dos termos com composição de sintagmas terminológicos no glossário da castanha-do-pará conduz a análise ao pensamento de estudiosos da Terminologia, como Barros (2004) segundo a qual essa eficiência discursiva na linguagem científica e especializada expressa-se, na maioria, pela formação de termos de tipo sintagmático. O fato de a sintagmatização ser um dos recursos mais utilizados para a criação de novas UTS já é consenso, pois, “é um dos recursos com maiores possibilidades de êxito no que diz respeito à aceitação social imediata do termo”, Cabré (1993, p. 303). Fenômeno que ocorre num “contínuo que vai do mais geral ao mais específico” Faulstich (2012, p. 14).

Importante destacar que em relação às UTCs, embora se apresentem como sintagmas, decidimos por classificá-los, aqui neste glossário, como substantivos ou verbos com a finalidade de facilitar a consulta pelos consulentes.

4.2 Como ler o glossário

Um dos objetivos para a produção do glossário que ora apresentamos, foi criar uma ferramenta que auxiliasse especialistas e não-especialistas do extrativismo, beneficiamento e comercialização, que envolvem a cadeia produtiva da castanha-do-pará, como professores, estudantes, além de outros que possam se interessar pela produção da castanha-do-pará. Esse público-alvo, de alguma maneira, confere as características de uma obra terminológica, como por exemplo, a linguagem impressa nas definições e seus traços discursivos. Já que o glossário da castanha-do-pará se destina também aos especialistas do domínio, foi fundamental conhecer o perfil dos profissionais, para que essa obra terminográfica se tornasse um instrumento de consulta produtiva enquanto meio de informação lexical e semântica de campos específicos do conhecimento.

Na elaboração do glossário consideramos o uso efetivo dos termos no discurso oral, considerando as variantes. A linguagem discursiva que compilamos exigiu que buscássemos um conhecimento prévio e mais próximo das etapas de produção da castanha-do-pará, uma vez que o termo é descrito com as características linguísticas próprias do contexto, observando-se as variantes em uso.

Antes de apresentar o glossário, consideramos relevante pontuar algumas informações relativas aos elementos constitutivos da obra terminográfica em questão, mesmo tendo sido mencionadas anteriormente. Para uma leitura satisfatória e entendimento do glossário, são especificados, a seguir, os elementos que constituem a estrutura dos verbetes. Também são apresentadas as diferenças principais entre termo-entrada principal e termo-entrada variante.

Os verbetes estão apresentados em ordem alfabética, obedecendo à seguinte estrutura: Entrada; Campo Semântico; Categoria Gramatical; Definição; Contexto; Variante; Remissiva; Nota (em casos em que se precisa maiores esclarecimentos sobre o termo-entrada).

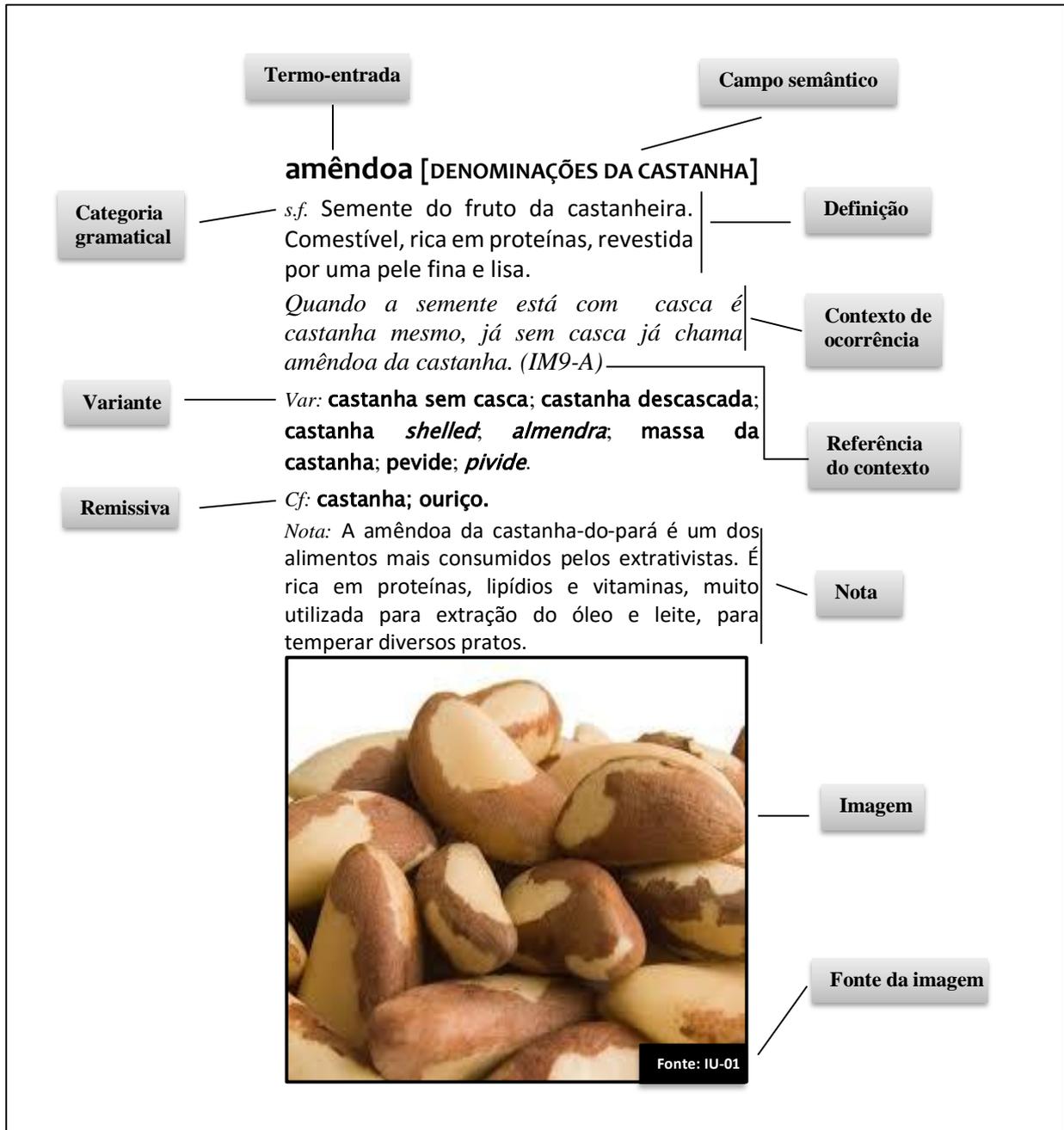
a) Termo-entrada principal e termo-entrada variante

O termo-entrada variante não apresenta todos os campos presentes no termo-entrada principal, como por exemplo, a definição, a ilustração e a nota. Aquele, apresenta somente o

campo semântico, a categoria gramatical, o contexto de ocorrência e, quando houver, variantes.

A figura 4, a seguir, representa o termo-entrada principal:

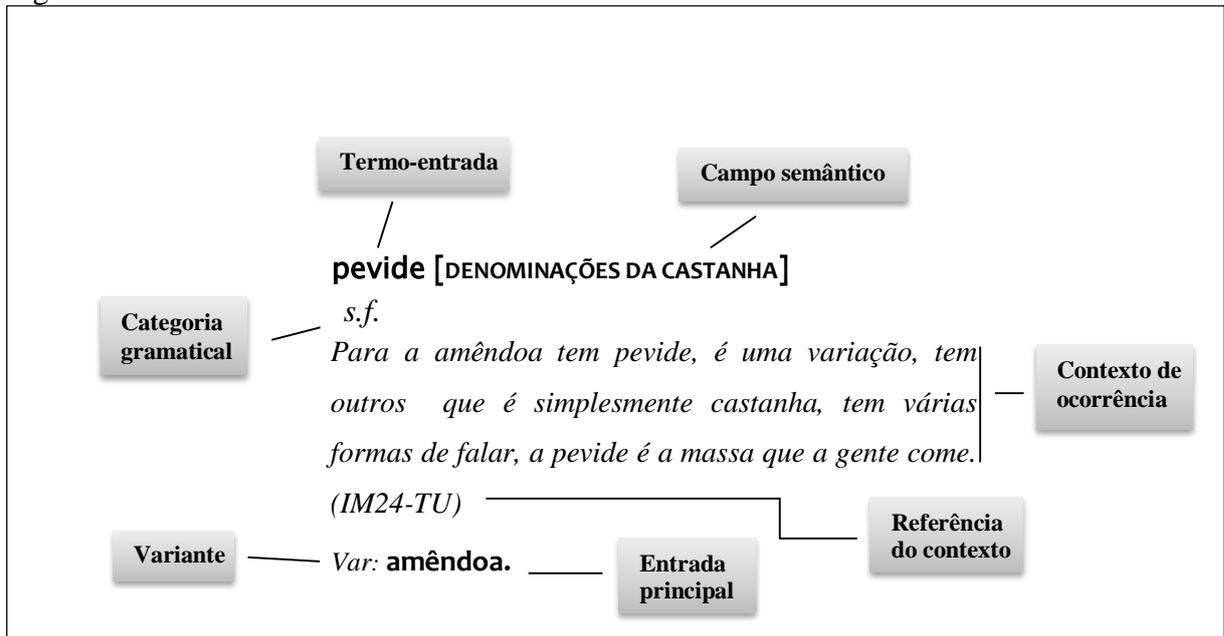
Figura 4 - Termo-entrada principal



Fonte: Elaborado pela autora

Já a figura 5 representa o termo-entrada variante:

Figura 5 - Termo-entrada variante



Fonte: Elaborado pela autora.

b) Abreviaturas e símbolos

- *adj.* – adjetivo
- *s.f.* – substantivo feminino
- *s.m.* – substantivo masculino
- *v.* – verbo
- *Var.* – variante
- *Cf.* – conferir (usado quando o termo remetido, que está contido na definição, contexto ou nota do termo-entrada onde se encontra a remissiva, for um verbete desenvolvido com definição e contexto).
- [] – campo semântico
- () – fonte do contexto

c) Codificação da referência do contexto

- **I** – Informante
- **M** – Masculino
- **F** – Feminino

- 1 a 29 – ordem das entrevistas
- A – Abuí (ponto de inquérito)
- CP – Cachoeira Porteira (ponto de inquérito)
- BEC – Estrada do BEC (ponto de inquérito)
- TU – Trabalhador da Usina (ponto de inquérito)

d) Codificação da referência da imagem

- **I** - Imagem
- **A/CP/BEC/U** – Local onde a foto foi registrada (codificação dos pontos de inquérito acima ilustrados)
- **Numeração** – numeração que ocupa a imagem no acervo TermiCas.

Vejamos o seguinte exemplo da ilustração do termo *coletar ouriço* que possui a codificação: **IA-129**. Significa que a imagem foi tirada na comunidade do Abuí, está na 129^a do acervo TermiCas.

Apresentamos a seguir o produto deste trabalho sob forma de glossário.

4.3 O Glossário da castanha-do-pará



GLOSSÁRIO DOS TERMOS DA CASTANHA-DO-PARÁ



A - a

acampamento da coleta

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Lugar na floresta onde os extrativistas permanecem durante a época da coleta da castanha-do-pará.

Vamos mais cedo pra floresta que é pra montar o acampamento da coleta, que são os tapiris para nos proteger durante a coleta da castanha. (IM10-A)

Var: **casa do castanheiro.**

Cf: safra da castanha; tapiri.

acampamento provisório

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Lugar provisório para ficar na colocação da castanha-do-pará, na época da coleta.

O acampamento é muitas das vezes o local de passagem, às vezes na rota pro castanhal se leva três, quatro dias, acampamos pra seguir adiante até a colocação, tem o acampamento provisório que é só pra pernoite. (IM26-T)

Var: **paragem; parage.**

Cf: colocação; safra da castanha.

aflatoxina [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Substância produzida por fungo, do gênero *Aspergillus*, responsável pela contaminação da castanha.

[...]depende das condições da conservação ou armazenamento da castanha, ela fica muito tempo armazenada e começa a liberar essa aflatoxina. (IMA26-T)

Cf: fungo.

aglomerado de castanheira

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Um aglomerado de castanheira a gente chama de ponta de castanha, ali tem uma ponta de castanha, são várias castanheiras próximas. (IM13-CP)

Var: **castanhal.**

Cf: castanheira.

almendra [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

No meu setor todas fazem o mesmo processo que é de seleção das almendras. (IF22-TU)

V. Estr.: **amêndoa.**

almendra ferida

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Tem que ir somente as castanhas inteiras, as castanhas quebradas compra quem trabalha com alimentos, mas tem comprador de castanha para almendra ferida. (IF22-TU)

Var: **castanha ferida.**

ambé [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Cipó que se desenvolve em torno do tronco da castanheira, utilizado na confecção do paneiro.

Para tecer o paneiro a gente usa o cipó ambé que é bastante resistente e muito comum na nossa região e também cipó titica, envira pra carregar ele. (IM11-A)

Cf: paneiro.

Nota: Designação comum às plantas lenhosas e trepadeiras, características das matas tropicais, de ramos delgados e flexíveis, que se desenvolvem nos caules e ramos de árvores como a castanheira.

amêndoa [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Semente do fruto da castanheira. Comestível, rica em proteínas, revestida por uma pele fina e lisa.

Quando a semente está com casca é castanha mesmo, já sem casca já chama amêndoa da castanha. (IM9-A)

Var: **castanha sem casca; castanha descascada; castanha shelled; almendra; massa da castanha; pevide; pívide.**

Cf: castanha; ouriço.

Nota: A amêndoa da castanha-do-pará é um dos alimentos mais consumidos pelos extrativistas. É rica em proteínas, lipídios e vitaminas, muito utilizada para extração do óleo e leite, para temperar diversos pratos



Fonte: IU-01

AMOCREQ [COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Associação dos moradores da comunidade remanescente de quilombo de Cachoeira Porteira, município de Oriximiná/PA, responsável pelas atividades do extrativismo da castanha-do-pará.

[...] e temos a AMOCREQ que é a associação guarda-chuva quilombola e dentre muitas funções articula a compra e venda da castanha-do-pará em Cachoeira Porteira. (IM26-T)

Var: **cooperativa do quilombo.**

Nota: Cabe à AMOCREQ a responsabilidade do registro dos quilombolas, sendo que o ICMBio, conforme infrações cometidas em safras passadas, autoriza ou não o tráfego de castanha pelo rio.

amontoa [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Operação que consiste na feitura do monte de ouriço da castanha-do-pará, para ser quebrado posteriormente.

[...]Amontoação...amontoa mesmo, porque amontoar é juntar é quando está juntando de debaixo da árvore... e amontoa é o monte de ouriço já feito... é isso, ir buscando e fazendo o monte...entendeu né?Tem que colocar em cima de alguma coisa pra não contaminar, pode ser assim em cima de um tronco de árvore. (IM1-A)

Cf: monte de ouriço.



Fonte: IA-169

amontoar ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Juntar ouriço dentro da área da coleta da castanha-do-pará, para depois quebrá-los e retirar as sementes.

A gente ajunta e põe no paneiro os ouriços e depois que já está cheio a gente derrama e vai amontoar ouriço num lugar pra ir só quebrando. (IM1-A).

Cf: amontoa; quebra da castanha; ouriço.

área de castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Vamos trabalhar todo mundo nesta área de castanha, uma forma coletiva de fazer rápido, de juntar força, pois são vários castanhais. (IM26-T).

Var: **castanhal.**

aresta da castanha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Quina da castanha.

As castanhas com cascas, castanhas naturais, que acabaram de chegar na usina passam pelo processo de polimento em um polidor onde é removido as arestas das castanhas, isso acontece no próprio secador pelo movimento do atrito das castanhas. (IF25-TU)

Cf: atrito da castanha.

armazenamento [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Acomodação das castanhas sobre jirau ou cercado, com vistas à manutenção de umidade e à ventilação exigidas para o ambiente.

O armazenamento é muito importante pra evitar a contaminação das castanhas, pois enquanto a gente não vende tem que preparar bem o armazenamento em jirau ou num cercado dentro do barracão.(IM23-TU)

Cf: cercado; jirau.



armazenamento convencional

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Estocagem da castanha em sacos de rafia, sobre *pallets*, num compartimento único e arejado da usina de beneficiamento.

[...]Depois vem o armazenamento onde as castanhas são armazenadas, separadas por região e fornecedor, é um armazenamento convencional e também por tamanho.(IM24-TU)

Cf: saco de rafia.



armazenamento em silo

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Acomodação da castanha-do-pará em unidade armazenadora, caracterizada por compartimentos de madeira que oferecem condições técnicas de conservação.

As castanhas passam pelo armazenamento em silos para aguardar entrada no secador.(IM24-TU)



armazenar a castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Minha função é só di ir lá coletar mesmo, trazer pra casa, aí armazenar a castanha e depois despachar ou vender pro atravessador é que geralmente é pro atravessador que a gente vende. (IM1-A)

Var: **empaiolar a castanha.**

armazém comunitário [ABRIGOS]

s.m. Estabelecimento comercial construído na comunidade, em local seco e arejado, para o armazenamento da produção da castanha-do-pará.

A castanha-do-pará percorre vários caminhos: do castanhal para o tapiri e de lá para a comunidade ou para os armazéns comunitários, onde todos os associados depositam as sacas de castanha lá. (IM12-A)

Var: **armazém da castanha; armazém da comunidade; barracão; entreposto; ponto da castanha.**



Fonte: IA-04

armazém da castanha [ABRIGOS]

s.m.

[...]Olha..tem sim...tem o armazém da castanha, local de armazenamento, em Cachoeira Porteira tem o do Ivanildo, não sei se o Claucivaldo agora também tem o armazém. É o entreposto de quem compra a castanha. (IM26-T)

Var: **armazém comunitário.**

armazém da comunidade [ABRIGOS]

s.m.

[...] depois coloca nesses sacos de fibra, aí empaiola ela. Os lugares pode ser paiol, depósito, barracão, armazém da comunidade.(IM9-A)

Var: **armazém comunitário.**

ARQMO [COMERCIALIZAÇÃO]

s.f.

A ARQMO que representa as várias associações aqui no município, que nos orienta no trabalho do extrativismo da castanha até a comercialização. (IM26-T)

Var: **cooperativa da castanha.**

atacado local da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Transação de compra e venda da castanha-do-pará, no comércio local de Oriximiná/PA.

[...] Outro tipo de venda é o atacado também no mercado local, atacadistas e representantes de associações de coletores de castanhas, localizados na sede do município de Oriximiná que adquirem grandes quantidades de castanha do setor de produção. Aqui o atacado local da castanha está relacionado à compra da castanha em uma certa escala, mas por ser comercializada no município não tem o aspecto de venda externa. (IM26-T)

Nota: O termo *atacado* possui duas acepções e, portanto, muda a categoria gramatical. No sentido de *invocado* é adjetivo e, no sentido de *comércio, venda*, que é o sentido empregado aqui na linguagem especializada da castanha-do-pará, é classificado como substantivo.

atividade da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

[...]Olha, veja só... a atividade da castanha é pelo fato de conhecer o aspecto dessa sazonalidade por ser um só período, e por ser um só período é pontual, pontua como uma atividade que tem começo, meio e fim, não é como uma atividade de roça que está sempre alí. (IM26-T)

Var: **coleta da castanha.**

atravessador [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Pessoa que faz a intermediação de compra e venda da castanha-do-pará entre extrativistas e comerciantes, donos de usina e exportadores.

A figura do atravessador é bastante controversa porque sem ele a atividade com a castanha não acontece. É o cara que está entre o dono do capital e o extrativista enquanto recursos financeiros. (IMA26-T)

Var: intermediário; patrão; comerciante da castanha; marreteiro da castanha; regatão; comprador de castanha.

Cf: prática de aviamento da castanha.

Nota: Além da autorização prévia, o atravessador tem que preencher uma ficha de transporte, que deve ser apresentada nas duas bases de fiscalização do ICMBio, localizadas ao longo da Rebio no rio Trombetas. É uma ficha obrigatória, de responsabilidade dos quilombolas compradores de castanha-do-pará, onde deve conter: quantidade de caixas, nome do coletor, local de coleta, nome do comprador, nome da embarcação e a data da compra.

atrimento das castanhas

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Movimento da castanha-do-pará no secador, que provoca a remoção das arestas.

As castanhas passam pelo processo de polimento em um polidor onde é removido as arestas das castanhas, isso acontece no próprio secador pelo movimento do atrimento das castanhas. (IF25-TU)

Cf: aresta da castanha; secador.

autoclavagem [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Operação que consiste em choque térmico na castanha-do-pará, visando ao desprendimento da casca, facilitando o processo de descascamento sem quebrar a amêndoa.

[...]Enfim, chega o processo da autoclavagem que é a etapa onde a castanha é submetida a pressão de vapor para o melhor desprendimento da amêndoa da casca. (IM24-TU)

Cf: autoclave; quebra automática.

autoclave [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Recipiente metálico de parede espessa revestida com isolamento térmico, cuja função é realizar reações sob fortes pressões, no processo de tratamento da castanha-do-pará.

A castanha é medida, separada por tamanho e colocada nos secadores, silos pra secar, depois autoclavada dentro do autoclave para soltar a casca da amêndoa. (IM24-TU)

Var: panela de pressão.

Cf: autoclavagem.



Fonte: IU-03

B - b

bagaço da castanha [RESÍDUOS]

s.m. Sobra da castanha-do-pará após a extração do leite.

[...] aí depois que rala a massa da castanha aí fica só o bagaço mesmo né... porque já espremeu pra tirar o leite...não...não serve, não presta mais, joga o bagaço da castanha fora. (IM12-A)

Cf: leite da castanha.



Fonte: IA-114

balde de seleção [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Recipiente de plástico utilizado no processo de classificação, por tamanho, da castanha-do-pará.

[...] e tem também os baldes de seleção que são utilizados para colocar as amêndoas que já foram classificadas e separadas por tamanho e também para levar pra balança antes de colocar nos sacos.(IF22-TU)

Cf: classificação mecânica da castanha; máquina de seleção.



Fonte: IU-171

balança mecânica

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento eletrônico cuja função é medir a massa da amêndoa, indicando o peso em gramas.

[...]tem tipo um tanque para medir a castanha e pesa no setor de pesar em uma balança mecânica. (IM23-TU)

Cf: pesagem.



Fonte: IU-93

banho [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Resfriamento da castanha-do-pará.

Vem agora o resfriamento que é feito em peneira vibratória, por onde as castanhas passam e recebem o banho de água fria para facilitar o processo de desprendimento da casca. (IM24-TU)

Cf: resfriamento.

barraco [ABRIGOS]

s.m.

Transporta a castanha no paneiro nas costas e deixa armazenada em barracos, mas a gente chama também de paiol.(IM18-BEC)

Var: galpão.

barracão [ABRIGOS]

s.m.

O barracão é utilizado como armazém, não serve como acampamento, mas é sempre no entreposto entre o barracão e o armazenamento.(IM26-T)

Var: armazém comunitário.

barracão coletivo [ABRIGOS]

s.m. Estrutura construída no espaço de coleta para armazenar grande quantidade de castanha-do-pará, até o transporte para o armazém comunitário, de todas as famílias extrativistas associadas.

O barracão coletivo fica onde temos diversas colocações de castanhas, mas nem todo mundo consegue ter seu próprio barracão então nos juntamos e fazemos um barracão conjunto pra época da coleta da castanha. (IM26-T)

Cf: armazém comunitário.

basculhar castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Aí entrava o basculho, a gente ia basculhar castanha, aí todo mundo ia pra o basculho, era do mês de junho-agosto a catação. (IM3-A)

Var: catação.

basculho [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Quando a safra da castanha-do-pará está no fim eu gosto de ir fazer o basculho, pego um oricho aqui outro acolá. (IF08-A)

Var: catação.

basqueta da castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Recipiente de plástico utilizado para transportar as amêndoas, após o processo de classificação final, uma das etapas de beneficiamento da castanha-do-pará.

As basquetas da castanha ficam guardando as amêndoas já separadas pelo tamanho...elas ainda vão ser mais uma vez selecionadas sabe? (IF23-TU)

Cf: classificação final da castanha.



beneficiamento da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Processo de produção da castanha-do-pará, realizado por máquinas, na usina de beneficiamento, que inicia na etapa de recepção até a última etapa que é a da comercialização.

A cooperativa comercializa a castanha in natura para usinas da região. Queremos ter nossa própria usina de beneficiamento da castanha. (IM9-A)

Cf: exportadora de castanha Florenzano.

bertholletia excelsa [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

A própria ecologia da bertholletia excelsa, ou seja os nomes científicos não sei se tem, ou existe variedade, não sei se tem denominações em razão de suas características como essa tem a casca mais grossa essa é mais fina, condições de solo, temperatura, a gente conhece por esse nome também. (IM26-T)

V. Estr.: castanheira.

bico do oricho [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

[...]Aí pega o oricho assim, eu pego... tem gente que pega e põe esse bico pra cá é esse buraquinho eu chamo de bico do oricho e essa ponta é onde fica o cabo...aí eu ponho ele assim aí eu divido mais ou menos o meio dele, tenho que ter o golpe certo aí vou bateno vou bateno até que eu consiga desemendar. (IM1-A)

Var: buraquinho do ouricho.

boca-de-lobo [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]*s.f.*

Boca-de-lobo é o mesmo que cambito, pega um pedaço de pau, corta em cruz, amarra com cipó, coloca umas travas dentro que é para ele não fechar, na verdade isso é para juntar o ouriço. (IM26-T)

Var: **pegador de ouriço.**

boca do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.f.*

O ouriço inteiro é ouriço e o buraquinho é o umbigo e o outro lado é a bunda do ouriço, quando corta tem a boca do ouriço e o fundo dele tem o cumbuco ou cumbuco de castanha. (IM12-A)

Var: **parte do ouriço.**

bola de castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

[...]não é que seja uma bola de castanha aqui outra ali, mas é só um castanhal. (IF02-A)

Var: **castanhal.**

bola de castanheira

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

É muito bom quando a gente pega bola de castanheira com várias castanheiras juntas.... é, um castanhal tem bolas de castanheiras. (IF02-A)

Var: **castanhal**

bolor [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Composição de fungos emboloradores na castanha-do-pará, que se desenvolvem sob influxo de umidade e calor.

Quando o ouriço já cai de lá já traz o fungo, já traz aquele bolor e se pegar aquela castanha e colocar junto da outra passa pras outras também. (IF2-A)

Var: **mofo.**

Cf. fungo.

bombom de castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

[...] temos uma pequena indústria de transformação no mercado local mesmo, é uma empresa familiar onde compramos a amêndoa diretamente do produtor local, no caso nossos associados mesmo, que transforma em doces e bombons de castanha. São cobertas com chocolate sabe?(IM12-A).

Var: **castanha cristalizada.**

bote de rabeta [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

Do castanhal pra cá a gente traz em nossas embarcação pequenas mesmo que a gente tem, canoa com motor de rabeta que é o bote de rabeta, barquinho...aqui em Oriximiná é assim. (IM1-A)

Var: **canoa.**

bote de remo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

A gente transporta a castanha-do-pará de barco ou canoa com remo que é o mesmo bote de remo, na lancha também. (IM15-CP)

Var: **canoa.**

brazil nut [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]*s.f.*

Às vezes temos que chamar a castanha-do-pará em inglês como ela é conhecida:brazil nut, aqui falamos castanha-do-pará, mas para o mercado internacional é castanha-do-brasil. (IF25-TU)

V. Estr.: **castanha-do-pará.**

bucho da castanha [RESÍDUOS]*s.m.*

Aquele sujo que fica junto da castanha lá, ela, a sujeira fica tudo dentro da canoa que a gente chama de bucho, aí arretira tudo que não presta. (IF2-A)

Var: **impureza da castanha.**

bunda do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Este buraquinho a gente chama de umbigo do ouriço e este aqui é a bunda do ouriço onde fica grudado lá na castanheira e o que tem dentro é castanha mesmo. (IM10-A)

Var: parte do ouriço.

buraquinho do ouriço

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Orifício com aproximadamente 1 centímetro, localizado na parte superior do ouriço.

Olha a gente chama de onde fica o imbigo... aquele buraquinho do ouriço e a castanha que fica dentro. (IF02-A)

Var: bico do ouriço;

Cf: opérculo; ouriço.

Nota: Esta abertura ocorre por ocasião da maturação do fruto quando a placenta se encolhe e puxa o opérculo.



Fonte: IA-71

C - c

cabo do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Galho da castanheira de onde se desprende o ouriço.

E do outro lado onde desprende do galho tem o cabo né, ele não fica com o cabo ele desgruda do cabo e cai né, aí a gente chama o cabo do ouriço. (IF7-A)

Cf: ouriço.



Fonte: IA-08

cadeia produtiva da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Rede de atividades consecutivas ao longo das quais a castanha-do-pará passa por algum tipo de transformação, por meio de diversas unidades interligadas, desde a extração, o manuseio até a comercialização.

Mas a cadeia produtiva da castanha tem muitas etapas que vai desde a coleta na floresta pelos extrativistas até o mercado consumidor. (IF25-TU)

caixa de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Embalagem resistente composta de papelão, com função de acondicionar as amêndoas que seguirão para posterior estocagem e expedição.

A embalagem secundária que é na caixa de castanha, pra vender, exportar, que é em caixa de papelão de 20kg. (IF25-TU)

Cf: embalagem secundária.



Fonte: IU-116

caixa da castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Unidade de medida, feita de madeira, utilizada na mensuração da castanha-do-pará, no processo de extrativismo, que tem o equivalente a 42 litros.

A caixa serve para medir a castanha... aqui a gente vende medindo numa caixa da castanha, utilizamos também aquele tambor de 20 litros, mas a maioria utiliza a caixa de madeira.(IF2-A)



Fonte: ICP-09

caldeira [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento gerador de vapor para o cozimento da castanha-do-pará no autoclave e aquecimento nas estufas.

Cozinha no autoclave através do vapor da caldeira, que não fica parada, ela é o cérebro, depois as castanhas vão lá para o processo de quebragem.(IM23-TU)

Var: cérebro.

Cf: autoclave; autoclavação; cozimento; estufa.



Fonte: IU-117

cambito [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Ah, você pega um pedaço de pau, corta em cruz, amarra com cipó, coloca umas travas dentro que é para não fechar, pra juntar o ouriço. Imagina você ficar se abaixando pra pegar o ouriço no chão! Então com o cambito você pega o ouriço e joga no paneiro. (IM26-TU)

Var: pegador de ouriço.

camboeiro [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

adj.

Var: comboeiro de castanha.

camboiador [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

adj.

A gente transporta do mato em canoa pelo rio, agora também tem as rabetas, quem guia é o camboeiro, camboiador, que vai camboiar a castanha.(IM3-A)

Var: comboeiro de castanha.

camboiar castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Var: **transportar castanha.****caminho da castanha**

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Caminho provisório, aberto no meio da floresta, que leva o coletor de castanha-do-pará ao castanhal.

A gente não faz limpeza, a gente faz a vareda que é o caminho da castanha que vai de uma castanheira a outra e ao castanhal. (IM19-BEC)

Var: **pico; picada; vareda; varedinha; trilha; estradinha.**

camisa padrão [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Vestimenta de proteção individual, utilizada pelos trabalhadores na indústria de beneficiamento da castanha-do-pará.

A camisa é padrão porque traz o nome da usina, é feita com um tecido adequado para suportar o trabalho de cada setor como por exemplo quem fica na caldeira é uma camisa bem grossa agora quem fica na última etapa já é bem leve. (IM23-TU)

canoa [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Embarcação feita de uma só peça de madeira, sem teto, que auxilia os extrativistas nas práticas de manejo e coleta da castanha-do-pará.

Transportamos a castanha-do-pará na canoa, ela tem diversas finalidades como levar a castanha de um lugar para outro, como para lavar a castanha, começa a quebrar pône na canoa e traz as vezes três caixa, ela vem mesmo reta e quem vem trazendo é chamado de piloto, rabeteiro. (IF04-A)

Var: **bote de rabeta; bote de remo; casco;**

Nota: Esta embarcação feita de madeira ou fibra, movida a motor ou a remo, possui diversas finalidades na coleta da castanha: facilita o escoamento da castanha da floresta para a casa do extrativista ou para um barracão comunitário e auxilia no processo de lavagem da castanha nas águas do rio.



Fonte: IA-05

canteiro de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Várias castanheiras a gente chama de canteiro, ponta de castanha, uma pertinho da outra são várias castanheiras, um canteiro de castanha. (IM17-CP)

Var: **castanhal.**

capongo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Enquanto ele tá sem quebrar a gente chama ouriço, depois o ouriço quebrado a gente chama de capongo, é capongo. Uma parte é capongo e a outra é a tampa do ouriço né. (IF8-A)

Var: **parte do ouriço.**

capongo de castanha

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Quando ele tá inteiro é ouriço mesmo, mas quando ele tá quebrado é capongo, capongo de castanha. (IM3-A)

Var: **parte do ouriço.**

capungo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Var: **parte do ouriço.**

carregador de castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Pessoa encarregada de fazer o transporte da castanha-do-pará, do caminhão para o pátio da usina de beneficiamento.

Os carregadores de castanha recebem as castanhas na fábrica, elas já vêm ensacadas, hoje entrou oitocentas sacas de castanhas. (IM23-TU)

Cf: recepção da castanha.

carrinho da castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Carro não motorizado, utilizado no transporte da castanha-do-pará no interior da usina de beneficiamento.

Usamos também o carrinho da castanha, um carrinho de mão, quando tem muita castanha usamos esse carrinho que é mais rápido. (IM23-TU)



Fonte: IU-11

cartilha do coletor

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Manual com as técnicas para boas práticas de manejo da castanha-do-pará.

Nós temos a cartilha do coletor que traz algumas práticas de manejo, ela é nosso livrinho de cabecera. (IF2-A)

Cf: manejo da castanha.

casa do castanheiro [ABRIGOS]

s.f.

[...]aí a gente traz pra casa do castanheiro que é nosso acampamento durante a coleta né, pois que às vez a gente passa uns meses na mata aí o acampamento vira nossa casa até acabar a coleta. (IF2-A)

Var: **acampamento da coleta.**

casca da castanha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Quando descasca tira a casca da castanha, temos a massa e a pele da castanha, a gente tira só a casca grossa. (IM21-BEC)

Var: **endocarpo.**

casca da castanheira [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Camada externa, grossa e dura, que reveste o tronco da castanheira, utilizada na confecção de materiais para auxiliar na coleta da castanha-do-pará.

A casca da castanheira a gente utiliza para fazer amarração e alça de paneiro e cestos para carregar as castanhas. (IF7-A)

Cf: castanheira; tronco da castanheira.

casca do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Camada externa, grossa, rugosa, de cor marrom que envolve o fruto da castanheira, muito utilizada no tratamento medicinal.

Temos a castanha descascada o ouriço é quebrado na mão bem do lado da boca dele de atravessado é muito duro pra quebrar, mas tem primeiro uma casca do ouriço que solta mais rápido. Muita gente usa pra chá né. (IM1-A)

Cf: ouriço.



Fonte: IBEC-74

casco [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Da floresta para casa quando a gente vai para os castanhais longe a gente traz no casco as castanhas ou os ouriços...no remo ou no motor de rabeta. (IF4-A)

Var: **canoá.**

casquinha [RESÍDUOS]

s.f.

Amêndoa é aquela de dentro da castanha, tem essa casquinha de cima e a amêndoa de baixo. Essa casquinha é casca mesmo, não serve a gente joga fora. (IM1-A)

Var: **impureza da castanha.**

castanha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Semente da castanheira com forma angulosa, estreitamente comprida, com a casca dura, rugosidade transversal e apresenta uma película circundando a amêndoa.

Olha, eu coletei castanha desde os dez anos de idade então com casca é castanha mesmo, já sem casca é a amêndoa da castanha e tem a pele que é a pilica. (IM09-A)

Var: **semente; fruta nativa.**

Cf: amêndoa.



Fonte: IU-95

castanha a granel

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará em grande quantidade, sem acondicionamento, portanto, sem invólucro, embalagem.

[...]e depois de secas as castanhas podem ser ensacadas em sacos de aniagem ou então as castanhas à granel podem ficar em um canto do paiol ou armazém. (IM23-TU)

Var: **montanha de castanha.**



Fonte: IU-13

castanha amarela

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Mesmo passando por todo um processo de seleção ainda chega com casca, tem também as castanhas amarelas que não podem ir pra exportação. (IF22-TU)

Var: **castanha contaminada.**

castanha avariada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Na sala de seleção da castanha-do-pará acontece assim a pesagem: ligar a balança e tirar a tara do balde, pesar as castanhas podres, a castanha avariada que é a castanha amarela e anotar o peso em planilha, elas não servem para exportação. (IF25-TU)

Var: **castanha contaminada.**

castanha beneficiada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que passou por processo de beneficiamento.

São os comerciantes varejistas que comercializam a castanha beneficiada para o consumidor final estadual, aí ela já vem lá da usina né... (IM12-A)

Cf: beneficiamento da castanha.



Fonte: IU-18

castanha brancheada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará desprovida de película após processamento químico.

[...] já a castanha brancheada também passa por alguns cuidados, pois temos que retirar as películas dela, tem comprador que tem que tirar toda a pele. (IM23-TU)

Var: **castanha polida.**

Cf: película da castanha; limpeza final.



Fonte: IU-23

castanha broken

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

As castanhas quebradas, pedaço, as castanhas broken são selecionadas também, pois tem comércio para elas, não vão só as castanhas inteiras não. (IF25-TU)

V. Estr.: **castanha quebrada.**

castanha bruque

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

De dentro do crivo ela joga dentro dos sacos laminados e de lá que vai pra balança, cada saco tem vinte quilos de castanha, aí vai os tipos né castanha large, castanha bruque que chamam, depende do tipo de castanha. (IM23-TU)

Var: **castanha quebrada**

castanha bruta

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A pele que fica por cima da castanha a gente chama de pilica que fica sobre a massa da castanha, da castanha bruta ainda, pois ela não foi vendida pra usina ainda.(IM11-A)

Var: **castanha in natura**

castanha chipped

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Trabalho no setor da embalagem, aí a gente trabalha na esteira, aí lá a gente escolhe a castanha, tira castanha podre, castanha ferida, a castanha chipped né... pra passar só a castanha inteira né. (IF22-TU)

V. Estr.: **castanha ferida.**

castanha choca

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Castanha choca, a gente não usa, ela está doente, ela cria fungo, a gente já conhece logo, tem uma água dentro, não tem amêndoa, a massa, ela está contaminada, vazia né, (IM10-A)

Var: **castanha seca.**

castanha chocha

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Chocha é a castanha chocha, é aquela castanha que não tem nada dentro, fofa também. A gente pega elas na mão assim e elas é bem leve. Quando lá na lavação, quando a gente põe elas pra lavar elas boia tudim, as que não tem nada dentro, ficam tudo flutuano em cima d'água. (IM1-A)

Var: **castanha seca.**

castanha chucha

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A gente chama de castanha chucha porque a gente coloca dentro do panela para lavar elas boia tudinho, aquelas nem adianta colocar junto que elas não tem nada.(IF2-A)

Var: **castanha seca.**

castanha com casca

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Quando a castanha chega à fábrica temos a castanha com casca e quando ela passou por todos os processos e já está no final temos a amêndoa.(IM23-TU)

Var: **castanha in natura.**

castanha com fungo

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Tem o fungo que dá na castanha, é quando ela....a castanha com fungo fica meio esbranquiçada, meio amarelada.(IM19-BEC)

Var: **castanha contaminada.**

castanha com leite

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

O período começa em dezembro a gente já junta alguns ouriços que é para o mingau que a gente gosta de fazer mingau com o leite da castanha, que é tirado com a castanha natural castanha com leite, a amêndoa verde ainda entende? (IM12-A)

Var: **castanha verde.**

Cf: leite da castanha.

castanha contaminada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que apresenta, a olho nu, filamentos de fungos.

Quando a gente encontra uma castanha com tipo uma água dentro ou com fungos a gente diz que ela está choca, tá contaminada ela não presta.(IM11 A)

Var: **castanha podre; castanha estragada; castanha com fungo; castanha manchada; castanha amarela; castanha avariada; castanha rancificada; castanha não conforme.**

Cf: fungo.



Fonte: IU-15

castanha cristalizada

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Castanha-do-pará industrializada.

Depois que ela foi beneficiada né aí que faz a castanha cristalizada pra comercializá aqui mesmo...as pessoa gosta muito porque é só a castanha já sem casca com açúcar[...] (IM1-A)

Var: **bombom de castanha.**

Cf: indústria de transformação.



Fonte: IA-120

castanha crua

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Depois de quebrado é o capungo, tirando a pilica fica só a massa da castanha crua. (IM5-A)

Var: **castanha in natura.**

castanha-da-amazônia

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

[...]Inclusive a castanha-do-pará também é chamada de castanha-da-amazônia... e nós estamos sempre buscando inovar, mas vai ser para sempre castanha-do-pará. (IM24-TU)

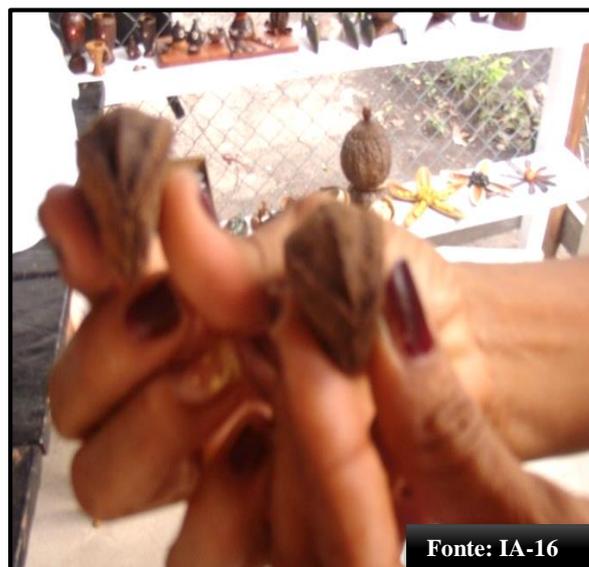
Var: **castanha-do-pará.**

castanha de quatro quinas

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará constituída por quatro lados separados por quinas.

Tem a castanha de quatro quinas, não gostam para comer porque tem uma química forte e se comer joga o cabelo, serve para produto para depilação... toda castanha tem três lados né... mas tem uma que tem quatro... (IF2-A)



Fonte: IA-16

castanha descascada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Agora vem a secagem em estufas, a desidratação da castanha descascada, para maior durabilidade do produto final e melhor textura, é um processo térmico que auxilia no combate de agentes microbiológicos. (IM24-TU)

Var: **amêndoa.**

castanha desidratada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que foi submetida ao processo artificial de desidratação.

Eles cozinham nessa máquina chamada autoclave, esse é o processo de desidratação das castanhas, elas já chegam lá do outro lado castanhas desidratadas. (IM23-TU)

Cf: desidratação.



Fonte: IU-98

castanha-do-brasil

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

É castanha-do-pará, mas pra exportação é a castanha-do-brasil... a castanha maranhoto os nossos antes mesmo chamavam castanha maranhoto pra castanha-do-pará. (IF2-A)

Var: castanha-do-pará.

castanha-do-pará

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Semente do ouriço, fruto da castanheira.

A castanha-do-pará é um produto do nosso extrativismo, um negócio muito ótimo para nós, desde que eu nasci, meus pais, meus avós, o que dá de progresso e renda é a castanha. (IM3-A)

Var: castanha-da-amazônia; castanha-do-brasil; castanha do quilombo; brazil nut; noix du brésil; noix du pará; noce del brazile; produto cultural; produto florestal; produto extrativista; produto da amazônia.

Cf: castanheira; ouriço.



Fonte: IA-124

castanha do quilombo

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

É onde todos os associados quilombolas depositam as sacas de castanha lá. A castanha do quilombo é a maior fonte de renda sabe...essa atividade é a sobrevivência do povo da floresta, entendeu?(IM12-A)

Var: castanha-do-pará.

castanha dry [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Nós comercializamos a castanha dry e a castanha sem casca também. (IM23-TU)

V. Estr.: castanha in natura.

castanha estragada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Aí eu já conferi, tem ouriço que é pequeno tem 08, 06, tem ouriço grande que tem 14 castanhas, e vem alguma que é castanha estragada mesmo, podre, aí a gente não conta. (iF8-A)

Var: castanha contaminada.

castanha ferida

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que se apresenta mutilada por escoriações, oriundas do processo de descascamento mecânico, na etapa do beneficiamento.

A castanha ferida só é ferida a pontinha dela, falta um pedacinho, e o pedaço é quando é quebrado no meio aí está faltando aquele pedacinho, foi tirado na máquina de descascamento. (IF22-TU)

Var: **almendra ferida; castanha chipped.**

Cf: quebra automática.



Fonte: IU-19

castanha fofa

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Tem aquela que é a castanha que não tem nada dentro, é uma castanha fofa, a gente pega elas na mão assim e elas é bem leve. (IF4-A).

Var: **castanha seca**

castanha fresca

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Massa da castanha é a amêndoa mesmo, veja...quando a gente descasca aí comemos a massa, comemos a castanha fresca.(IM1-A)

Var: **castanha in natura.**

castanha graúda

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará em tamanho grande, considerada ideal para exportação.

Lá de cima é que tem castanha grande, só castanha graúda, o mercado de exportação valoriza muito essa castanha. (IM23-TU)

Var: **castanha large.**



Fonte: IA-20

castanha in natura

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará em estado natural, sem processamento industrial.

Depois dessa limpeza a castanha-do-pará vai passar pela primeira classificação da castanha in natura, com casca, que ainda não foi beneficiada. (IF25-TU)

Var: **castanha natural; castanha crua; castanha com casca; castanha inshell; castanha bruta; castanha fresca.**



Fonte: IU-89

castanha in shell

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Para a exportação há castanha com casca também embaladas em sacos de juta também chamada por inshell- castanha com casca... (IF25-TU)

V. Estr.: **castanha in natura.**

castanha inteira

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que não teve nenhum pedaço da amêndoa extraído durante o processo de beneficiamento

Trabalho no setor de seleção...aí lá a gente escolhe só a castanha inteira né...que não tem nenhum corte que não perdeu nenhum pedaço. (IF22-TU)



Fonte: IU-118

castanha large

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A castanha large e a castanha extra large. A castanha large é uma castanha maior assim, bem comprida. (IF22-TU)

V. Estr.: **castanha graúda.**

castanha lavada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que já passou pelo processo de lavagem, encontra-se limpa, sem a presença de impurezas.

Olha eu não sei pra que serve...o pessoal falam que o valor é maior da castanha lavada...mas eu não sei...aqui geralmente a diferença de dois reais só do preço da castanha suja pra castanha lavada..eu acho que não faz sentido lavar a castanha tirar o que conserva a castanha por dois reais só...que a castanha lavada, eu já acabei de crer eu já feiz a experiência ela não dura tanto como com os processos que ela traiz dentro daqui desse ouriço pra conservar ela.(IM10-A)

Cf: lavagem da castanha; impureza da castanha.



Fonte: IBEC-83

castanha manchada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Na seleção manual é retirada a castanha manchada, castanha quebrada. Não podem ser comercializadas. (IM24-TU)

Var: **castanha contaminada.**

castanha manejada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que passou por boas práticas de manejo.

Nós temos em mente que a castanha manejada é bem melhor comercializada, o preço é melhor, pois teve todos os cuidados desde o começo da atividade com ela, ela é bem aparente.(IF25-TU)

Cf: manejo da castanha.



Fonte: ICP-14

castanha média

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará de tamanho médio.

[...]Então ela passa pela primeira classificação, que vai classificar o tamanho das amêndoas que vai de castanha miúda a castanha graúda, tem castanha miúda (castanha midget), castanha pequena (castanha small) castanha média (castanha médium), castanha graúda(castanha large) (IF25-TU)

Var: **castanha médium.**

castanha medium

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Para a exportação há castanha com casca também embaladas em sacos de juta também chamada por inshell- castanha com casca, mas exportamos a maioria sem casca chamada pelo nome de shelled e com as classificações castanha miúda- midget, a castanha pequena-midget, a castanha média-medium, a castanha graúda-large.... (IF25-TU)

V. Estr.

: **castanha média.**

castanha midget

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

[...]Então ela passa pela primeira classificação, que vai classificar o tamanho das amêndoas que vai de castanha miúda a castanha graúda, tem castanha miúda (castanha midget), castanha pequena (castanha small) castanha média (castanha médium), castanha graúda(castanha large) e castanha graúda(castanha extra-large), então esse classificador que já tem as esferas já preparadas vai fazer essa primeira classificação.(IF25-TU)

V. Estr.: **castanha miúda.**

castanha miúda

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará pequena, considerada de baixa comercialização.

A castanha que vem da estrada do BEC é tudo castanha miúda, não tem castanha graúda, só do Erepecu e Abuí, lá de cima é que tem castanha grande, tem mercado que compra a castanha miúda, ela é bem pequenina. (IM23-TU)

Var: **castanha midget; castanha small.**



castanha natural

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

As castanhas com casca, castanhas naturais, que acabaram de chegar na usina passam primeiro pelo processo de polimento (IF25-TU)

Var: castanha in natura.

castanha não conforme

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

As castanhas não conforme (podre e chocha) são separadas para descarte.(IF25-TU)

Var: castanha contaminada

castanha oca [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Olha...eu acho que participo de todas, porque a gente vai...a gente vai pro castanhal faz o processo de coletar aí traiz pra casa aí na coleta da castanha a gente já vai tendo aquele cuidado de tirar as castanha chucha tem umas que não tem aquela amêndoa dentro né? Está oca... a gente tem aquele cuidado pra retirar as castanhasocas pra não colocar....isso....(IF2-A)

Var: castanha seca.

castanha peca [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A gente chama castanha peca quando a castanha tá pecando muito é quando ela tá caindo fora de época. (EM13-CP)

Var: castanha seca.

castanha pedaço

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Depois da quebragem a gente tem uma máquina de última geração que seleciona a castanha rigorosamente, por sensor essa máquina vai fazer a leitura da castanha para verificar de como está passando a qualidade, então ela vai selecionando a castanha inteira, a castanha pedaço.(IF25-TU)

Var: castanha quebrada.

castanha podre [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

[...]depois lavamos as castanhas num peneiro menor que pega 20 a 30 quilos, põe na água e as castanhas podres boiam tudinho. (IM13-CP)

Var: castanha contaminada.

castanha polida [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A castanha polida que já está toda branqueada vai logo ser empacotada, ela já esta bem selecionada, sem pele, bem limpinha.(IF25-TU)

Var: castanha branqueada.

castanha quebrada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que se apresenta com as amêndoas fragmentadas, partidas e/ou quebradas.

Tem que ir somente as castanhas inteiras, as castanhas quebradas compra quem trabalha com comida alimentos, mas tem comprador de castanha para as almendras feridas, almendras quebradas.(IF22-TU)

Var: castanha broken; castanha bruque; castanha pedaço.



Fonte: IU-94

castanha ralada [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará processada por meio de um ralo.

A gente usa o leite e a castanha ralada também faz parte de nosso dia a dia o ano todo, num é só na safra não, fazemos um ralador de lata mesmo pra ralar a castanha. (IM12-A)

castanha rancificada

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A castanha rancificada apresenta uma cor anormal, um cheiro e sabor desagradáveis sendo fácil de perceber...tem que separar....(IF25-TU)

Var: castanha contaminada.

castanha sã [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará desprovida de contaminação.

Quando a gente vai lavar as castanhas no rio a gente já olha logo que as castanhas podres boiam e dentro do pano fica só as castanhas sãs, as que estão boas para comer ou vender mesmo.(IM10-A)



Fonte: IA-81

castanha seca

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. 1. Castanha-do-pará que passou pelo processo de secagem para atingir teor de umidade desejável para comercialização.

Nesse secador a gente vai secar a castanha, tirar o excesso do leite da castanha e ela tem que estar com uma umidade ideal para ela ser cozida em uma média de 18 ou 17 graus, aí a castanha seca está pronta para o processo de seleção.(IM23-TU)

Cf: secagem.



Fonte: IU-123

castanha seca

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

2. Castanha-do-pará sem amêndoa.

Quando a gente traz a castanha a gente põe ela dentro de um panelo abaixo do meio e mete n'agua pra sair o sujo aí as castanhas secas e as castanhas podres flutuam, são as que a gente chama de castanha chocha.(IM12-A)

Var: **castanha fofa; castanha chocha; castanha chucha; castanha oca; castanha choca; castanha peca.**



Fonte: IA-122

castanha sem casca

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

A classificação por tamanho (mecânica) ocorre quando em uma peneira vibratória é feita a classificação da castanha sem casca por tamanho.(IM24-TU)

Var: **amêndoa.**

castanha shelled

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Exportamos a maioria sem casca chamada pelo nome de castanha shelled por causa que é pra exportação, vai vender pra fora. (IF25-TU)

V. Estr.: **amêndoa.**

castanha small

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Ocorre quando em uma peneira vibratória é feita a classificação da castanha sem casca por tamanho, castanha miúda- midget, castanha pequena –small, castanha média- medium, castanha graúda- large e extra-large e já caem em baldes de seleção.(IM24-TU)

V. Estr.: **castanha miúda.**

castanha suja

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará que não passou pelas etapas de limpeza e seleção.

O modo de trabalhar com aquela castanha né porque quando ele é associado ele pode chegar do mato com uma castanha suja e a cooperativa num compra uma castanha dessa, ela compra o liquido bem limpinha.(IM5-A)

Cf: lavagem da castanha.



Fonte: ICP-24

castanha úmida

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará molhada.

Depois vem a secagem em cima numa lona mesmo porque depois que lava ela fica molhada, úmida.(IM6-A)



castanha verde

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f. Castanha-do-pará coletada no início da safra.

Quando eu coleteo castanha fora de época eu chamo ouriço peço agora quando já está no comecinho da safra tem muita castanha verde, a gente descasca e junta só a massa pra comer. (IM10-A)

Var: **castanha com leite.**

Cf: massa da castanha.



Fonte: IA-26

castanhal [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de concentração de castanheiras.

Várias castanheiras juntas a gente chama de castanhal mesmo. Tem castanhal que é poucas castanheiras apesar que dão muito castanha. (IM21-BEC)

Var: **aglomerado de castanheira; área de castanha; reboleira de castanha; ponta; ponta de castanha; ponta de castanhal; ponta de castanheira; rebolado de castanheira; rebolada de castanha; bola de castanheira; bola de castanha; canteiro de castanha.**

Cf: castanheira.



Fonte: IA-27

castanhal anambu [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de coleta de castanha-do-pará denominada anambu, devido a uma grande incidência de pássaros dessa espécie, no local.

Tem castanhais perto, mas tem longe também como o castanhal de anambu, cheio de pássaros, são 60 km de beira de estrada e rio, mas aí vamos passamos por vários castanhais, que chamamos de ponta. (IM16-CP)

Cf: castanhal.

castanhal da mina [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada mina, fazendo referência a uma mina d'água.

Cada área que eu estou falando tem as pontas de castanha que também tem um nome, castanhal do meio, castanhal do Regis, castanhal da mina porque tem uma mina d'agua, são várias castanheiras só num local, são cento e poucas castanheiras lá. (IM9-A)

Cf: castanhal; castanheira.

castanhal da onça [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada onça em alusão à presença desse animal no castanhal.

Castanhal da onça, lá mora uma onça, desde meu avô quando ia lá coletar castanha já dizia pra eu ter cuidado com a onça, aí a gente deu o nome de castanhal da onça, ou uma rebolada de castanheiras elas tem nome também e coleteo muita castanha no castanhal da onça. (IM10-A)

Cf: castanhal.

castanhal da policena

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras localizada na ilha da policena.

Tem várias pontas que são várias castanheiras juntas...olha aquela ilha dali é a ilha da Policena, aí se dá o nome castanhal da policena, é um castanhal muito grande e tem muita castanha né...antigamente quando os castanhais tinham dono, era a dona Policena.(IM11-A)

Cf: castanhal.

castanhal da terra preta

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada terra preta em referência ao tipo de terra do local.

Conforme o local a gente põe o nome, tem o castanhal da terra preta que é aqui atrás que eu gosto de ir coletar castanha lá porque o chão de lá tem uma terra diferente dos outros, é bem escura aí parece que as castanheiras são graúdas também. (IM1-A)

Cf: castanhal.

castanhal de centro

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Aglomerado de castanheiras distantes da margem do rio.

Aqueles castanhais que ficam longe das margens do rio por trilhas e por picadas, esses são chamados de castanhal de centro. (IMA26-T)

Var: castanhal de meio; ponta do meio.

Cf: castanhal.

castanhal de margem

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Os castanhais eles acontecem na calha do rio ou na calha de igarapés, esses são chamados de castanhais de rio ou castanhal de margem. (IM26-T)

Var: castanhal de várzea.

castanhal de meio [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Tem muitos castanhais, vou mais para o castanhal do meio que fica perto aqui de casa e ... (IM9-A)

Var: castanhal de centro.

castanhal de rio [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Aqui a coleta acontece tanto em castanhal de centro como em castanhal de rio, aqueles bem pertinho, na bera mesmo do rio. (IM26-T)

Var: castanhal de várzea.

castanhal de várzea

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Aglomerado de castanheiras localizadas à margem do rio.

Aí no castanhal que a gente ficou na Tapage ele era castanhal de várzea...tudo na água, bem na bera do rio. (IF2-A)

Var: castanhal de margem; castanhal de rio.

Cf: castanhal.



castanhal do arumã

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras que faz alusão ao nome indígena arumã.

Tem várias pontas que dá muita castanha como o do castanhal do arumã, é um nome de origem indígena e é porque tem muitas ervas com caule subterrâneo e caules aéreos, tipo touceiras entendeu?(IM10-A)

Cf: castanhal.

castanhal do castanhalzinho

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Castanhal com ocorrência de poucas castanheiras.

Às vezes quando você chega num castanhal que você nunca foi lá ai a própria castanheira te chama né aí você já vai pra lá...igual o castanhal do castanhalzinho né, ele é bem pequeno, tem poucas castanheiras mas dá pra tirar uns panero lá. (IM13-CP)

Cf: castanhal.

castanhal do cedro [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheira cujo nome faz alusão à árvore de cedro.

A melhor quebração que nois faz aqui é no castanhal do cedro, tem muita castanheira e a floresta é bem fechada por causa de muitas árvores de cedro e a madeira dela é cheirosa. (IM10-A)

Cf: castanhal.

castanhal do jacaré [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras com denominação referente à presença constante de jacarés no local.

O jacaré.. o castanhal do jacaré lá na tapagem que tem esse nome porque nesse lugar tinha muito jacaré, quando a gente ia lavar a castanha na bera do rio via muitos sabe...(IM1-A)

Cf: castanhal.

castanhal do jauarí [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada jauarí por alusão à palmeira jauarí. Localizada às margens do Lago Erepecu.

A coleta é boa no castanhal do jauarí...chama assim porque lá tem muita palmeiraaquela com espinhos grandes...jauari, mas tem outros castanhais. (IM16-CP)

Cf: castanhal.

castanhal do juvita [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras de nome juvita fazendo referência ao antigo dono do local.

Olha...tem muita castanha também no castanhal do juvita, que era antigo dono dessas terras, muito brabo, agora podemos ir lá em mutirão quebrar castanha.(IM10-A)

Cf: castanhal.

castanhal do leonardinho

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

O castanhal do leonardinho que a gente coleta bastante castanha lá, era do senhor Leonardo aí ficou com esse nome.(IM1-A)

Var: **castanhal do leonardo.**

Cf: castanhal.

castanhal do leonardo

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras cujo nome faz referência ao dono do castanhal.

É mais a identificação assim se alguém vir perguntar ah eu preciso trabalhar uma castanha aí olha eu vou te ensinar o castanhal da marreca vou te levar no castanhal da marreca se tu precisar vamos supor de ir lá no castanhal do Leonardo vou te levar lá no castanhal do Leonardo é só uma diferenciaçãozinha...ah, esse castanhal é próximo da casa de seu Leonardo. (IM1-A)

Var: **castanhal do leonardinho.**

Cf: castanhal.

castanhal do macaxeira

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras com referência ao nome do dono das terras.

Tem só outros pontos de castanha como bem ali pro outro lado tem o castanhal do jacaré, o castanhal do macaco, tem o castanhal do macaxeira que não é muito longe e nois já temos feito algumas paragem lá...era o dono que tinha o apelido de macaxeira aí ficou...(IM9-A)

Cf: castanhal.

castanhal do manduquinha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras com a ocorrência de castanhas pequenas.

Tem castanhal que é poucas castanheiras apesar que dão muito castanha a gente chama castanhal do mascate, castanhal do manduquinha tem castanha bem pequena, fica bem na propriedade dele...do seu manduca. (IM21-BEC)

Cf: castanhal.

castanhal do marculino

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada pelo antigo dono das terras, no local de coleta da castanha-do-pará.

ah...andamos por muitos castanhais...tem o castanhal do marculino, outro dono antigo de terras aqui, esses homens eram muito ricos, o castanhal dele é muita castanha.(IM5-A)

Cf: castanhal.

castanhal do marreca

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras marcada pela existência de uma ave denominada marreca, onde se coleta bastante castanha-do-pará.

Olha se você quiser tirar castanha vou te ensinar o castanhal do marreca, lá tira bastante castanha, é bem perto daqui, lá tem uma ave bem bonita que nós demos o nome de marreca...por isso aí.(IM1-A)

Cf: castanhal.

castanhal do mascate

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras com ocorrência de castanhas-do-pará miúdas.

O castanhal do mascate tem esse nome porque tem poucas castanheiras e as castanhas são miúdinhas igual as coisas que mascate vende...como é que fala mesmo...miudezas né?(IM21-BEC)

Cf: castanhal.

castanhal do patuá [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada pela alusão ao espírito protetor dos coletores de castanha-do-pará.

Extraímos muita castanha do castanhal do patuá, lá é um lugar protegido, nosso patuá... a castanheira protege e nos alimenta né...(IM10-A)

Cf: castanhal.

castanhal do tajá [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada pela ocorrência marcante do cipó taja' no local.

O material que utilizo para fazer o paneiro é ambé e tajá. Lá no castanhal do tajá é assim porque tiramos de lá esse cipó e tem muita dessa planta...o tajá tem as folhas bem grandes.(IM10-A)

Cf: castanhal.

Nota: Tajá: mito amazônico que diz ter o tajá a propriedade especial de proteger os amantes. Possui folhas grandes em forma de coração de cor verde escura.

castanhal do tamaquaré

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada tamaquaré em função da ocorrência dessa árvore no local.

O castanhal do tamaquaré fica bem distante, mas vale a pena ir lá porque dá muita castanha e a gente faz o acampamento em... embaixo das árvores de tamaquaré porque embaixo da castanheira não pode.(IM10-A)

Cf: castanhal.

castanhal do tauarí [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras denominada tauarí pela ocorrência da espécie no local.

Cada castanhal aqui tem um nome porque tem tudo a ver sabe com os acontecimentos... eu vou coletar castanha no castanhal do tauari, tem várias castanheiras lá, junto com outras, a tauari.(IM9-A)

Cf: castanhal.

castanhal do tracuá

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras com o nome tracuá fazendo referência à existência de formiga dessa espécie.

Aí tem outra que é o castanhal do tracuá porque lá tem muita formiga que tem esse nome..aí prejudica um pouco a coleta da castanha.(IM11-A)

Cf: castanhal.

castanhal do trezequedas

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de castanheiras cercada por cachoeira.

Aqui a gente tem dificuldade de acesso aos castanhais pois tem uns cercados por cachoeira com muitas quedas d'água, ai fica complicado transportar a castanha...o castanhal trezequedas é assim...(IM13-CP)

Cf: castanhal.

castanhal nativo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Área de concentração de castanheiras nativas.

Eu ia falano pra senhora que prá cá pra nossa região não existe esse negócio de prantar castanheira, castanhal grande mesmo é só da natureza mesmo, é nativo, nascido mesmo da natureza é castanhal nativo mesmo...tem castanhal que colete há mais de 50 anos...(IM3-A)

Cf: castanhal; castanheira nativa.

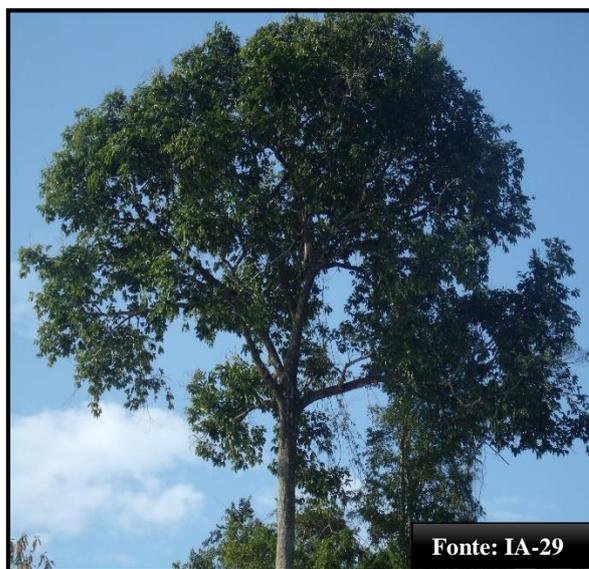
castanheira [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. 1. Árvore de grande porte, com altura que varia entre 35 a 50 metros, que produz a castanha-do-pará.

Vou daqui dessa castanheira até ali e eu sei que ela está jogando bastante castanha aí eu já vou com meu paneiro e meu terçado aí eu chego lá e tem castanheira que dá dez doze paneradas, são muito altas e é perigoso coletar ouriço debaixo delas.(IM1-A)

Var: bertlolleitia excelsa; castanheiro; mãe de leite, rainha da floresta.

Cf: castanha-do-pará.

**castanheira** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. 2. Mulher que trabalha na coleta da castanha-do-pará.

Um aglomerado de castanheiras a gente chama de ponta de castanha, alí tem uma ponta de castanha, são várias castanheiras e a pessoa que coleta castanha a gente chama de castanheiro, castanheira.(IM13-CP)

Cf: coleta da castanha.

castanheira branca [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Castanheira de tronco cônico, base com protuberância e copa voltada para cima.

Já a castanheira branca tem um tronco tem a forma de um cone, base com saliência e copa para cima e sua madeira não é adequada para construir.(IM26-T)

Cf: castanheira.

castanheira burrada

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Castanheira com grande quantidade de ouriço.

[...]porque às vezes você está numa castanheira que está burrada de castanha, é uma castanheira burrada de castanha, assim que a gente diz, que está cheia por baixo, aí aquelas castanha, aqueles ouriços aquelas castanhas já está tudo preto já.(IM3-A)

Cf: castanheira.



Fonte: IA-167

castanheira da abelha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Árvore cuja denominação está relacionada à existência de abelhas em seus galhos.

Gosto muito de ficar embaixo da castanheira da abelha...tem, elas tem nome, tem histórias...esse nome nós demos pra ela porque tem uma casa de abelha bem tronco dela e ela dá muita castanha e as abelha num mexe com nós, só se for um estranho lá.(IM11-A)

castanheira da irara

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Árvore cujo nome remete à presença do animal mamífero irara.

Olha...tem um nome a gente vai colocando os nomes...essa castanheira é antiga, meu pai já vasculhava lá... castanheira da irara porque sempre encontramos esse animal lá, acho que ele fica lá porque tem uma casa de mel de abelha.(IM6-A)

castanheira da policena

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Árvore cuja denominação está ligada à policena, antiga dona de castanhal.

Antigamente quando os castanhais tinham dono, era a dona Policena. Até hoje ela vive lá bem no pé da castanheira da Policena...é uma mulher que vira cobra, ela era dona do castanhal, nois vamo lá todo ano, as castanhas são graúdas dessa castanheira.(IM11-A)

Cf: castanhal da policena.

castanheira do jacarezinho

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Árvore cuja denominação está ligada ao extrativismo da castanha-do-pará

Tem a castanheira do jacarezinho... porque assim no tempo, agora vocês são pesquisador e antes de primeiro tinha os mateiros, não era pesquisador era mateiro e meu avô era um deles. O mateiro é a mesma coisa que vocês faz assim, ele sempre me falava, vocês são pesquisador e o mateiro era assim o patrão aviava pra explorar tal ponta de castanha, ele ia andar no mato, explorava aí ele vinha anotava tudo e entregava pro patrão no tempo que tudo isso aqui tinha dono aí iam colocando esses nomes assim onde eles matava bicho, uma caça eles colocava esse nome na castanheira. (IM6-A)

castanheira do ouricinho

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Árvore cuja denominação relaciona-se ao ouriço de tamanho pequeno.

A gente vai no mato e vê as que está caindo mais a gente põe apelido, por exemplo...lá na castanheira graúda...lá na castanheira do ouricinho, porque os ouriços são bem pequeninhos aí a gente já sabe onde é, aí vai todos. (IM19-BEC)

Cf: ouricinho; castanheira.

castanheira graúda [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Árvore cuja denominação relaciona-se as castanhas-do-pará de tamanho grande.

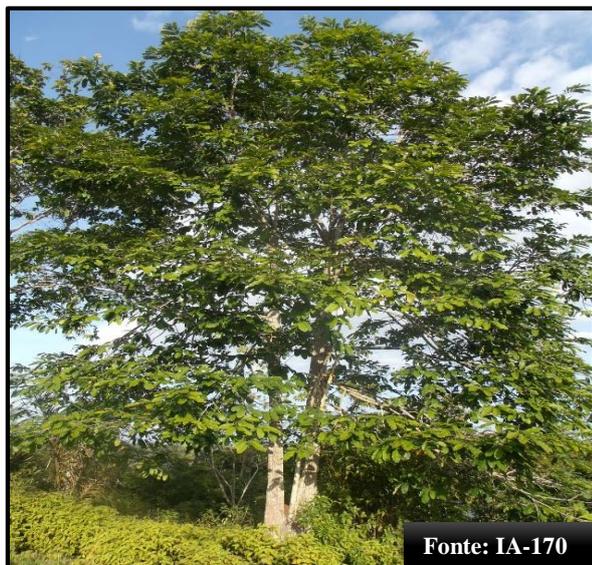
A castanheira graúda tem as castanhas maiores porque aqui nossa castanha é pequena, mas nessa castanheira colocamos o apelido de graúda por causa disso.(IM19-BEC)

castanheira jovem [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Castanheira na primeira fase de floração.

Sabe...olha...aquela castanheira, a castanha dela é graúda, aquela dali a castanha miúda, aquela rende mais, aquela rende menos, aquela dali já está jogando, aquela dali não tá aquela castanheira é jovem ainda...é castanheira jovem mais já tem flor. Ela nasce só assim...os bicho roi a boca do ouriço e enterra as castanha pra buscar depois e esquece aí nasce...(IF2-A)

Cf: floração.



Fonte: IA-170

castanheira nativa [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Árvore natural, própria do lugar, germinada naturalmente.

Hummm...não tem plantio de castanheira, aqui só tem castanheira nativa mesmo né....(IF2-A)

Cf: castanheira; castanhal nativo.

castanheira que entardece

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Árvore cuja denominação está ligada à cultura da coleta da castanha-do-pará que significa queda tardia dos ouriços.

Assim como a gente já tem os costume né nos castanhais certos a gente já sabe a época já sabe as castanheira que joga mais cedo já sabe as castanheira que entardece mais um pouco sabe até aquelas que joga nos últimos tempo da safra entendeu? aí a gente vai se destaca daqui vai faz um barraco donde a gente já sabe aí logo no início tá a gente já sabe olha aquela castanheira fulana de tal já está jogando que geralmente a gente já tem a castanheira pelo nome.(IM1-A)

Cf: castanheira; cultura da castanha.

castanheira que joga mais cedo

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Árvore cuja denominação está ligada à cultura da coleta da castanha-do-pará, que significa queda dos ouriços no princípio da safra.

Olha, desde quando comecei a coletar castanhas a minha mãe, meu pai, meus avós já me guiavam e me levavam na castanheira que joga mais cedo, agora eu sei qual joga mais cedo, qual joga mais tarde, qual joga no meio da safra. (IM1-A)

Cf: castanheira; cultura da castanha.

castanheira solitária [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Castanheira localizada em lugar afastado, deserto, que passou por desmatamento.

A gente não faz limpeza a gente faz a varede que é o caminho que vai de uma castanheira a outra, tem picada também...agora aqui nós tem castanheira solitária que está só sem assim não é um castanhal é uma castanheira só.(IM19-BEC)



Fonte: IBEC-146

castanheira vermelha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Castanheira de tronco reto, base com protuberância e copa semelhante a um guarda-chuva.

Na nossa região tem a castanheira vermelha ,o tronco dela é bem reto e a base assim elevada sabe e a copa parece um guarda-chuva...ah, tem a madeira vermelha, um número maior de fruto e tamanho das sementes.(IM26-T)

Cf: castanheira.

castanheiro [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.m.*

O coletor de castanhas é o mesmo castanheiro...e castanheiro também é a árvore né o nome da castanheira de onde cai o fruto, o ouriço.(IM26-T)

Var: **castanheira.**

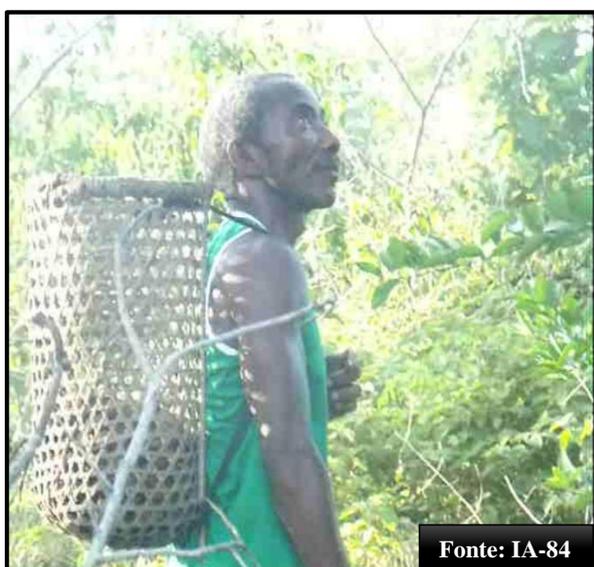
castanheiro [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Pessoa que coleta castanha-do-pará.

[...] a castanha envolve um trabalho cultural, ou seja, o castanheiro, ele tem a cultura de extrair a castanha naquele determinado período do ano. (IM24-T)

Var: **tirador de castanha; coletor de castanha.**

Cf: coletar a castanha.



Fonte: IA-84

catação [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Ato de coletar o fruto (ouriço) da castanheira no final da colheita.

Quando está no finalzinho da safra da castanha a gente vai pra catação que é ajuntá um ouriço aqui, outro ouriço lá e assim vai. (IM1-A)

Var: **basculho; basculhar castanha; vasculho.**

Cf: safra da castanha.

CEQMO [COMERCIALIZAÇÃO]*s.f.*

Temos a cooperativa do quilombo, a CEQMO que cuida da compra da castanha-do-pará, ela é formada por cooperados da castanha das comunidades quilombolas de Oriximiná. (IM9-A)

Var: **cooperativa da castanha.**

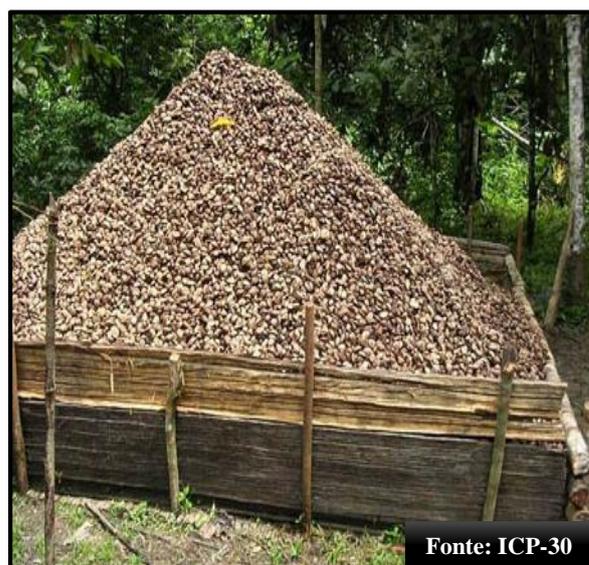
cercado [ABRIGOS]

s.m. Estrutura montada com tábua no interior do galpão ou no chão da floresta visando à secagem da castanha-do-pará.

Quando não faz um jirau assim de tauba e de ripa aí faz um cercado ao redor de tauba no barraco ou na floresta pra castanha num se espalhar muito aí põe tudinho em cima de uma lona né?(IM1-A)

Var: **reservado.**

Cf: lona de castanha.



Fonte: ICP-30

cérebro [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]*s.m.*

[...]cozinha a castanha-do-pará no autoclave através do vapor da caldeira, que não fica parada, ela é o cérebro, o cérebro porque comanda todo o processo que acontece na autoclavagem, ela não pode ser desligada, tem um operador a cada 12 horas direto. (IM23-TU)

Var: **caldeira.**

Cf: autoclave; autoclavagem; cozimento.

certificação da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f.

Logo que chega ela passa por uma avaliação uma certificação da castanha, de como está a castanha, se está de boa qualidade aí já começa todo o processo.(IF25-TU)

Var: **corte.**

cesto de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Cesto de palha utilizado para transportar a castanha-do-pará dentro da fábrica.

Usamos também o paneiro para carregar a castanha de um lado para outro na fábrica, é o mesmo paneiro que eles usam pra coletar a castanha só que não tem as alças. Na verdade é um cesto enrolado numa saca, é o cesto da castanha.(IM23-TU).



Fonte: IU-111

ciclo da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

O caminho para a fábrica às vezes é muito longo e difícil, como é num período de inverno as estradas estão sempre em má condição e coincide com o ciclo da castanha.(IM24-T)

Var: **safra da castanha.**

classe da castanha [COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Categoria da castanha-do-pará determinada conforme as exigências do MAPA.

Nas caixas de papelão que as castanhas são embaladas tem que ter a marca comercial, a classe da castanha e a safra e os pesos também. Não podemos colocar lotes isolados de amêndoas das classes chipped e broken ou seja amêndoas feridas e amêndoas quebradas. (IF25-TU)

Cf: MAPA.

classificação final da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo automático onde as amêndoas são colocadas em máquinas e por movimentos aplicados caem nos compartimentos de acordo com o seu tamanho.

As castanhas que já passaram pelo processo de beneficiamento quando estão indo para a sala de seleção e classificação final da castanha passam de um setor para o outro através de um classificador final e são colocadas em basquetas que carregam as castanhas de um lugar para o outro. (IF23-TU)

Cf: classificador de amêndoa.



Fonte: IU-126

classificação mecânica da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Classificação por tamanho da castanha-do-pará sem casca.

A etapa de classificação mecânica da castanha é realizada dispondo as amêndoas íntegras no equipamento de classificação, que dispõe de peneiras vibratórias onde são selecionadas por tamanho e a classificação por tamanho (mecânica) ocorre quando em uma peneira vibratória é feita a classificação da castanha em castanha miúda-midjet, castanha pequena -small castanha média-médium, castanha graúda- large e extra-large e já caem em baldes de seleção. (IM24-T)

Cf: baldes de seleção; máquina de seleção.



Fonte: IU-32

classificador de amêndoa

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Depois vai para o depósito já embaladas e separadas pelo classificador de amêndoas, a castanha média, a castanha miúda, a castanha large e a castanha extra large. (IF22-TU)

Var: **máquina de seleção.**

Cf: classificação mecânica da castanha.

classificador de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Equipamento que separa as castanhas por tamanho e garante o sucesso das operações de autoclavagem e classificação final.

Dos silos as castanhas passam pela peneira e vai saindo o pó que são os resíduos, as sujeiras que vêm nas castanhas, depois eles medem por tamanho no classificador de castanha e já caem no rolator de secagem. (IM23-TU)

Cf: classificação final da castanha; rolator de secagem.



Fonte: IU-128

coleta artesanal da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Coleta manual da castanha-do-pará.

A coleta artesanal da castanha é feita de forma manual, não existe uma forma mecânica pra fazer isso. (IM26-T).

Cf: coleta da castanha.

coleta da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Atividade extrativista correspondente às etapas de coleta da castanha-do-pará.

Trabalho na coleta desde menina. A coleta da castanha é muito importante para a comunidade é um meio de sobreviver é de onde nós tiramos o nosso dinheirinho, a castanha é a atividade mais importante. A única. (IF14-CP)

Var: **extrativismo da castanha; atividade da castanha; ramo da castanha.**

Cf: coleta artesanal da castanha; coleta nativa da castanha; ICMBio.

Nota: O processo de coleta e de comercialização da castanha-do-pará é realizado de acordo com prazos e restrições impostas pelo ICMBio.

coleta nativa da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Coleta natural da castanha-do-pará.

A coleta da castanha é feita normalmente na época da chuva e de muito vento, é uma coleta nativa, natural, é coletado o ouriço durante a semana e no fim de semana o produtor se dirige para debaixo de uma castanheira, quebra os ouriços e ensaca as castanhas que advém daquela produção.(IM24-T)

Cf: coleta da castanha

coleta primária da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Prática extrativista que compreende o período de coleta da castanha-do-pará na floresta.

Toda a família participa da coleta primária da castanha porque depois volta somente alguns para coletar, fazer o basculho. (IM12-A)

Var: **produção primária da castanha; extração primária da castanha.**

Cf: coleta da castanha.



Fonte: ICP-90

coletar ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Recolher o fruto da castanheira, do chão da floresta, por meio de um terçado ou pegador de ouriço.

O acampamento é o local provisório de ficar na colocação de castanha onde vamos coletar ouriço. Vai pegando um aqui outro ali com o terçado ou com o pegador de ouriço. (IM26-T)

Var: **juntar o ouriço; picar o ouriço; içar o ouriço.**

Cf: ouriço; pegador de ouriço.



Fonte: IA-129

coletar castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Retirar o ouriço (fruto) da floresta por meio da coleta artesanal, rudimentar da castanha-do-pará.

Considero importante porque é um dos maiores lucros assim de renda que a gente tem, a safra da castanha quando vem quando dá castanha, geralmente assim todo mundo que gosta de tirar castanha vai coletar castanha porque é uma fonte de renda, é a maior fonte de renda.(IF2-A)

Var: **extrair castanha.**

Cf: coleta artesanal da castanha; coleta nativa da castanha; ouriço.

coletor de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Quem trabalha com a coleta da castanha chamamos de coletor de castanha.(F14-CP)

Var: **castanheiro.**

Cf: coleta da castanha.

coletor nativo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Eu sou um dos coletor maior eu consigo coletar muita castanha, também sou um coletor nativo sabe? Daqui mesmo não é igual alguns que aparece aí e é igual sapequeiro..(IM10-A)

Var: **extrativista da castanha.**

colocação [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Área de concentração de castanhais.

Tem o dono da colocação, o patrão, a colocação envolve diversos castanhais, tem colocação com três castanhais, com vinte castanhais, como se a colocação fosse um feudo, quem é o dono, patrão de colocação tem diversas colocações. (IMA26-T)

Var: ilha de castanhal; mancha de castanha.

Cf: castanhal.

Nota: A densidade na região do Trombetas varia entre 10 a 15 árvores por hectare (SFB, 2014).

comboeiro [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

adj.

Var: comboieiro de castanha.

comboiar castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Comboiar quer dizer que estamos transportando a castanha. (IM13-CP)

Var: transportar castanha.

Cf: comboio de castanha.

comboieiro de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

adj. Que transporta castanha-do-pará.

Rabeteiro, comboieiro de castanha, piloto tudo a gente chama pra quem conduz o barco, a canoa com as castanhas dentro. (IM11-A)

Var: camboeiro; camboiador; comboeiro.

Cf: camboiar castanha.

comboio de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Grupo de barcos que transporta grande quantidade de sacos de castanha-do-pará.

Camboiador de comboio que transporta os comboios de castanha pelos rios e cachoeiras. Tem vezes que os barcos estão lotados de sacas de castanha, um comboio de castanha bem grande, muitas sacas. (IM26-T)

Cf: transportar castanha.

combuco [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Var: parte do ouriço.

comerciante da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

Vendemos a castanha-do-pará para o atravessador que é o mesmo regatão, comerciante da castanha e só. (IM11-A)

Var: atravessador.

comprador de castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

Um tempo antes você chegava de ver dois a três regatão no porto esperando pra comprar nossa castanha. Regatão é o comprador de castanha que vem de lá pra comprar nosso gênero aqui, lá vem a pessoa regatiando (vem comprando). (IF8-A)

Var: atravessador.

conferente [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operário encarregado de conferir o nível de umidade da castanha-do-pará, após o processo de desidratação.

É que após desidratação as castanhas alteram o seu tamanho devido a perda de água, por isso, é feito uma nova classificação ainda em casca pelo conferente. (IF25-TU)

Var: medidor.

Cf: desidratação.

cooperado da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

A CEQMO é formada por cooperados da castanha, das comunidades quilombolas de Oriximiná. (IM09-A).

Var: extrativista da castanha.

Cf: cooperativa da castanha.

cooperativa da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Cooperativa mista extrativa dos remanescentes de quilombos do município de Oriximiná, responsável pela compra e venda da castanha-do-pará.

[...] a venda para a cooperativa da castanha funciona assim a gente mede a castanha e ela paga de dois períodos né porque ela recebe o pagamento em dois períodos. (IM9-A)

Var: **CEQMO**.

Cf: cooperativa do quilombo.

cooperativa do quilombo

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f.

Temos a cooperativa do quilombo que cuida da compra da castanha e de toda a atividade com a castanha-do-pará e pretendemos tornar a atividade da castanha mais rentável para os quilombolas para que nós mesmos beneficiemos o produto. Quem cuida de tudo é a AMOCREQ. (IM9-A)

Var: **AMOCREQ**.

Cf: cooperativa da castanha.

copa [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Parte aérea da castanheira constituída pelos galhos e folhas.

Quando tem muito cipó fechando a copa da castanheira e impedindo seu desenvolvimento, a gente costuma cortar os cipó, mas é muito difícil, geralmente elas são muito altas, então a copa fica lá em cima. (IM13-CP)

Cf: castanheira.



corte [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operação que compreende na abertura da castanha-do-pará com casca, para exame do estado em que se encontra a amêndoa.

Quando a castanha chega é verificada a qualidade da matéria-prima através do corte, seleção de cem castanhas que são cortadas para a verificação a % de podres, chochas e castanhas sãs. (IM24-TU)

Var: **certificação da castanha**.

Cf: amêndoa; máquina de corte manual.

cozimento [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Tratamento térmico em que as castanhas recebem um banho de vapor na autoclave para facilitar o descascamento.

[...]esse novo processo de seleção da castanha vai ser separada em silos, aí a castanha já está pronta para passar pelo processo de cozimento na área da autoclave que é uma panela de pressão, ela tem a temperatura ideal para a castanha soltar da casca, a amêndoa nesse processo ela vai soltar da casca. (IF25-TU)

Cf: autoclave; autoclavagem.

crivo [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Olha, nós trabalha aqui na esteira, aquela esteira grande, lá tem um crivo, ele serve para limpar a castanha, tipo assim, coa pra tirar o farelo. (IF22-TU)

Var: **peneira vibratória**.

cultura da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Conjunto de práticas agroextrativistas para o estabelecimento da produção da castanha-do-pará.

Pontua como uma atividade que tem começo, meio e fim de acordo com o tempo, não chamamos de atividade de roça porque parece que roça é um negócio que está sempre ali, não chamamos de atividade de banana, atividade pra cultura da castanha, a ideia de safra mesmo pra atividade é bem específica.(IM26-T)

cumbuca [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Quando parte o ouriço a gente chama de cumbuca uma parte e a outra é boca do ouriço. (IM19-BEC)

Var: parte do ouriço.

cumbuco de castanha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Quando ia fazer o basculho a gente só via já os cumbuco de castanha quebrados, no chão, aí esperar outra safra, no inverno.(IF8-A)

Var: parte do ouriço.

côpo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Pego os oriços amontoo, quebro e coloco na saca, assim que quebra e também vai jogando no panero e jogando o côpo lá... que é o mesmo que capongo do ouriço. É depois de quebrado aí fica o côpo ou capongo do ouriço.(IF7-A)

Var: parte do ouriço.

D - d

dança da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Manifestação artística em homenagem à cultura da castanha-do-pará.

A dança da castanha é uma homenagem que a gente faiz pros nosso antigos né, é muito bonito, a gente lembra da nossa lida com a castanha. (IM12-A)

Cf: cultura da castanha.

depósito [ABRIGOS]

s.m.

A gente faz um depósito, faz um assoalho né com ripa de madeira, quando não tem ripa a gente faz de lona, de cimento e põe lá para ela escorrer e secar e daqui acolá a gente vai mexendo pra ela enxugar direitinho né? (IM9-A)

Var: galpão.

descascador de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. 1. Equipamento que retira a casca da castanha de forma mecânica sem quebrar a amêndoa.

As castanhas são descascadas pelo descascador de castanhas por máquinas automáticas.(IM24-TU)

Var: máquina de quebragem.

Cf: quebra automática.



Fonte: IU-96

descascador de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. 2. Equipamento de estrutura simplificada e de fácil manuseio, com a função de quebrar a casca da castanha-do-pará, uma a uma com o auxílio de uma alavanca.

Aqui nós temos ainda na fábrica o descascador de castanha manual, tem um operário responsável para quebrar uma a uma a castanha e verificar a qualidade da castanha.(IF25-TU)

Var: quebrador manual.

Cf: quebra manual.



Fonte: IU-133

descascamento [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

Olhe aí é onde as castanhas passam por esteiras e são submetidas ao descascamento, que é feito por quebradores automáticos que emitem força mecânica contra as castanhas. (IF25-TU)

Var: quebra automática.

descasque [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

O setor que eu gosto é o setor do autoclave,mas é também o mais complicado porque é muita quentura e o vapor é muito grande, é onde eles fazem com que a castanha já fique boa pra eles quebrarem e fazer o descasque no outro dia.(IM23-TU)

Var: quebra automática.

desidratação [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo que consiste em diminuir a quantidade de água contida na castanha-do-pará visando à sua melhor conservação.

É a etapa da desidratação, para aumento da durabilidade da castanha feita no autoclave. (IM24-TU)

Var: processo térmico; tratamento térmico.

Cf: autoclave; cozimento.

detector de metal

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Dispositivo de segurança contra materiais metálicos, que podem vir junto com as amêndoas nos processos de beneficiamento.

Ao chegar aqui na unidade beneficiadora passa por muitas etapas, e a primeira é a pré-limpeza porque dentro das sacas encontramos muitas coisas, machadinha, pedaços do ouriço e imbigos de castanha. Por isso que passa pelo detector de metal para identificar essas coisas. (IM23-TU).



Fonte: IU-37

doce da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Doce caseiro feito em pasta, com o leite da castanha-do-pará, pelos extrativistas.

[...] faz doce de castanha com o leite dela pro uso nosso mesmo.(IM1-A).

Cf: leite da castanha.

dosador [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Equipamento responsável pela medida da castanha-do-pará.

Depois dessa pré-limpeza temos o dosador, que é onde se faz a medição da castanha, a unidade de medida é o hectolitro, aproximadamente 50 kg. (IM24-A)



E - e

elevador [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Veículo que transporta as castanhas para as máquinas de limpeza e medida.

Eu carrego as castanhas e ponho nos silos e elas sobem pelo elevador, passam na peneira e lá eles fazem a medição no Hector. (IM23-TU)



embalador [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Pessoa responsável pela embalagem das castanhas beneficiadas para exportação.

Temos também o operário que fica no setor de embalagem, o embalador, que é responsável pela embalagem das castanhas à vácuo. (IF25-TU)

Cf: embalagem à vácuo; embaladora à vácuo.

embaladora à vácuo

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento que realiza o processo de vedação à vácuo das embalagens de amêndoas.

[...] Posteriormente a castanha é embalada por sacos aluminizados com embalagem a vácuo numa embaladora à vácuo, pois ela faz eliminar a oxidação do produto e protege a amêndoa da umidade porque já está beneficiada né? (IF25-TU)

Cf: embalagem à vácuo.



embalagem primária

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Acondicionamento das amêndoas em sacos aluminizados.

Ah, nesse setor temos duas embalagens....tem a embalagem primária em sacos aluminizados de 20kg... (IF25-TU)

Cf: saco aluminizado.



Fonte: IU-40

embalagem secundária

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Acondicionamento das amêndoas em caixas de papelão com capacidade para 20 kg.

E a embalagem secundária das amêndoas que é em caixa de papelão de 20kg...pra depois já ir para a estocagem.(IF25-TU)

Var: **empacotamento.**



Fonte: IU -38

embalagem à vácuo

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo que consiste na diminuição do volume de ar do espaço livre nos sacos de castanha-do-pará, boa resistência mecânica e fechamento hermético.

Posteriormente a castanha é embalada por sacos aluminizados com embalagem a vácuo numa embaladora à vácuo, pois ela faz eliminar a oxidação e protege a amêndoa da umidade, porque já está beneficiada né?(IF25-TU)

Cf: embaladora à vácuo.



Fonte: IU-136

empacotamento

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

E a embalagem secundária que é o empacotamento das amêndoas, que já estão em sacos aluminizados, em caixa de papelão de 20kg. (IM24-TU)

Var: **embalagem secundária.**

empaiolar a castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Armazenar a castanha-do-pará acondicionadas em sacos de ráfia no paiol.

Aí vai fazer o corte que a gente chama quebrar, a gente vai e quebra os orços e lava as castanhas, traz pro barraco e vai ensacar pra poder armazenar no paiol né, que é empaiolar a castanha. (IM9-A)

Var: **armazenar a castanha.**

Cf: saco de ráfia.



Fonte: IA-154

empaiolar ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Armazenar o ouriço no paiol.

Quando está terminando a safra decidimos por empaiolar os ouriços que vamos consumir no período da entressafra. Então empaiolar é guardar no paiol. (IM26-T)

Cf: paiol.

encerado [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

É no sol quente pra secar a castanha... a gente espalha bem em cima do encerado que tiver aí elas seca... não pode por direto no chão senão pega fungo. (IM1-A)

Var: **lona de castanha.**

endocarpo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Casca dura de cor marrom que reveste a semente da castanheira.

Leva muita atenção que é pra não deixar quebrar tudo né, tem que tirar com cuidado o endocarpo que cobre a amêndoa e a amêndoa tem que ficar inteira. (IF25-TU)

Var: **casca da castanha.**

Cf: castanha.



Fonte: IA-12

entreposto [ABRIGOS]

s.m.

A castanha geralmente fica armazenada no entreposto de Oriximiná também para ser comercializada e muitas vezes exportada, de lá sai direto para os navios. (IM12-A)

Var: **armazém comunitário.**

entressafra [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Período compreendido entre o fim e o início da coleta da castanha-do-pará.

A entressafra acontece assim, como a coleta da castanha se estende por um determinado período é chamado de safra num período do ano, passados dois três meses aí a castanha que não caiu começa a cair e eles acabam voltando, regressando e visitando alguns castanhais, mas geralmente aqueles mais próximos, onde não tem um deslocamento tão distante e aí fazemos a coleta da castanha que não estava madura naquele período. (IM26-TU)

Var: **regresso da castanha; regresso da coleta.**

envira do paneiro

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Alça do paneiro confeccionada com a casca de uma planta fibrosa chamada envira.

Então nós pega a envira do paneiro e põe nas costas, ela é outro cipó, mas é um cipó de casca, tira da madeira da castanheira, dá pra fazer corda dá pra amarrar e é usado na confecção do paneiro, para fazer as alças, peitoral. (IM26-T)



Fonte: IA-139

época da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Agora a época de coletar castanha é de janeiro até maio, que chamamos período da safra, época de castanha, sabe?(IM9-A)

Var: **safra da castanha.**

época da coleta da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Tapiri ou mutá ou rabo de jacú é uma cobertura provisória para acampar na época da coleta da castanha, na safra. (IM26-T)

Var: **safra da castanha.**

esteira de seleção

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento que recebe as castanhas descascadas para passar por processo de seleção.

As castanhas são transportadas por esteira de seleção para as operárias verificarem se a castanha está do jeito que a gente precisa e aí vai separando manualmente as não conforme. (IM24-TU).

Cf. seleção final.



Fonte: IU-42

estocagem da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Armazenagem da castanha-do-pará, em caixas de papelão, aguardando expedição.

Aí vem o penúltimo processo que é quando fazemos a estocagem da castanha, as caixas com as castanhas já embaladas são estocadas sobre estrados plásticos (pallets) em ambiente climatizado. (IM24-T)

Cf: caixa de castanha.



Fonte: IU-161

estrada da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Abertura feita na floresta pelos extrativistas, para dar acesso aos castanhais.

[...] *Ai, a gente chama de estrada, que vai cortando pra lá, pra qui, pra cá, até chegar na castanheira. (IF9-A)*

Var: **ramal**.

Cf. castanhal.

estradinha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Aí chamo caminho, estradinha para ir pra estrada grande, quando a gente vai pras pontas de castanha. (IM10-A)

Var: **caminho da castanha**.

estrado [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Suporte de madeira sobre o qual se empilha grande quantidade de sacos de castanhas, impedindo o contato com o piso e umidade.

Você viu aquele depósito grande que tem logo na entrada da fábrica? Pois é, as castanhas chegam e ficam lá nos sacos de propileno, sobre estrados. (IM23-TU)

Var: **pallets**



estufa [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento automatizado, de controle eletrônico, em aço inox, utilizado na desidratação da castanha-do-pará.

O operador faz uma análise de como entrou essa castanha lá na estufa para poder ver quanto tempo essa castanha vai ficar lá para a secagem final. (IF25-TU)

Cf. desidratação.



expedição [COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Embarque da castanha-do-pará em caminhão, com finalidade de chegar até o cliente.

Eu ajudo embarcar a saca de castanha nos caminhões para levar pro cliente né...aí ela já está pronta pra comercializar, isso é o processo de expedição, somos muitos carregadores que faz isso. (IM23-TU)



exportadora de castanha florenzano

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Empresa que compra, beneficia e exporta a castanha-do-pará, na região de Oriximiná, no estado do Pará.

A exportadora de castanha florenzano é uma empresa voltada ao extrativismo... trabalhamos no ramo da castanha há quatro gerações. (IM24-TU)

Var: unidade beneficiadora; indústria de beneficiamento.



Fonte: IU-101

extrair castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. 1. Retirar a semente da castanha-do-pará do interior dos ouriços.

Pega o ouriço, tem uns que quebra no chão, eu quebro na mão pego o ouriço, pego o terçado e vou extrair a castanha.....tem uns que tem 8 outros tem 20 castanhas, já vi até 25 sementes dentro depende.... (IF4-A)

Cf: ouriço.

extrair castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Quando chega o mês de janeiro o povo todo vai pra mata trabalhar, extrair castanha. (IM13-CP)

Var: coletar castanha.

extrativismo da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Então tudo está muito ligado ao nosso trabalho, ao extrativismo da castanha, ao transporte, às dificuldades de transporte da castanha que nós fazemos pelos rios e cachoeiras, desde a coleta até a venda dela. (IM26-T)

Var: coleta da castanha.

extrativista da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Pessoa que vive basicamente da coleta de produtos da floresta como a castanha-do-pará.

Olha, a cadeia produtiva da castanha tem muitas etapas e elas que vai desde a coleta na floresta pelos extrativista da castanha até o mercado consumidor. (IF25-TU)

Var: produtor da castanha; coletor nativo; povo nativo; povo da floresta; cooperado da castanha.

extração primária da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

A produção no mercado local é gerada pela extração primária da castanha-do-pará, coletada por nós extrativistas diretamente na floresta, que realizamos a quebra dos ouriços liberando as sementes para serem comercializadas, entendeu? (IM12-A)

Var: coleta primária da castanha.

F - f

farelo [RESÍDUOS]*s.m.*

Olha o que nós trabalha é esteira né, aquela esteira grande, aí tem o crivo, o crivo serve para limpar a castanha, tipo assim cõa pra tirar o farelo da castanha, os lixos [...]. (IF26-TU)

Var: impureza da castanha.

festa da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

A festa da castanha acontece todo ano aqui, tem muita dança tem muita castanha e tudo que pode ser feito com ela. (IM12-A)

Var: festival da castanha.

festival da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Evento que ocorre no fim da coleta da castanha-do-pará, em Oriximiná, no mês de junho, com a finalidade de valorizar a principal atividade extrativa local.

O festival da castanha....ah como é interessante e rico. Acontece todo ano em Oriximiná. É uma forma de valorizar a castanha através de um evento cultural. É na verdade uma cultura da castanha, a castanha é um produto cultural. (IM26-T)

Var: festa da castanha.

flor da castanheira [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Parte da castanheira responsável pela produção do fruto, composta por seis pétalas de cor branco amarelada e numerosos estames.

Quando a copa da castanheira fica cheia de flor de cor branca com amarelo já prevemos boas safras no futuro. (IM9-A)

Cf: floração.



Fonte: IA-78

floração [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Florescência da flor da castanheira. Período em que ela desabrocha.

Então a floração que acontece sempre de agosto a novembro é quando a copa da castanheira fica cheia de flor de cor branca com amarela. (IF2-A)

Cf: flor da castanheira; inflorescência.



Fonte: IA-45

fornecedor da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Pessoa de quem se compra a castanha-do-pará.

Você viu aquele depósito grande que tem logo na entrada da fábrica? Na recepção, os lotes recebem identificação por área/região de coleta e safra, e registrados com data de entrada e fornecedor da castanha. (IM23-TU)

força da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

O período começa em dezembro a gente já junta alguns ouriços que é para o mingau que a gente gosta de fazer mingau com o leite da castanha, mas a força da castanha mesmo sempre é o mês de março. (IM12-A)

Var: pico da safra.

fruta nativa [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.f.*

Não precisa a gente fazer mapeamento porque a gente vai e já sabe quais são as castanheiras, quais são as melhores de fruta nativa...fruta? melhor de castanha....quais já tão jogando. (IF2-A)

Var: castanha.

fruto [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.m.*

O fruto da castanheira que é o ouriço começa a cair em dezembro, por aí já tem fruto no chão. (IM13-CP)

Var: ouriço.

Cf: castanheira.

fungo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Organismo constituído por célula, responsável pela produção de toxinas, que contaminam a castanha-do-pará.

[...]tem a doença dos fungos que dá na castanha, quando ela fica branca.(IM13-CP).

Var: bolor.

Cf: aflatoxina; ouriço contagiado.

Nota: Os fungos Aspergillus flavus e Aspergillus parasiticus, são comuns na microbiota do ambiente de produção da castanha-do-pará. (FAO, 2006)



Fonte: A-147

funículo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.m.*

Ao chegar aqui na unidade beneficiadora passa por muitas etapas, e a primeira é a pré-limpeza porque dentro das sacas encontramos muitas coisas, machadinha, cobras, pedaços do ouriço e umbigos de castanha que são os funículos né, pode chamar assim também. (IM23-TU)

Var: opérculo.

G - g**galpão** [ABRIGOS]

s.m. Construção feita de madeira coberta de palha ou telha brasilite para a secagem e/ou armazenamento da castanha-do-pará.

Olha, aí tem o galpão é onde colocam as castanhas pra secar ou deixar armazenada que também chamamos barraco...elas ficam a granel ou num canto dentro de um reservado. (IM26-T)

Var: paiol; depósito; barraco.

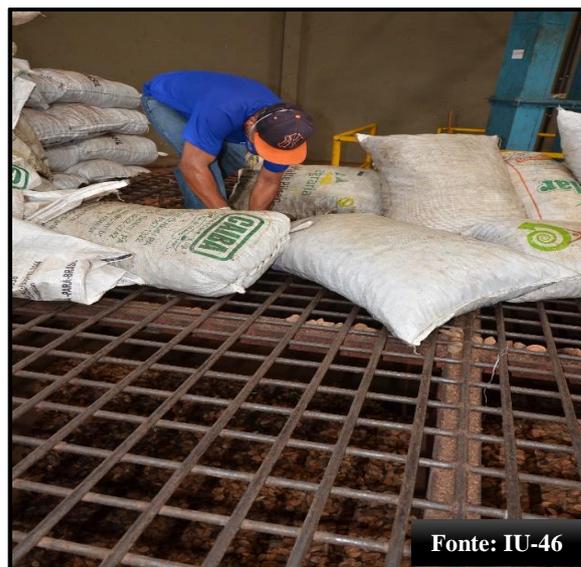
Cf: secagem da castanha¹.



grade de espera [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Tanque de cimento composto por grades de ferro paralelas, onde as castanhas ficam depositadas aguardando o processo da pré-limpeza.

Depois de separadas por tamanho as castanhas vão para a grade de espera para passarem para a pré-limpeza. (IM24-TU))



grosso da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Fevereiro a maio já chegou o grosso da castanha, tá na força da castanha, maio já está no finalzinho que é o basculho da castanha. (IF7-A)

Var: pico da safra.

H - h

hectolitro [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Medida de capacidade equivalente a cem litros, utilizada no beneficiamento da castanha-do-pará.

Uma caixa de castanha se eu não me engano equivale a cinco latas, equivale a um hectolitro que equivale a uma caixa. (IF5-TU)

Var: hector.

hector [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

Aí eu carrego e ponho as castanhas nos silos e elas sobem pelo elevador, passam na peneira e lá elas fazem a medição no hector. Um hector é cinco latas que eles trazem. (IM23-TU)

Var: hectolitro.

I - i

ICMBio [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Instituição responsável pelo extrativismo da castanha-do-pará na Rebio.

Olha agora que a gente fica em contato com a ICMBio que é a entidade responsável pela essa área aqui onde eu coletei castanha. (IM10-A)

Nota: O Instituto Chico Mendes de Biodiversidade possui duas bases localizadas na Rebio do Trombetas, onde os extrativistas têm que atracar para se identificar. O ICMBio administra a unidade de conservação, como por exemplo, dentre diversas exigências, cobra o cadastro prévio dos envolvidos no processo produtivo de comercialização e de transporte. É obrigatório apresentação desse e outros documentos nos postos de fiscalização.



Fonte: IA-145

ilha de castanhal [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

As castanheiras são meio que exclusivistas, elas não ficam avançando para outras áreas e outras espécies também não avançam para a área delas, criam ilhas de castanhais que a gente chama também de colocação. (IM26-T)

Var: **colocação.**

imbigo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

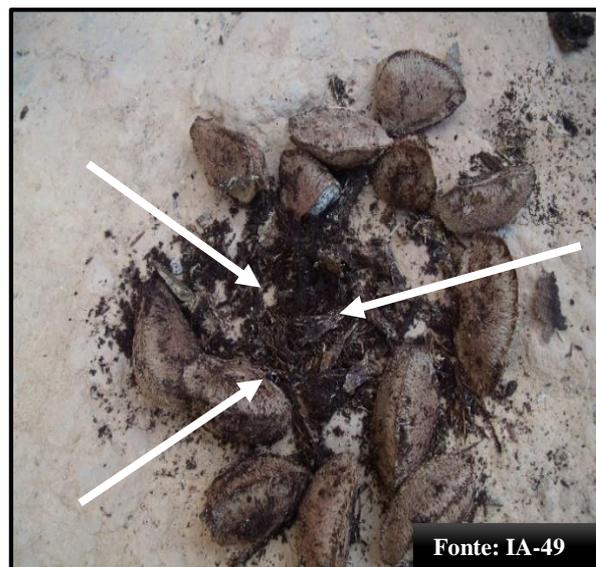
Var: **opérculo.**

impureza da castanha [RESÍDUOS]

s.f. Material não aproveitável da castanha-do-pará como pó, casca, pedaços de ouriço, dentre outros.

A castanha é colocada em peneira vibratória e ela retira as possíveis impurezas das castanhas, como o pó proveniente da casca da castanha. (IM24-TU)

Var: **bucho da castanha; casquinha; farelo; palhinhas; pó da castanha; lixo da castanha.**



Fonte: IA-49

indústria de beneficiamento

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f.

Aqui nós da cooperativa não temos indústria de beneficiamento do mercado local que é uma empresa que realiza o processamento industrial da castanha-do-pará, tem uma indústria, usina particular, a Florenzano. (IM12-A)

Var: **exportadora florenzano.**

indústria de transformação

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Indústria do ramo familiar que processa a castanha-do-pará para a produção de doces.

[...] hoje nós temos uma pequena indústria de transformação no mercado local da castanha-do-pará, que transforma em doces. (IM12-A).

Cf: castanha cristalizada.

inflorescência [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Agrupamento de flores da castanheira.

Quando tem a inflorescência bem forte a gente já sabe que vai ter bastante ouriço pra coletar, a gente já sabe como vai ser a safra de cada ano antes mesmo de começar a cair os fruto. (IM9-A)

Cf: floração; flor da castanheira.



Fonte: IA-91

intermediário [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

Além do regatão, do atravessador tem né...o que chamamos também de intermediário, ele negocia a compra da castanha-do-pará que compra de nós junto com o dono da usina sabe. (IM11-A)

Var: atravessador.

içar o ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Com o terçado é melhor para içar o ouriço...fazemos um monte, uma pilha de ouriços no chão. (IM10-A)

Var: coletar o ouriço.

J - j

jamanxim [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

O jamanxim é vazado e amarrado com cordão, ele é mais multiuso do que o paneiro. (IM26-T)

Var: jamaxi.

jamaxi [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Cesto de fibras naturais, tecido pelos extrativistas, muito utilizado na coleta da castanha-do-pará.

Ao pegar os ouriços né, eles são carregados no paneiro ou dentro de uma saca, mas pode ser também no jamaxi, ele é um uoco mais abreto que o paneiro. mas tem o paneiro, o jamaxi e o sacco. (IM5-A)

Var: jamanxim.

jirau [ABRIGOS]

s.m. Armação de varas sobre forquilhas semelhante a estrado, utilizada para evitar umidade na castanha-do-pará, durante a secagem.

Fazemos um jirau de ripa ou de pau mesmo e colocamos a castanha, armazenamos no jirau e colocamos também uma lona para não molhar. (IM13-CP)

Var: trepeiro; trepero.

juntar ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v.

Boca de lobo é o mesmo que cambito, pega um pedaço de pau, corta em cruz, amarra com cipó, coloca umas travas dentro que é para ele não fechar, na verdade isso é para juntar o ouriço. (IM26-T)

Var: coletar o ouriço.

lata de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Unidade de medida, utilizada na mensuração da castanha-do-pará, que tem como base a lata de querosene, equivalente a mais ou menos 10 litros de castanhas.

Media nas caixa, mas agora a gente já mede mede numa lata de castanha que dá uma caixa. (IF8-A)



lavador [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Pessoa responsável pela retirada de resíduos da castanha-do-pará no processo de lavagem.

Tem o lavador que lava as castanha no rio para tirar muita sujeira que fica grudada na casca e depois de lavada aí a gente ensaca no saco e quem compra vem buscar e leva. (IF4-A)

Cf: lavagem da castanha.

lavagem da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Operação que consiste na lavagem da castanha-do-pará, com a finalidade de remover as podres, vazias e chochas, além de impurezas que flutuam na água.

A lavagem da castanha é assim, quebro o ouriço, coloco no paneiro uma quantia aí eu meto na água do rio, sacudo e a gente tira as estragadas e os pó. (EM10-A)

Cf: impureza da castanha; lavador.



lei da castanha livre

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Lei de gestão de Florestas Públicas que institui o Serviço Florestal Brasileiro e criou a possibilidade da concessão de áreas florestais, considerando a utilização dos recursos florestais não madeireiros, como a castanha-do-pará.

Ainda não acabou aquela época do patrão, só melhorou alguma coisa. Diz que tem agora um monte de lei que ajuda, a lei da castanha livre mas... sabe como é..ela autoriza a gente explorar os castanhais, mas temos que preservar a floresta. (IM3-A)

leite da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Leite extraído da amêndoa da castanha-do-pará, de forte teor nutritivo.

Nesse secador a gente vai secar a castanha, tirar o excesso do leite da castanha e ela tem que estar com uma umidade ideal para ela ser cozida em uma média de 18 ou 17 graus. Esse leite é muito consumido pelos extrativistas também. (IF25-TU).



Fonte: IA-173

leite da castanheira [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

[...]Ah...isso é a resina ou breu.. leite da castanheira que escorre pelo tronco dela. (IM26-T)

Var: **resina.**

Cf: tronco da castanheira.

limpeza da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo de limpeza da castanha-do-pará ainda com casca visando à retirada de materiais estranhos como folhas, pó.

Depois da classificação da castanha por tamanho, as castanhas são colocadas numa peneira vibratória para a limpeza, para a retirada de pó ainda restante na casca. (IF25-TU)

Cf: impureza da castanha.



Fonte: IU-148

limpeza final [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo em que as castanhas são manuseadas para retirada de películas que ficam aderidas às amêndoas e separação das que apresentam partes defeituosas.

[...] Já é a área de embalagem para uma limpeza final, retirada de películas e já aproveita e tira as deconformes. (IF25-TU)

Cf: seleção final; película da castanha.



Fonte: IU-73

lixo da castanha [RESÍDUOS]

s.m.

A gente pega o panero vaza lá dentro vai vazano, colocano na água aquelas que boiam a gente tira separado num presta é castanha fofa e aí vai lavano e tirano pro lado a sujera que é o lixo da castanha vai saindo tudim a gente lava porque tem uns que só compra lavada aí aumenta mais os preço se dá trinta aqui, ela lavada dá quarenta e cinco.(IF4-A)

Var: **impureza da castanha.**

lona de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Material de plástico usado para evitar o contato das castanhas com o chão na floresta, na etapa de secagem.

A gente põe num panero aí vai lá na água, balança, balança, aí espalha uma lona de castanha vai espalhando em cima da lona que é pra ela enxugar. (IM1-A)

Cf: secagem da castanha.

lote a granel [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Porção de caixas de castanha-do-pará desconforme com os padrões de contrato. Lotes de safras diferentes.

Os lotes não podem ser empilhados a granel, tudo solto sem controle...os lotes a granel não são recomendados pela fiscalização pois cada remessa de castanha tem que ser tudo conforme. (IF25-TU)
Cf: lote de castanha.

lote de castanha [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Remessa composta de várias caixas de castanha-do-pará beneficiada, em um determinado período e com características idênticas.

Não podemos colocar lotes de castanhas isolados de amêndoas das classes chipped e broken ou seja amêndoas feridas e amêndoas quebradas. (IF25-TU)



Fonte: IU-50

lote rechaçado [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Remessa de castanha-do-pará devolvida.

Se a castanha tiver contaminada temos os lotes rechaçados, é o termo que eles usam para as devoluções de exportações. Alguns lotes de castanhas são rechaçados ...devolvidos por causa da contaminação, principalmente da castanha com casca, razão de muitas vezes não se ajustar às exigências do mercado. (IF25-TU)

Cf: lote de castanha; castanha contaminada; MAPA.

Nota: Lotes devolvidos por não estar dentro das especificações estabelecidas em contrato e, portanto, por não possuir as características exigidas pelo MAPA.

luminária [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f.

Tem outro material que usamos para pegar o ouriço que é a luminária, mas usamos mais o terçado porque a luminária é feita de pau, a gente abre em cruz e fica quatro pontas. (IM10-A)

Var: pegador de ouriço.

M - m

mancha de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

As castanheiras entre elas são muito harmoniosas, mantém uma certa distância entre elas, formando uma beleza dentro dos castanhais através de manchas de castanhas que cobrem uma determinada área. (IM26-T)

Var: colocação.

manejar a castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Coletar castanha-do-pará de modo rudimentar, por meio de boas práticas de manejo.

Isso é como manejar a castanha, quer dizer como extrair a castanha, como amontoar, como cortar, como cuidar dela até que ela chegue no ponto de venda, então manejar é coletar bem a castanha é a coleta da castanha.(IM9-A)

Cf: coleta da castanha; manejo da castanha.

manejo da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Conjunto de técnicas e tratos culturais utilizados para garantir a boa produção da castanha-do-pará.

Olha, o manejo da castanha é a prática de coleta, as boas práticas, limpezas dos castanhais e os cuidados que temos que ter com a castanha como a gente tem pra evitar contaminar. (IM26-T)

Cf: coleta da castanha.

mãe-de-leite [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

A castanheira é nossa mãe de leite por ser a árvore que se destaca das outras e garante o sustento de nossas famílias. (IM26-TU)

Var: **castanheira**.

mão-de-onça [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f.

Levo saca, facão, paneiro e quando não quero pegar com a mão a gente pega um pau e corta em cruz formando um gancho chamado mão de onça e vai pegando o ouriço. (IM21-BEC)

Var: **pegador de ouriço**.

MAPA [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Órgão responsável pela certificação sanitária oficial da castanha-do-pará.

Tem, tem sim, o órgão responsável pela fiscalização e certificação da castanha para exportação que é o MAPA. (IF25-TU)

Nota: A exportação da castanha-do-pará depende de registro do estabelecimento no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, responsável pela fiscalização e inspeção das normas sanitárias, técnicas e legais das instalações e processo de produção.

mapeamento [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Levantamento de informações das atividades realizadas pelos extrativistas ao determinar a localização das árvores que estão inseridas dentro da área de coleta da castanha-do-pará.

Fazemos mapeamento das castanheiras pelo nome que damos a elas, aos castanhais...os mais idosos faziam uma vistoria na mata se ia dar muita castanha ou não, no abuí os castanhais são perto então a gente olha e sabe qual tem castanha e quais não. (IM12-A)

Var: **vistoria**.

Cf: coleta da castanha; castanhais.

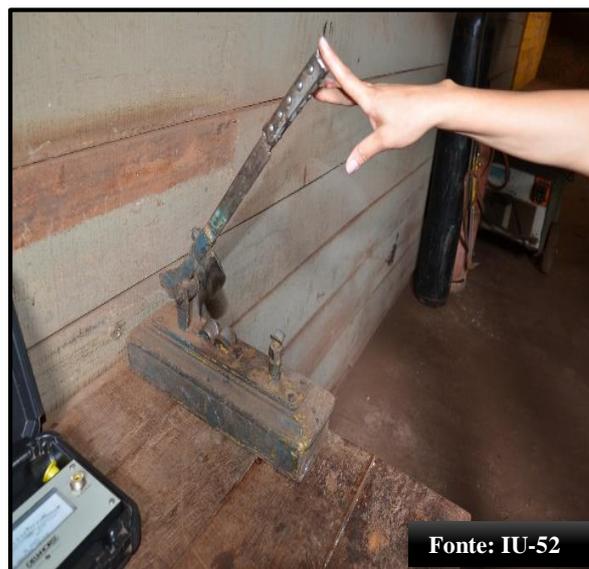
máquina de corte da castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento de estrutura simplificada e de fácil manuseio. Tem a função de cortar a castanha-do-pará com o auxílio de uma alavanca.

Quando a castanha chega aqui na usina, ela é logo pesada e coletamos uma pequena amostra para o corte que é uma análise visual da qualidade da castanha que recebemos aí utilizamos a máquina de corte manual para essa seleção. (IM24-TU)

Cf: corte.



máquina de seleção

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento mecânico, operado por um sistema de sensor, com a função de selecionar a castanha adequada para exportação.

Depois da quebragem a gente tem uma máquina de seleção de última geração que seleciona a castanha rigorosamente, por sensor essa máquina vai fazer a leitura da castanha para verificar de como está passando a qualidade, então ela vai selecionando a castanha inteira, a castanha pedaço. (IF25-TU)

Var: **classificador de amêndoa**.



marca comercial da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Referência comercial da empresa que comercializa a castanha-do-pará com indicações relativas àquele lote, como ano da safra, fornecedor, classe, e outros.

Nas caixas de papelão que as castanhas são embaladas tem que ter a marca comercial da castanha que é a classe dela e a safra e os pesos também...ah e o logotipo da empresa. (IF25-TU).

Cf.: classe da castanha; lote da castanha; safra da castanha.

marreteiro da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

Fica armazenada na casa da gente mesmo porque daí vai chegar o regatão que é o comprador, o marreteiro da castanha, aí a gente vende pra ele. (IM3-A)

Var: **atravessador.**

massa da castanha

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Ah, tem a massa da castanha que é a amêndoa mesmo, veja...quando a gente descasca aí comemos a massa. (IF2-A)

Var: **amêndoa.**

medidor [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

Ah, sim, trabalho como medidor que é o mesmo conferente, confiro se a castanha já está no ponto certo, se sua umidade já está nas exigências de comercialização. (IF25-TU)

Var: **conferente.**

medidor de umidade da castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Equipamento portátil, com balança incorporada, compensação por temperatura e memória interna para armazenagem dos resultados. Tem função de medir a umidade da castanha-do-pará.

A gente tem que fazer a medição pra ver se a castanha já está com a umidade boa para venda através do medidor de umidade da castanha que fica sempre um responsável lá. (IF25-TU).

Nota: De operação simples, o processo de medição demora somente alguns segundos obtendo a leitura no ato. A balança incorporada e a compensação de temperatura automática eliminam as tabelas de correção, gerando leituras direitas.



mercado estadual da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Conjunto de transações de compra e venda da castanha-do-pará, no Estado do Pará.

[...] tem sim, olha...o varejo urbano do mercado estadual da castanha são os comerciantes varejistas que comercializam a castanha-do-pará beneficiada para o consumidor final estadual e por ai vai. (IM12-A)

mercado externo da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

São comércios varejistas situados fora do Estado, assim como varejistas voltados para as vendas ao comércio exterior, no mercado externo da castanha. (IM12-A)

Var: **mercado internacional da castanha.**

mercado internacional da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Conjunto de transações de compra e venda da castanha-do-pará com diversos países.

Aqui é uma empresa que realiza o processamento industrial da castanha-do-pará, tem uma indústria, usina particular, a Florenzano ela atende o mercado internacional da castanha, é muito grande o negócio. (IM12-A)

Var: **mercado externo da castanha.**

mercado local da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Conjunto de transações de compra e venda da castanha-do-pará no comércio local do município de Oriximiná/PA.

A produção no mercado local da castanha é a extração primária da castanha-do-pará, coletada por extrativistas diretamente na floresta, que realizam a quebra dos ouriços liberando as sementes para serem comercializadas. (IM12-A)

mofo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Colocamos os ouriços de imbigo pra baixo para não entrar água da chuva, a castanha úmida cria mofo e estraga a castanha. (IF2-A)

Var: **bolor.**

montanha de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Temos muita dificuldade na venda da castanha...muitas vezes ela fica aí no barracão para secar a granel mesmo....montanhas de castanha esperando comprador. (IM9-A)

Var: **castanha a granel.**

monte de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Acúmulo de castanha-do-pará.

[...]marca pra quebrar o outro monte que é o do adversário...aí assim funciona ou a gente quebra só a gente mesmo e vai fazendo aquele monte de castanha, que às vezes é um monte com muita castanha. (IM1-A)



Fonte: ICP-62

monte de ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Acúmulo de ouriços.

Geralmente o processo da quebração pra nós aqui a gente faz aqueles montes de ouriços de vinte e poucas paneradas, ai marca pra todo mundo ir quebrar aquele monte. (IM1-A)

Var: **pilha de ouriço.**



Fonte: IA-54

munheca [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]*s.f.*

[...] *Aí pega o paneiro, quando não é a saca, aí vem a munheca pra coletar a castanha, a munheca é esse mesmo nome que deram aí pra vocês, a luminária. (IM19-BEC)*

Var: **pegador de ouriço.**

mutá [ABRIGOS]*s.m.*

Tem o acampamento provisório que é só para pernoite, então faz um rabo de jacú ou mutá que é só coberto por palha e arma uma rede embaixo, não precisa colocar lona. (IME26-T)

Var: **tapiri.**

mutirão [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Trabalho coletivo realizado na coleta da castanha-do-pará.

Geralmente o processo da quebração pra nós aqui a gente faiz aqueles montes de vinte e poucas paneradas que a gente chama a gente vai e...como a gente trabalha em família a gente faiz o puxirum mais conhecido como mutirão, a gente vai e convida dois três tio, irmão, primo aí marca pra todo mundo ir quebrar aquele monte aí no outro dia marca pra quebrar o outro monte quebrar o do adversário..aí assim funciona. (IM1-A)

Var: **puxirum.**

N - n**noce del brazile**

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

Noce del brazile é a castanha-do-pará exportada para a Itália, daqui vai para Belém e de lá para fora. (IF25-TU)

V. Estr.: **castanha-do-pará.**

noix du brézil

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.f.

[...] *Assim também é a castanha-do-pará para outros países né, noix du brézil é a castanha para os lotes que vão pra França pois nós exportamos pra lá também. (IF25-TU)*

V. Estr.: **castanha-do-pará.**

noix du pará [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]*s.f.*

São 80% pra exportação e 20% para o mercado interno de castanha-do-pará ou noix du pará como estamos acostumados a falar nas vendas. (IM24-TU)

V. Estr.: **castanha-do-pará.**

O - o**óleo da castanha-do-pará**

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Azeite extraído da amêndoa da castanha-do-pará, muito utilizado na alimentação e produtos de beleza.

A amêndoa deve estar sã porque muitas indústrias compram pra fazer produtos de beleza como o óleo da castanha é muito utilizado...serve pra se alimentar e outras mais. (IF25-TU)

operador de autoclave

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operador que manipula o autoclave controlando a temperatura ideal para o cozimento da castanha.

O operador faz uma análise de como entrou essa castanha lá na estufa para poder ver quanto tempo essa castanha vai ficar lá para a secagem final. (IF25-TU)

Cf: autoclave; cozimento.

operador de caldeira

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operador que trabalha na caldeira controlando o calor para o funcionamento do autoclave e realização do cozimento da castanha-do-pará.

Mas é só um operador de caldeira, ela não para porque pode estragar muita castanha, são quatro turnos também, só para de quinze em quinze dias que é para limpar a caldeira. (IM23-TU)

Cf: autoclave; caldeira; cozimento.

operador de classificador

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operador que trabalha no setor de classificação por tamanho da castanha-do-pará, operando o classificador.

As mulheres trabalham nos processos de seleção e embalagem final da castanha, já os homens trabalham nos processos iniciais por que passa a castanha, como o da classificação inicial temos o operador de classificador de castanha. (IF25-TU)

Cf: classificador de castanha.

operador de quebragem

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operador que faz parte da equipe de quebragem da castanha-do-pará.

O operador de quebragem controla a máquina que faz a quebra automática das castanhas...leva muita atenção que é pra não deixar quebrar tudo né, tem que tirar a casca e a amêndoa tem que ficar inteira. (IF25-TU)

Cf: quebra automática.

operador de secagem

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operador que controla o equipamento da área de secagem da castanha-do-pará.

[...] Agora vem a secagem em estufas, a desidratação da castanha descascada, para maior durabilidade do produto final e melhor textura, é um processo térmico que auxilia no combate de agentes microbiológicos. Setor é vigiado pelo operador de secagem. (IM24-TU)

Cf: secagem da castanha; secador.

operador de seleção

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Operador que trabalha no setor de seleção da castanha-do-pará, verificando o tempo necessário de permanência da castanha na estufa.

O operador de seleção faz uma análise de como entrou essa castanha lá na estufa para poder ver quanto tempo essa castanha vai ficar lá para a secagem final. (IF25-TU)

Cf: estufa; secagem final.

operária da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Operária que trabalha nos processos de seleção e embalagem do beneficiamento da castanha-do-pará.

Nós mulheres trabalhamos nos processos de seleção e embalagem final da castanha somos chamadas de operárias da safra, operárias da castanha...e.. já os homens trabalham nos processos iniciais da castanha, é um serviço mais pesado. (IF25-TU)

Var: operária da safra.



Fonte: IU-163

operária da safra

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f.

Depois de passar por essa máquina ela vai para uma esteira para as operárias da safra verificarem se a castanha está do jeito que a gente precisa e aí separando os não conformes. (IF25-TU)

Var: **operária da castanha.**

opérculo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Componente localizado à coluna central do ouriço, com a finalidade de fechar o orifício presente na parte superior do fruto.

Após quebrada ela seja logo lavada, separada das que são podres, tira o umbigo, o umbigo é o encaixe do ouriço, é uma parte que fica dentro do ouriço, é o opérculo né do ouriço.(IM26-T)

Var: **umbigo do ouriço; imbigio; umbigo da castanha; funículo da castanha.**

Cf: ouriço.



Fonte: ICP-77

ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Tem ouriço que tem até sete castanhas. Agora...depende assim tem uns que tem doze quatorze castanhas assim....até no negócio de dezessete castanha tem no ouriço. (IF2-A)

Var: **ouriço.**

ouricinho [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

Quando eu estou partindo o ouriço eu não jogo fora.Tem castanha graúda, tem castanha miúda, do ouricinho. (IM21-BEC)

Var: **ouriço birro.**

ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Fruto da castanheira.

Ah, eu já conferi, tem ouriço que tem oito, seis e tem ouriço que tem até quatorze castanhas dentro. (IM8-A)

Var: **fruto; ouriço; pixídio.**



Fonte: IA-143

ourião birro [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Ourião de tamanho reduzido, desprovido de castanha.

Tem também ourião birro, é quando ele cai fora de época e ainda é bem pequenino e não tem castanha dentro. (IM11-A)

Var: **ouricinho**.

ourião buracudo [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Ourião aberto por animais roedores, como a cutia.

Todos valem, só tem uma diferença assim que tem uns ouriões que cai buracudo né que chama ourião buracudo é que o bicho aumenta o imbrigo dele pra tirar a castanha que o bicho fura ele lá em cima aí quando ele cai praticamente ele não presta porque quando eles já cai de lá já traz o fungo. (IF2-A)



Fonte: IA-144

ourião contagiado [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Ourião que apresenta castanhas contaminadas por fungos.

[...] Olha aqui as doenças que mais contaminam as castanhas é o fungo, dá na castanha cortada e as vezes tem no ourião mesmo, quando abre já é um ourião contagiado, tem ourião que já cai com fungo, tem ourião que quando você corta as castanhas já estão brancas. (IM9-A)

Cf: fungo; castanha contaminada.



Fonte: IA-142

ourião indeiscente [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Fruto da castanheira que, mesmo maduro, não libera as sementes naturalmente,

Tem que ter o tato na mão pra cortar o ourião porque às vezes o ourião é tão mole que o terçado vai na levada, parte de uma vez o ourião que acaba atingindo a mão da gente e estraga as castanhas também, pois o ourião é um fruto indeiscente porque ele não abre só. (IM1-A)

Cf: ourião.



Fonte: IA-168

ourião peco [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

É ourião peco, é o ourião que ainda não estava na época para cair, estava verde, aí diz assim: ah, ele pecou. (IM9-A)

Var: **ourião verde.**

ourião velho [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Ourião de safras passadas, com castanhas secas, ocas.

Os ouriões com problema a gente deixa eles na terra mesmo. Com os ouriões velho de safras passada eles ficou pra trás a gente deixa lá mesmo, na terra mesmo, eles tem castanha sem nada dentro...(IM1-A)

Cf: ourião; castanha seca².



Fonte: IA-162

ourião verde [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Ourião que ainda não está maduro.

Que quando cai o ourião verde ele não presta, a gente vê logo que ele caiu antes do tempo. (EM06-ABUÍ)

Var: **ourião peco.**

ourião [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Ourião grande que comporta em seu interior castanhas graúdas.

A gente seleciona o ourião grande só quando a gente vai trazer pra comer, tem gente que chama ourião graúdo, nós falamos ourião, ele é cheio de castanhas também graúdas. (IM12-A)

Cf. castanha graúda.



Fonte: IA-57

P - p

paiol [ABRIGOS]

s.m.

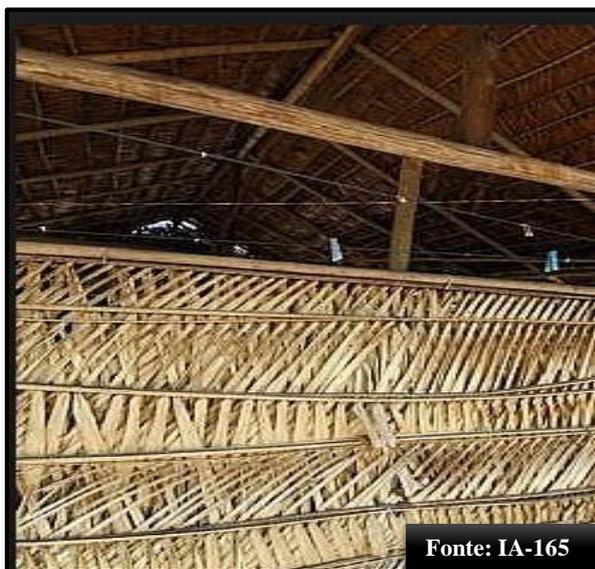
Depois a gente sempre usa o paiol pra secar a castanha, tem uns que as vezes usa casco pra botar a castanha dentro, tem outras que fazem um jirau. (IM12-A)

Var: **galpão.**

Palha de inaja [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Palmeira nativa da Amazônia cujas palhas são utilizadas na cobertura provisória de barracos na coleta da castanha-do-pará.

Pra fazer o paiol a gente usa mais de ripa de açai, paxiuba, bacaba, ripa quando é de açai, cobre com palha de inajá, a parede que é feita pra proteger a castanha faz de palha mesmo, tem uns que coloca dentro de um casco e traz pra vender. Tem gente que tece igual uma esteira pra fazer a parede. (IM12-A)



Fonte: IA-165

palhinhas [RESÍDUOS]

s.f.

A lavagem a gente põe numa canoa põe água o tanto para ela não ir pro fundo joga a castanha dentro e vai lavando, tirando no panero e pondo pra fora...e lá a gente tira aquelas palhinhas que a gente chama de bucho. (IF2-A)

Var: **impureza da castanha.**

pallet [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

O penúltimo processo é o da estocagem, as caixas com as castanhas já embaladas são estocadas sobre pallets em ambiente climatizado. (IM24-T)

V. Estr.: **estrado.**

panacum [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Eu mesmo faço o meu panero, gosto e sei tecer todo ele...agora tem também o panacum que meu pai me ensinou que é pra carregar a castanha, os ouriços da floresta também. (IM10-A)

Var: **panacú.**

panacú [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Cesto grande de vime, de origem indígena, que serve para transportar o ouriço e a castanha-do-pará na floresta.

Para carregar as castanhas ou os ouriços tem o panero, o panacú, jamaxi e a saca, mas o mais usado é o panero. (IM06-A)

Var: **panacum.**



Fonte: ICP-130

paneirada de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Quantidade de castanha medida no paneiro.

[...] *Você chega lá ajunta os ouriços se tem uma três paneiradas de ouriço aí lá a gente amontoa, aí já faz a estrada pra outra castanheira, ou um pico.* (IF8-A)

Var: **panerada de castanha.**

Cf: paneiro.



Fonte: ICP-58

paneiro [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Cesto de cipó trançado, muito utilizado no transporte do ouriço e da castanha-do-pará na floresta.

Quando a gente traz a castanha dentro do paneiro a gente mete na água pra sair o sujo das castanhas. Tem paneiro que cabe quinze ouriços. (IM12-A)

Var: **panero.**



Fonte: IA-59

panerada de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Aqui a gente está acostumado a medir a castanha no paneiro. Se eu juntar quatro panerada de ouriço eu sei que eu encho o panero tranquilo de pívide. (IM11-A)

Var: **paneirada de castanha.**

panero [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

A gente picava o ouriço assim, jogava no panero, enchia o panero e ia e fazia um monte e derramava assim no toco do pau, derramava assim dois três paneiradas, aí de lá a gente ia quebrar a castanha e botava no panero e de lá vinha pra casa...pra beira, carregava só no panero. (IF8-A)

Var: **paneiro.**

parage [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Var: **acampamento provisório**

paragem [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Olha aqui pra nós é só esse mesmo aquele que vai amontoa, apanha o ouriço...só esse mesmo. Ajunta, amontoa ele que significa reunir os ouriços, reúne todos em uma paragem pra poder quebrar. (IF2-A)

Var: **acampamento provisório.**

parte do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Fragmento do ouriço quebrado.

São as partes do ouriço...inteiro é ouriço, mas quebrado tem vários nomes, cumbuca[...](IF7-A)

Var: **boca do ouriço; bunda do ouriço; capongo do ouriço; capongo de castanha; côpo; combuco; cumbuca; cumbuco de castanha; cumbuca de castanha; capungo; quenga; tampa do ouriço.**

Cf: ouriço quebrado.



Fonte: IA-10

patrão de colocação da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Proprietário da colocação de castanhal, de onde é extraída a castanha-do-pará.

Área de castanha que é colocação, tanto é que tem o dono da colocação o patrão, a colocação ela envolve diversos castanhais, tem colocação com três castanhais, tem colocação com vinte castanhais. Como se a colocação fosse um feudo, quem é o dono, patrão da colocação de castanha tem diversas colocações, patrão de colocação ele não tem só uma colocação ele tem mais de uma. (IM26-T)

Cf: colocação; castanhal;

Nota: Por muitas décadas, o acesso dos quilombos aos castanhais foi controlado pelo "patrão". Recebiam mercadoria como pagamento da castanha. As sucessivas titulações de terras quilombolas da região, a partir de 1990, garantiram a "libertação" de diversos castanhais, antes dominados pelos chamados "patrões". (CPIS, 2013)

paxiuba [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Palmeira típica de região alagada, utilizada na construção do jirau, pelos extrativistas, para armazenar a castanha-do-pará.

Para fazer o jirau pra colocar a castanha a gente usa mais é ripa de açaí, de paxiuba. (IM12-A)

Cf: jirau.

pé-de-bode [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Para catar os ouriços a gente afia bem a ponta do terçado e vai picando os ouriços e jogando dentro do paneiro com o pé de bode, um pau cortado em cruz que vai pegando e colocando no paneiro. (IM17-CP)

Var: pegador de ouriço.

pé-de-burro [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Primeiro bota calça comprida, camisa de manga comprida, depois o facão com bainha na cintura, aí vem o paneiro, quando não é a saca, aí pega a luminária, pé de burro né, às vezes a gente põe uma luva na mão e vai coletar ouriço. (IM19-BEC)

Var: pegador de ouriço.

pé-de-cabra [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Fazemos um negócio de pau com uns ganchozinhos que chamamos de pé de cabra ou o terçado e pegamos o ouriço no chão. A gente enche o paneiro e faz o monte e depois que fez o monte a gente se reúne para quebrar. (IF14-CP)

Var: pegador de ouriço.

pegador de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Uso o facão, o paneiro, o pegador de castanha, que chamam de luminária também para pegar o ouriço. (IM13-BEC)

Var: pegador de ouriço.

pegador de ouriço

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Ferramenta utilizada para coletar os ouriços de castanha-do-pará, na floresta.

O principal é o terçado, pegador de ouriço a gente faz de pau serve para pegar o ouriço no chão. (IF20-BEC)

Var: boca-de-lobo; cambito; luminária; mão-de-onça; munheca;; pe-de-bode; pé-de-burro; pé-de-cabra;. pegador de castanha;

Cf: coletar ouriço.



pele da amêndoa [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

A castanha vai para outro processo de seleção, ela entra na sala de seleção final que já é a área de embalagem para uma limpeza final, por exemplo a retirada da pele da amêndoa e as quebradas. (IF25-TU)

Var: película da castanha.

pele da castanha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

É a massa que tem dentro da castanha o que cobre a massa é a pele da castanha. (IM6-A)

Var: película da castanha.

película da amêndoa

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Ah, tem a película da amêndoa que a gente tira também, aquela pele da amêndoa, eles passam no crivo pra coar, alimpam também com o pano aí sai todo aquele farelo, fica bem hidratada a castanha fica bem branquinha. (IM23-TU)

Var: película da castanha.

película da castanha

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Cobertura fina de cor marrom que reveste a amêndoa da castanha-do-pará.

Ainda tem a limpeza para retirada do excesso de película da castanha. (IM24-TU)

Var: película da amêndoa; pele da castanha; pilica; pele da amêndoa.

Cf: limpeza final.



peneira vibratória

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Equipamento vibratório, em forma retangular, com tela perfurada, utilizada no processo de peneiramento, projetada para eliminar resíduos da castanha.

Aí vem o processo da limpeza numa peneira vibratória para a retirada do pó ainda restante nas cascas, logo após elas terem sido quebradas. (IF25-TU)

Var: crivo; polidor.



período da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Ele [o período] é três meses e tem pessoas que chama aqui é garimpo até porque não compara, não tem aqui outro produto e no período da castanha não, é uma hora que a gente consegue coletar negócio de cem caixa, 80 caixa 150 caixa e que a gente pega um dinheiro é um período do ano, nada se compara, a castanha é a principal atividade para nós. (IM10-A)

Var: **safra da castanha.****período da safra** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

O período começa em dezembro a gente já junta alguns ouriços que é para o mingau que a gente gosta de fazer mingau com o leite da castanha, mas a força da castanha mesmo sempre é o mês de março, período do inverno, período da safra da castanha....coleta...(IM12-A)

Var: **safra da castanha.****pesagem** [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Operação que consiste em verificar o peso da castanha-do-pará beneficiada, destinada à comercialização, por meio de balança mecânica.

Na sala de seleção da castanha acontece assim a pesagem: ligar a balança e tirar a tara do balde, pesar as castanhas podres, castanhas quebradas – pedaço, broken, para exportação, as castanhas feridas, chipped, a castanha avariada, castanha amarela e anotar o peso em planilha. (IF25-TU)

Cf: balança mecânica.

pevide [DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]*s.f.*

Para a amêndoa tem pevide, é uma variação, tem outros que é simplesmente castanha, tem várias formas de falar, a pevide é a massa que a gente come. (IM24-TU)

Var: **amêndoa.****picada** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Geralmente, a gente não faz o mapeamento assim escrito, mas na prática lá né, a gente faz uma picada né e aquelas picada é um caminho de uma pra outra aí vai em uma castanheira, vai em outra e assim a gente vai coletando. (IM13-CP)

Var: **caminho da castanha.****picar o ouriço** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*v.*

Usa o paneiro e o terçado... o terçado é para picar o ouriço, ajuntar. (IF2-A)

Var: **coletar o ouriço.****pico** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

Você chega lá ajunta os ouriços se tem uma três paneiradas de ouriço aí lá a gente amontoa, aí já faz a estrada pra outra castanheira, ou um pico. (IF8-A)

Var: **caminho da castanha.****pico da castanha** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

[...] Olha... o grosso da castanha seria o mesmo que pico da castanha, força da castanha. Momento de alta na coleta. (IM26- TU)

Var: **pico da safra.****pico da safra** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Eminência da produtividade da castanha-do-pará, ocorrida durante a coleta do ouriço na floresta. Corresponde entre os meses de fevereiro e março.

A safra se estende de dezembro até meados de julho, então se colocasse num gráfico é o período que ela mais produz, ou o pico da safra. (IM26-T)

Var: **pico da castanha; grosso da castanha; força da castanha.**

Cf: coleta da castanha; coleta do ouriço.

pilha de castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Acumulação de sacos de castanha-do-pará de um lote, acomodados uns sobre os outros (em pilhas), destinados ao processo de beneficiamento.

Você viu aquele depósito grande que tem logo na entrada da fábrica? Na recepção, os lotes recebem identificação por área/região de coleta e safra, e registrados com data de entrada e fornecedor. Pois é as castanhas chegam e ficam lá nos sacos de polipropileno sobre estrados, formando muitas pilhas de castanhas...(IM23-TU)

Var: **pilha de secagem; lote de castanha.**



Fonte: IU-150

pilha de ouriço [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Fazemos um monte, uma pilha de ouriços no chão, os ouriços ficam com a boca pra baixo pra não encher de água esperando o dia da quebração.(IM10-A).

Var: **monte de ouriço.**

pilha de secagem

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f.

Quando vamos armazenar as castanhas não podemos colocar na mesma pilha de secagem castanhas que já estão secas com castanhas úmidas, tem que organizar várias pilhas.(IM23-TU)

Var: **pilha de castanha.**

pilica [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Com casca é castanha mesmo já sem casca já chama amêndoa da castanha, e a pele que reveste a castanha é a pilica. (IM09-A)

Var: **película da castanha.**

pivide [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Var: **amêndoa.**

pixídio [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

O coletor já realizou a primeira etapa da coleta do pixídio na floresta e agora chega para o beneficiamento somente as castanhas. (IF25-TU)

Var: **ouriço.**

planilha [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Formulário padronizado para o registro de informações sobre a pesagem da castanha-do-pará.

Toda a pesagem da castanha é anotada na planilha, ela é padronizada de acordo com as exigências de exportação da castanha.(IF25-TU)

Cf: pesagem.

plântula [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Embrião da castanheira.

Olha, pra nós aqui não tem plantação, ela germina com a ajuda da gente e dos animais como a cutia, por exemplo. A semente precisa que alguém abra o ouriço. Mas demora pra plântula aparecer porque precisa de luz do sol e a mata é bem fechada.(IF2-A).

Cf.: castanheira nativa; ouriço indeiscente.

pó da castanha [RESÍDUOS]

s.m.

[...]Só o paneiro...o paneiro é melhor pra lavar a castanha né... porque tira todo o sujo né esse sujo é o pó da castanha. (IM5-A)

Var: **impureza da castanha..**

polidor [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]*s.m.*

As castanhas com cascas passam pelo processo de polimento em um polidor para retirada dos resíduos da casca assim que chegam aqui. (IF25-TU)

Var: **peneira vibratória.**

polimento [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Procedimento de retirada de impurezas, aderidas nas castanhas com casca, por meio de polidores.

A castanha com casca passa por um polimento através de polidores, tem que tirar os lixos que vem grudados na casca, tem que deixar elas bem limpinhas né? (IM23-TU)

Cf: pré-limpeza.

ponta [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Quando a gente chama ponta é porque tem muitas castanheiras juntas ali, tem uma ponta ali, tem outra ali, como bem aquele lado ali é um castanhal, aquele ali já é outro...pode ser castanhal, pode ser ponta. (IM5-A)

Var: **castanhal.**

ponta de baixo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.* Castanhal localizado abaixo do rio.

Hummm...não tem plantio de castanheira, são nativos mesmo né....ponta é assim....a gente dá um nome por causa de alguma coisa ou acontecimento, aí organiza a coleta de castanha mesmo porque ela é coletiva né? Então aquela ponta dali fica pra baixo do rio então é a ponta de baixo... e assim vai.(IF2-A)

Cf: castanhal.

ponta de castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Olha.. nós aqui temos a ponta de castanha que está relacionada ao volume, quer dizer tem várias pontas de castanha próximo de casa, são várias castanheiras juntas. (IM26-T)

Var: **castanhal.**

ponta de castanhal [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Bem próximo de casa a gente tem várias castanheiras juntas a gente diz que é uma ponta de castanhal, tem gente que chama de rebolada de castanha. (IM12-A)

Var: **castanhal.**

ponta de castanheira

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Aqui perto de casa é cheio de ponta de castanheira, são muitas castanheiras que eu coeto os ouriços. (IF8-A)

Var: **castanhal**

ponta de cima [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.* Castanhal localizado acima do rio.

A gente só faz dividir quem vai para a ponta de baixo...a ponta de baixo é uma área, aí chama ponta do meio, vê quem vai coletar na ponta de cima que fica localizada acima do rio. (IF2-A)

Cf: castanhal.

ponta do armando [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Castanhal cujo nome faz referência ao antigo dono do local, o senhor Armando.

Aí chamam ponta do armando porque eram os nomes dos antigos donos dessas terras. Lá onde eu trabalho é assim...mas é só um castanhal, aí a gente já diferencia assim.(IF2-A)

Cf: castanhal.

ponta do crota [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Castanhal cujo nome faz referência ao antigo dono, o senhor Crota.

Aqui atrás tem o canto do Regis, daquele lado é policena, aqui pra trás é ponta do crota...um castanhal antigo do seu Crota.(IM11-A)

Cf: castanhal.

ponta do meio [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Porque lá onde a gente trabalha tem um castanhal bem grande, aí a gente chama de castanhal. A gente só faz dividir quem vai para a ponta de baixo...a ponta de baixo é uma área, aí chama ponta do meio, bem longe do rio e vê quem vai coletar na ponta de cima que fica localizada acima do rio. (IF2-A)

Var: **castanhal de centro.**

ponta do régis [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Castanhal cujo nome faz referência ao antigo patrão, dono das terras, o senhor Régis.

O castanhal do seu Régis é bem produtivo, vamos toda a família pra lá coletar castanha, a ponta do Régis como nós chamamos é um dos castanhais de centro. (IF2-A)

Cf: castanhal; castanhal de centro.

ponto da castanha [ABRIGOS]*s.m.*

Quando tu vens pra calha do parú e a calha do jarí vê os principais pontos da castanha da calha norte inteira, mas em matéria de volume é no alto Trombetas, em Oriximiná. (IM26-A)

Var: **armazém comunitário.**

povo da floresta [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

Pra nós é muito importante saber como é coletada a castanha, a maneira que vivem esse povo da floresta responsável por esse extrativismo e muito mais...entendeu? (IM24-TU)

Var: **extrativista da castanha.**

povo nativo [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.m.*

O povo que trabalha com o extrativismo da castanha, o povo nativo mesmo daqui da nossa região tem a prioridade de mandar a castanha aqui para a fábrica. (IM24-TU)

Var: **extrativista da castanha.**

pressão de vapor

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Procedimento que visa ao cozimento da castanha-do-pará no autoclave.

Enfim chega o processo da autoclavagem é a etapa onde a castanha é submetida a pressão de vapor para o melhor desprendimento da amêndoa da casca. (IM24-TU)

Cf: autoclave; autoclavagem; cozimento.

primeira classificação

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo de classificação da castanha-do-pará por tamanho.

[...] Vai ser colocada em uma peneira para verificar as condições da castanha, depois dessa limpeza a castanha vai passar pela primeira classificação da castanha in natura, com casca que ainda não foi beneficiada, com leite ainda, então ela passa pela primeira classificação, que vai classificar o tamanho das amêndoas. (IF25-TU)

Cf: classificador de castanha; rolator de secagem.

Nota: Conforme as especificações para padronização, comercialização e classificação definidas pelo Ministério da Agricultura e Abastecimento (MAPA), a castanha-do-pará em casca desidratada é classificada por tamanho em seis classes: pequena (small); média (medium); extra média (extra medium); semigrande (weak-large); grande (large) e extra grande (extra-large). (EMBRAPA, 2004).

processo térmico

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

Aí vem a desidratação da castanha descascada, para maior durabilidade do produto final e melhor textura, é um processo térmico que auxilia no combate de agentes microbiológicos. (IM24-TU)

Var: **desidratação.**

produto cultural

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.m.

A castanha é o produto cultural, a atividade da castanha-do-pará envolve muitos rituais que faz parte de nossa cultura por isso não é só um produto florestal só, é um produto cultural também, por isso chamamos de produto cultural, entende? (IM26-T)

Var: **castanha-do-pará.**

produto da amazônia

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.m.

Quando chega o mês de janeiro o povo da floresta todo vai pra mata extrair a castanha, é o produto da amazônia e um grande orgulho do pará. (IM13-CP)

Var: **castanha-do-pará.**

produto extrativista

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.m.

É de grande importância, principalmente nos dias atuais o trabalho com a castanha-do-pará, o trabalho com o extrativismo da castanha, porque a castanha é um produto extrativista que só não se encerrou na Amazônia porque é um produto altamente alimentar e com grande aceitação no mundo todo, então é por isso que não se acabou como muitos produtos extrativistas da Amazônia. (IM24-TU)

Var: **castanha-do-pará.**

produto florestal

[DENOMINAÇÕES DA CASTANHA]

s.m.

Os sete, cinco meses que se trabalha com a castanha já é de uma dificuldade muito grande em razão de diversos fatores como climático, período da safra, problema de mercado, problema de política de governo, pouca proteção a castanha-do-pará que é nosso produto florestal...então isso faz com que cada um que trabalha com a castanha vire herói. (IM24-TU)

Var: **castanha-do-pará.**

produtor de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Isso é quando o produtor de castanha já realizou a primeira etapa da coleta do ouriço na floresta, o fruto. (IM24-TU)

Var: **extrativista da castanha.**

produção primária da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Essa produção primária da castanha gera renda para todas as famílias porque depois que vai para o beneficiamento acaba...temos que esperar outra safra..(IM12-A)

Var: **coleta primária da castanha.**

prática de aviamento da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Sistema de adiantamento de mercadorias a crédito, consolidado como um sistema de comercialização no extrativismo da castanha-do-pará.

Olha... existe sim....o aviamento se confunde com essa coisa de atravessador, nós dá o dinheiro ou o produto de consumo para que na safra ele já tenha a castanha paga, essa prática de aviamento da castanha até hoje existe. (IM26-T)

Cf. Atravessador.

pré-limpeza [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo de lavagem da castanha-do-pará, ainda com casca, para retirada de materiais estranhos como folhas, pedras e outras impurezas. Ao chegar aqui na unidade beneficiadora a castanha passa por muitas etapas e a primeira delas é a pré-limpeza pois dentro das sacas encontramos muitas coisas como machadinha, pedaço de pau e até o umbigo da castanha. (IM23-TU).

Cf. polidor; polimento.

puxirum [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Puxirum pra nós do baixo amazonas é mutirão, ir junto, vamos fazer um puxirum aqui, vamos fazer aqui um puxirum aqui da coleta vai todo mundo, vamos trabalhar todo mundo nesta área de castanha, é uma forma coletiva de fazer rápido de juntar força. (IM26-T)

Var: **mutirão**.

Q - q

quebra automática

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Descarte da casca da castanha-do-pará por máquinas automáticas.

É a quebra automática quando as castanhas são descascadas por máquinas automáticas porque a senhora viu né que tem a quebra manual também. (IF25-TU)

Var: **descascamento; descasque; quebragem**.

Cf: descascador de castanha.



Fonte: IU-97

quebra da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Ato de quebrar o fruto (ouriço) da castanheira para a retirada das sementes, por meio de golpes de terçado, logo após a coleta.

Fazemos um negócio de pau com uns ganchozinhos que chamamos de pé de cabra ou o terçado e pegamos o ouriço no chão, então a gente enche o paneiro e faz o monte e depois que fez o monte a gente se reúne para a quebra. (IF14-CP)

Var: **quebração da castanha**.



Fonte: IA-134

quebra manual

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Procedimento manual para a quebra do ouriço da castanha-do-pará.

Aqui nós temos ainda na fábrica o descascador de castanha manual, tem um operário responsável para quebrar a castanha e verificar a qualidade da castanha, então ele faz a quebra manual de algumas castanhas só(IF25-TU)

Cf: quebrador manual; descascador de castanha.

quebrador [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Pessoa que quebra o ouriço para extrair as castanhas.

A pessoa que quebra os ouriços da castanha é chamado de quebrador e aquele que carrega carregador[...] (IF7-A).

Cf: quebra da castanha.

quebrador manual

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

Ah, o quebrador manual é o mesmo descascador manual que quebra a casca da castanha para verificar se o processo da autoclavagem deu certo se a castanha já está de acordo com as normas de venda. (IF25-TU)

Var: descascador de castanha.

quebragem [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f.

A nossa quebragem é feita por máquinas, são três máquinas de quebragem e todos os dias passam pela quebragem de cinco a sete toneladas de castanha. (IF25-TU)

Var: quebra automática.

quebração de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

O processo da quebração pra nós aqui a gente faz aqueles montes de ouriços de vinte e poucas paneradas que a gente chama a gente vai e....quebra, abre os ouriços e tira as castanhas.(IM1-A)

Var: quebra da castanha.

quenga [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

A gente não quebra os ouriços logo, vai amontoando e quebra no outro dia, quando cortamos aí temos a quenga, aquelas duas partes quebradas do ouriço. (EM21-BEC)

Var: parte do ouriço.

R - r**rabo de jacú** [ABRIGOS]

s.m.

Na coleta, às vezes temos que fazer um abrigo tipo rabo de jacú. A gente limpa o local, coloca duas estacas assim na vertical e cobre com folhas de palmeiras pra gente passar poucos dias. (IM11-A)

Var: tapiri.

rainha da floresta [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f.

Aqui nós chamamos ela (castanheira) de rainha da floresta porque ela é dentre todas a que mais se destaca pelo tamanho, beleza e sustento de nossas famílias. (IM24-TU)

Var: castanheira.

ramal [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

A gente faz o mapeamento da coleta através da estrada que a gente chama né de ramal também. É este o mapeamento que a gente faz de um castanhal pra outro ou de um rio para o castanhal.. (IM9-A)

Var: estrada da castanha.

ramo da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Nossa atividade está voltada ao extrativismo da castanha, entende? Nós trabalhamos no ramo da castanha há quatro gerações...são muitos anos.(IM24-TU)

Var: coleta da castanha.

rebolada de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Aqui no Abuí os castanhais são perto, a gente olha e sabe qual tem castanha, então várias castanheiras juntas a gente chama, vê logo uma rebolada de castanha, algumas castanheiras, nesse sentido de estar próximas. (IM12-A)

Var: **castanhal**.

rebolado de castanheira

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

Várias castanheiras juntas nós chamamos de rebolado de castanheiras, tem uns que fala ponta, mas é mais difícil. As vezes a gente tá com uma turma boa de castanheiro aí a gente fala assim você vai ficar em qual ponta de castanha? Em qual rebolado de castanheira? (IM15-CP)

Var: **castanhal**.

reboleira de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

[...]ah, tem uma ponta de castanha ali, uma reboleira de castanha, é reboleira, várias castanheiras próximas, bola, ponta. (IM26-T)

Var: **castanhal**.

recepção [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Inspeção visual para mensuração da qualidade da castanha-do-pará ainda *in natura*.

É a primeira etapa essa, que chamamos de recepção que é quando a castanha chega aqui na usina, ela é logo pesada e coletamos uma pequena amostra para o corte que é uma análise visual da qualidade da castanha que recebemos. (IF25-TU)

Cf: corte; castanha *in natura*.

regatiar castanha [COMERCIALIZAÇÃO]

v. Vender e/ou comprar castanha-do-pará.

O regatão é justamente o comerciante que regatia, por exemplo, coloca um bocado de castanha dentro da canoa e sai a regatiar castanha... hoje em dia é chamado também de comerciante, os comprador de castanha. (IM3-A)

regatão [COMERCIALIZAÇÃO]

s.m.

A gente chega de ver dois a três regatão no porto esperando pra comprar nossa castanha. (IF8-A)

Var: **atravessador**.

regresso da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Tem o regresso da castanha que é no mês de junho já no finalzinho né... quando tá terminando a safra... (IM3-A)

Var: **entressafra**.

regresso da coleta

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

[...] Isso, depois de julho é o mês do regresso agora, quando chega o mês do regresso da coleta aí a gente ia basculhar, aí todo mundo ia pra o basculho. Era do mês de agosto. (IM3-A)

Var: **entressafra**.

renda da castanha [COMERCIALIZAÇÃO]

s.f. Lucro obtido com a produção da castanha-do-pará.

Considero importante porque é um dos maiores lucros assim de renda que a gente tem, a safra da castanha quando vem quando dá castanha, geralmente assim todo mundo que gosta de tirar castanha vai coletar castanha porque é uma fonte a renda da castanha, é a maior fonte de renda. (IF2-A)

Cf: safra da castanha.

reserva extrativista [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Território ou área de preservação ambiental, associada à exploração racional e sustentável da castanha-do-pará.

Todos esses territórios quilombolas que estão entre a Floresta Nacional e Saracá, reserva biológica do Trombeta e a flota do Trombeta, as reservas extrativistas em si onde se tem a atividade da castanha-do-pará como principal, existem territórios que são reconhecidos. (IM26-T)

Var: **RESEX**.

Nota: Após criação das reservas extrativistas na região do Baixo Amazonas, principalmente no município de Oriximiná, houve uma reformulação no sistema de compra e venda da castanha-do-pará. Além da fiscalização na comercialização, coube à comunidade a responsabilidade de indicar a pessoa que atuará na compra desse produto.

reservado [ABRIGOS]

s.m.

Muitas vezes a castanha fica assim....dentro de um reservado ou cercado, muitas vezes fica no trepeiro, armazenadas, em cimano chão mesmo em cima de uma lona, pra secar né? (IM19-BEC)

Var: **cercado.**

Nota: No sentido de *discreto* o termo reservado é adjetivo. Aqui, no sentido de *cercado*, lugar onde, é classificado como substantivo masculino.

RESEX [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

[..].aquí na Calha Norte temos muitas terras com castanhais já regularizados na RESEX do alto trombeta. (IM9-A)

Var: **reserva extrativista.**

resfriamento [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m. Procedimento em que as castanhas recebem "banhos" de água fria, para facilitar o processo de despreendimento da casca.

Depois que a castanha passa pela autoclavagem ela vai passar por um resfriamento para a amêndoa se soltar melhor da casca. (IM23-TU)

Cf: banho;autoclavagem.

resina [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.f. Substância vegetal extraída do tronco da castanheira.

Aquí é a resina do tronco da castanheira, veja, já vi prepararem uma goma com ela. Tem a casca da castanheira que a gente utiliza para fazer amarração e alça do paneiro cesto.(IF7-A)

Var: **leite da castanheira.**

rolador cilíndrico

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

No processo de classificação por tamanho, as castanhas são classificadas por rolador cilíndrico em quatro tamanhos, castanha midget, castanha medium, castanha large e castanha extra large e ao mesmo tempo passam pela secagem, eles fazem isso também.(IM24-TU).

Var: **rolador de secagem.**

rolador de secagem

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Cilindro onde é feita a secagem da castanha-do-pará, apenas por ar (sem calor) e circulação.

Dos silos as castanhas passam pela peneira e vai saindo as sujeiras que vem nelas, depois elas são medidas o tamanho e lá caem no rolador de secagem e já vão para o secador para eliminar qualquer umidade externa da casca. (IM23-TU)

Var: **rolador cilíndrico.**

Cf: secagem; secador.



Fonte: IU-126

S - s

saca de castanha [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f.

Para ser um bom coletor de castanha ele deve tirar pelo menos umas 150 sacas de castanha.(IM11-A)

Var: **saco de castanha.**

saco aluminizado

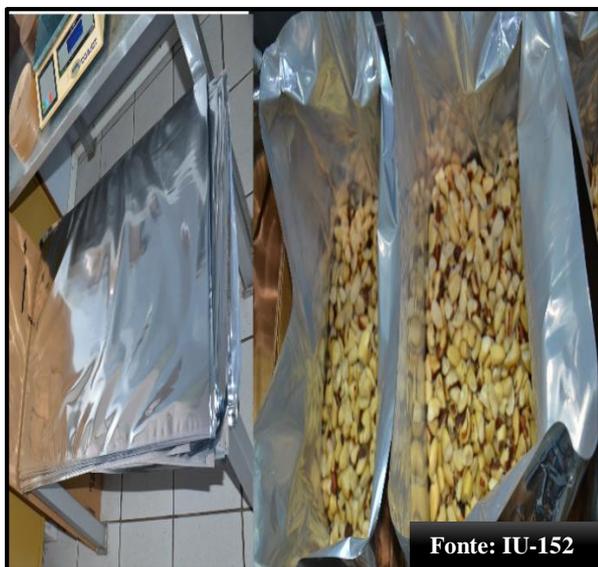
[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Embalagem com estrutura de polietileno combinado com alumínio, utilizado para acondicionar as amêndoas da castanha-do-pará.

[...]Posteriormente a castanha é embalada por sacos aluminizados com embalagem a vácuo numa embaladora... pois ela faz eliminar a oxidação e protege a amêndoa da umidade, porque já está beneficiada né? Depois desse processo de embalagem a castanha está pronta para ser vendido para o mercado nacional e também o internacional. (IF25-TU)

Var: **saco laminado.**

Cf: embalagem primária.



Fonte: IU-152

saco de castanha

[EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Embalagem de fibra, utilizada pelos extrativistas para acomodação das castanhas no processo de armazenamento.

As partes mais longas eu carrego os sacos de castanha na canoa. Se eu trago a castanha quebrada eu coloco no saco e ponho em cima do jirau e assim que está seca vende logo, olha, eu coleto uns cinco sacos de castanha por semana e...(IM10-A)

Var: **saca de castanha.**

Cf: saco de ráfia.



Fonte: IA-153

saco de ráfia [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Embalagem feita a partir de fitas de polipropileno cujo tecido é apropriado para acondicionar as sementes de castanha-do-pará.

As castanhas chegam e ficam lá nos sacos de ráfia, sobre estrados, aí depois a gente carrega e leva para os silos e elas sobem pelo elevador, passam na peneira e lá eles fazem a medição no hecter.(IM22-TU)

Cf: armazenamento convencional.



Fonte: IU-66

saco laminado [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m.

De dentro do crivo ela (a máquina) joga as castanhas dentro dos sacos laminados, cada saco tem vinte quilos de castanha. (IM23-TU)

Var: **saco aluminizado.**

safra da castanha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Colheita da castanha-do-pará na floresta, em período chuvoso, que vai de janeiro a junho.

Nesse período é um dos maiores lucros assim de renda que a gente tem, a safra da castanha quando vem quando dá castanha, geralmente assim todo mundo que gosta de tirar castanha vai coletar castanha porque é só esse período, é a maior fonte de renda. (IF2-A)

Var: **ciclo da castanha; período da castanha; época da coleta; época da castanha; período da safra.**

Cf: coleta da castanha.

safra nova da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Produção da castanha-do-pará da safra atual.

A safra passada não foi muito boa, mas a safra nova parece que vai ser melhor, é de dois em dois anos acontece isso, tem safra que dá castanha outra dá menos. (IM9-A)

Cf: safra da castanha.

safra passada [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. Produção anterior da castanha-do-pará.

Se sobra oriço não podemos misturar oriço da safra passada com a safra nova. A castanha da safra passada a gente usa para comer. (IM9-A)

Cf: safra da castanha.

sapequeiro [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Castanhal com poucas castanheiras.

Onde tem várias castanheiras a gente chama de castanhal mesmo, mas quando tem só algumas assim falhada a gente chama de sapequeiro é quando é falhado o castanhal, é um castanhal com poucas castanheiras, é uma assim, outra assim... a gente chama de ponta também. (IF20-BEC)

Cf: castanhal.

Nota: A ocorrência de poucas castanheiras também caracteriza-se por um local que sofreu queimada ou derrubada por isso a presença de poucas árvores.



Fonte: IBEC-155

secador [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Equipamento em formato retangular com bica de saída, que possui um sistema de geração de ar quente por meio de radiadores a vapor, utilizado para a secagem da castanha-do-pará.

E depois dessa limpeza vão para a desidratação que é feita no secador. Nesse secador a gente vai secar a castanha, tirar o excesso do leite da castanha e ela tem que estar com uma umidade ideal para ela ser cozida em uma média de 18 ou 17 graus. (IF25-TU)



Fonte: IU-156

secagem da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f. 1. Processo de secagem da castanha-do-pará de forma natural, para evitar a contaminação por aflatoxinas.

[...]Depois vem a secagem da castanha em cima duma lona, põe e espalha numa lona de castanha mesmo porque depois que lava ela (castanha-do-pará) fica molhada ai empaiolava e ensacava e ia vender, hoje em dia nois põe na saca e armazena. (IM6-A)

Cf: lona de castanha; aflatoxina.

secagem da castanha

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. 2. Processo de secagem da castanha-do-pará, efetuada em cilindros giratórios, mediante injeção de ar em processo contínuo por até 8 horas.

Onde é feita a secagem da castanha apenas por ar (sem calor) e circulação.(IM23-TU)

Cf: rolator de secagem.

seleção final [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Procedimento de retirada das amêndoas que quebraram durante a autoclavagem.

Depois do processo de secagem a castanha vai para outro processo de seleção, ela entra na sala de seleção final que é para retirar as quebradas ou com algum defeito. (IM25-TU)

Cf. castanha quebrada.

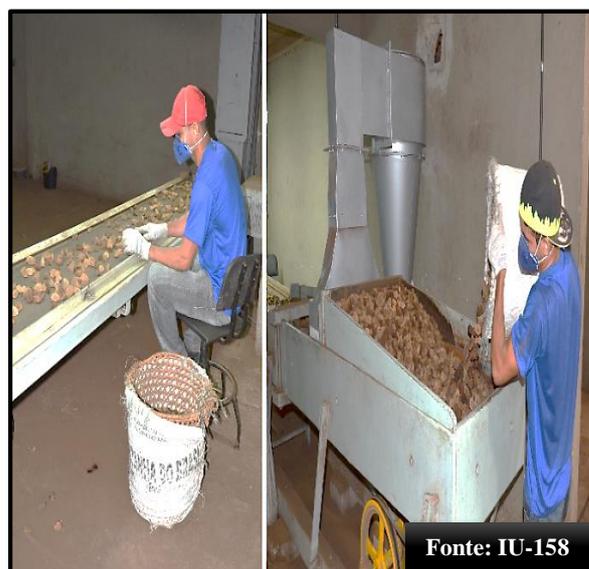


Fonte: IU-72

seleção manual [PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Processo de seleção das castanhas ainda com casca, feita manualmente, visando a eliminar as deterioradas ou danificadas fisicamente.

Depois que passa por essa máquina de seleção a gente ainda tem o processo de seleção manual porque ainda precisamos da mão de obra humana que é indispensável para esse processo ... vai para uma esteira para os operários verificarem se a castanha está do jeito que a gente precisa e ai separando as não conformes. (IF25-TU)



Fonte: IU-158

semente [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.f.*

Olha tem gente que quebra na mão e eu quebro na terra, nunca contei quantas sementes tem dentro do oricho. (IM6-A)

Var: **castanha.**

separação das cascas

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.f. Divisão da amêndoa e da casca da castanha-do-pará após o processo de quebra automática, na etapa de beneficiamento.

O próximo processo é o sugador que faz a separação das cascas, aqui já sem casca a castanha passa por esteiras onde são retiradas por máquina, algumas cascas que ficam grudadas ainda. (IM24-TU)

Cf: quebra automática.

silo de espera [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Depósito de metal destinado ao armazenamento e conservação da castanha-do-pará.

Após a secagem, as castanhas “descansam” em silos para esfriarem. (IM24-TU)



Fonte: IU-68

T - t**talisca** [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.f. Esteira com encaixes feitos longitudinalmente que permitem facilitar o arrastamento das amêndoas.

Tem os silos também que jogam castanha lá na talisca e ela joga pra esteira, jogam no silo e depois pra talisca é que jogam para a esteira pra gente. (IF22-TU)

Cf: esteira de seleção.



Fonte: IU-160

tampa do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]*s.f.*

Quando está sem quebrar é ouriço depois uma parte é capongo e a outra é a tampa do ouriço né. (IF8-A)

Var: **parte do ouriço.**

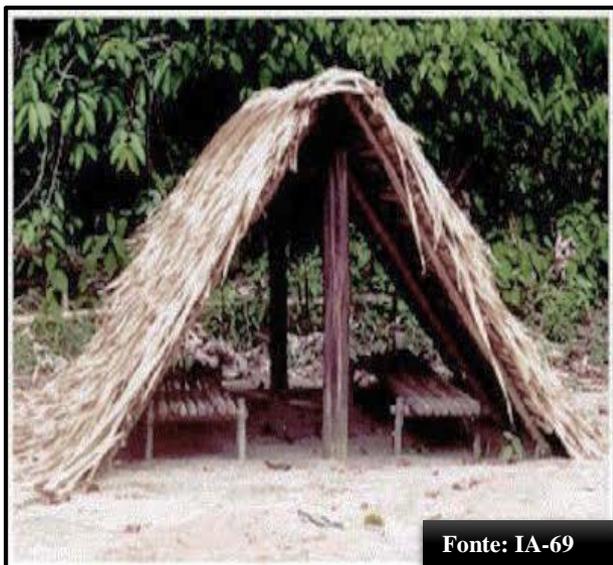
tapiri [ABRIGOS]

s.m. Armação de madeira, coberta de palha, feita no acampamento para se proteger de chuva e bichos, durante a coleta da castanha-do-pará.

Vamos mais cedo para montar o acampamento que são os tapiri pra nos proteger durante a coleta da castanha. (IM12-A)

Var: **mutá; rabo de jacú.**

Cf: acampamento da castanha; acampamento provisório.



Fonte: IA-69

terçado [EQUIPAMENTOS E MATERIAIS]

s.m. Ferramenta utilizada na coleta da castanha-do-pará.

Para catar os ouriços a gente afia bem a ponta do terçado e vai picando os ouriços e jogando dentro do paneiro...e também corta o ouriço com ele também. (IM17-CP)

Cf: coletar ouriço.



Fonte: IA- 70

timbó [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Cipó extraído da espécie de planta da família das leguminosas, chamada de tingui ou timbó, muito utilizado na confecção do paneiro.

Esse material aqui se chama ambé e o cipó ambé, tem também o cipó gapó, tem o timbó ele é mais fininho que este.(IM10-A).

Cf. paneiro

tirador de castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

Quem coleta castanha é chamado, aqui, de tirador de castanha, coletor. (IM11-A)

Var: **castanheiro.**

titica

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m. Cipó de fibra resistente e durável, utilizado na confecção do paneiro.

O cipó ambé é muito utilizado pra paneiro e o titica também, o ambé pra fazer a armação e o titica pra enrolar, eles são compostos, são tecidos juntos. (IM26-T)

*Cf:*paneiro.

Nota: O cipó-titica é da espécie botânica *Heteropsis flexuosa*, encontrada na Amazônia, em áreas de florestas naturais de terra firme. Na fase adulta, o caule é grosso e lenhoso com fibra altamente resistente e durável, por essas características é utilizado na indústria moveleira e também para artefatos e objetos artesanais.(EMBRAPA, 2007)



Fonte: IA-173

transportar castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

v. Levar a castanha-do-pará de um lugar para outro.

Tem o barco né se precisar de um barco maior né aí tem que pagar os carregador para transportar castanha da mata para casa ou para o barracão. (IM5-A)

Var: **camboiar castanha; comboiar castanha.**

Cf: comboio de castanha.



Fonte: ICP-34

tratamento térmico

[PROCESSAMENTO INDUSTRIAL]

s.m.

Do rolator sobem e já entram para o secador e de lá já vai para o autoclave é onde eles cozinham nessa máquina chamada autoclave, esse é o processo de desidratação das castanhas, elas já chegam lá do outro lado castanhas desidratadas, mas passam por esse tratamento térmico. (IM23-TU)

Var: **desidratação.**

trepeiro [ABRIGOS]

s.m.

A gente traz a castanha né, faz um trepeiro, lava e põe pra enxugar em cima dele e depois ensaca na saca, não deixar molhar por causa do fungo. (IM9-A)

Var: **jirau.**

trepero [ABRIGOS]

s.m.

Var: **jirau.**

trilha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.f.

A gente pega e vai pro castanhal e limpa a trilha que vai de uma castanheira a outra e só. (IF2-A)

Var: **caminho da castanha.**

tronco da castanheira

[ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m. Parte da castanheira com formato cilíndrico, reto, de casca escura e com algumas fendas.

As castanheiras daqui tem um tronco muito grande, precisa de muita gente para abraçar o tronco da castanheira, chega até a 7 metros de largura (IF7-A)

Cf: castanheira.



Fonte: IA-124

U - u

umbigo da castanha [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

[...] é aquele buraquinho que tem que forma o umbigo da castanha, quando o regatão vem pra comprar castanha aí dizia tiraste o umbigo da castanha? (IM3-A)

Var: **opérculo.**

umbigo do ouriço [ECOLOGIA DA ESPÉCIE]

s.m.

[...] é o umbigo. O umbigo do ouriço. Ele fica no buraquinho eu acho que é um meio dele suspirar. (IM1-A)

Var: **opérculo.**

unidade beneficiadora [COMERCIALIZAÇÃO]*s.f.*

A indústria de beneficiamento no mercado estadual são as unidades beneficiadoras situadas no âmbito estadual ,nós aqui, por exemplo, temos a florenzano né...acredito que na região metropolitana de Belém, que realizam o processamento industrial e a exportação da castanha.(IM12-A)

Var: exportadora florenzano.

V - v**vareda** [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Eu vou de uma castanheira a outra pela vareda, caminho, coletando ouriço.(IM10-A)

Var: caminho da castanha.

varedinha [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

Aquelas castanheiras distante que às vezes só eu ou meu parceiro sabe né? Só os outros parceiros também sabe aí faz aquela varedinha normalmente que é pra ninguém ir lá mexer.(IM1-A)

Var: caminho da castanha.

varejo rural da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Transação comercial da castanha-do-pará entre atravessadores e empresas.

Olha bem como funciona o varejo rural da castanha, que é também do mercado local. São atravessadores que possuem contratos com empresas de beneficiamento local e beneficiamento estadual, que compram a castanha-do-pará somente na safra, diretamente dos coletores.(IM12-A)

Cf: atravessador.

Nota: A meta dos extrativistas para essa modalidade comercial está centrada no objetivo de que essas vendas sejam feitas diretamente com o comprador final, sem a ajuda de intermediários.

varejo urbano da castanha

[COMERCIALIZAÇÃO]

s.m. Transação comercial da castanha-do-pará no varejo urbano.

Ainda tem o varejo urbano da castanha no mercado local que são os feirantes e comerciantes varejistas que comercializam a castanha na forma de semente para o consumidor final local entende?A castanha geralmente fica armazenada no entreposto de Oriximiná também para ser comercializada e muitas vezes exportada, de lá sai direto para os navios. (IM12-A)

vasculho da castanha

[PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]

s.m.

No finalzinho a gente chama vasculho da castanha, vamos catar os ouriços que ficaram pra trás.(IM12-A)

Var: catação.

vistoria [PRÁTICAS EXTRATIVISTAS]*s.f.*

[...] nosso mapeamento ou na verdade nossa vistoria é pelo conhecimento que temos das árvores, aqui nois num usa GPS, é uma forma de conhecer mesmo porque nois é nascido e criado aqui, costumado a andar no mato e a gente faz assim mesmo.(IM6-A)

Var: mapeamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou como proposta descrever os termos da castanha-do-pará, com base no discurso oral, com o objetivo de elaborar um glossário socioterminológico dessa área de domínio, levando em consideração a possibilidade da variação dos termos dessa linguagem especializada.

Para a elaboração do produto terminográfico, trilhamos os pressupostos da Socioterminologia (GAUDIN, 1993) e (FAULSTICH, 1995a, 1995b, 2001, 2006, 2010, 2012) por responder aos objetivos dessa pesquisa. Destacando, com isso, o fenômeno da variação terminológica como aspecto imprescindível para a elaboração do glossário. Para tanto, a observação e descrição dos termos que envolvem a produção da castanha-do-pará no município de Oriximiná-PA, foram feitas a partir do contexto oral em que os termos estão inseridos, por entendermos que é na oralidade que os termos variam com mais frequência.

A metodologia da pesquisa de campo foi fundamental para o conhecimento da área em estudo, uma vez que a interação com os profissionais *in loco*, possibilitou adentrar no universo em que se encontram e entendermos a dinâmica pela qual o extrativista constrói a linguagem especializada da castanha-do-pará. Os domínios dessa atividade revelam que a produção da castanha-do-pará é sua principal fonte de renda. Com isso a recolha dos termos foi realizada no contexto em que circulam, situação que possibilitou darmos conta do fenômeno da variação, fundamental para uma obra socioterminográfica.

Com tudo isso, obtivemos um repertório terminológico com 496 termos, dos quais 228 são termos variante. Na seleção dessas unidades terminológicas, além de considerarmos a frequência de uso do termo; a pertinência temática; a pertinência pragmática e a fiabilidade dos termos (3.2.6 desta dissertação), fizemos uma seleção semiautomática dos termos por meio da ferramenta computacional *WordSmith Tools*.

O *corpus* que serviu de base de análise para a realização deste trabalho possibilita estudos relacionados a aspectos fonéticos-fonológicos, assim como estudos sociolinguísticos para estabelecimento de regras variáveis. O repertório socioterminológico referente à área em questão possibilita, também, base terminológica para glossário trilingue (português-inglês-francês), tendo em vista a importância da castanha-do-pará no contexto internacional.

Com efeito, consideramos a possibilidade da produção de um glossário da castanha-do-pará eletrônico, com este primeiro *corpus* analisado, no *software Lexique Pro*, com inserção de imagens e vídeos que representam a atividade especializada da castanha-do-pará.

A atividade extrativista da castanha-do-pará revelou-se ampla e rica, embora carente de estudos de natureza terminológica. Por isso, acreditamos que muitos estudos podem ser feitos no campo da terminologia da castanha-do-pará, como por exemplo, descrever a linguagem especializada na etapa de comercialização e de exportação do produto, de forma mais exaustiva.

Nossa expectativa é que o tema seja mais amplamente investigado no que diz respeito a essa mesma cadeia produtiva, sobretudo em situação fronteiriça com vistas a compreender o fenômeno da variação diatópica, não contemplado neste estudo.

Deixamos claro, aqui, que a descrição da linguagem especializada da cultura da castanha-do-pará, não termina com a elaboração do glossário, uma vez que muitos termos não foram inseridos neste repertório, por limitações que escapam de nossos propósitos de esgotamento dessa terminologia. O glossário da castanha-do-pará, portanto, constitui-se apenas de uma parcela da totalidade dos termos dessa linguagem técnica. Porém, neste momento, contentamo-nos com os objetivos alcançados e desejamos expandir esta pesquisa, de forma mais rigorosa e exaustiva, num projeto de doutorado.

Pretendemos com o término da análise dos dados e a construção do glossário, que este, torne-se um instrumento útil para todos aqueles que pretendam entrar em contato com essa terminologia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Terminología en Brasil**. IULA – Seminários 2008, 2009. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2009. 40 slides, color Adobe Reader. Disponível em www.iula.upf.edu/materials/081203almeida.pdf . Acesso em: 16 de dezembro de 2015.
- ALVES, Ieda Maria. **Atividades terminológicas no Brasil**. Terminômetro: a terminologia no Brasil, Barcelona, n. 3, p. 8-9, 1998. Número Especial.
- ARAGÃO, Antônio Roberto Ferreira. **A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil**. 2007. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ARAÚJO, Maristela. **A elaboração de um dicionário terminológico da economia: aspectos da sinonímia dos discursos especializados**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- AUGER, P.; BOULANGER, J. **Terminologie et Terminografie**. TRD-14436, recuelli de notes de cours. Québec: Université Laval, 1997.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BOULANGER, Jean-C. Pré sentation: images et parcours de la socioterminologie, Laval: Université de Laval. Sainte-Foy. Meta. Montréal, v. 40. N. 2, 1995.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. Decreto-lei n. 51.209 de 1961. Decreto que determina a alteração da denominação de “castanha-do-pará” para “castanha-do-brasil”. Diário Oficial. Brasília, DF, março de 1961.
- _____. Ministério da Agricultura. **Especificações para padronização, classificação e comercialização interna da castanha do brasil**. Brasília DF, 1980.
- CABRÉ, M. Teresa. **Terminología: Representación comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Sèrie Monografies, 3. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.
- _____. **La terminología**: Barcelona, Antártida, Ampúries, 1993.
- _____. **Sur la représentation mentale des concepts: bases pour une tentative de modélisation**. Le sens em Terminologie. Presses Universitaires de Lyon, 2000.
- _____. **Theories of terminology: their description, prescription and explanation**. **Terminology**, 2003. Disponível em: < <http://www.hf.uib.no/forskerskole/cabre.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2015.
- COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **Terras quilombolas em Oriximiná: pressões e ameaças**. São Paulo: CPI-SP, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Busca textual.** Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional>. Acesso em: 19 de set. de 2015.

FACHINELLO, Dirlei Terezinha. **Produtos florestais Não - Madeiráveis (PFNM) no Estado de Rondônia e as visões sobre desenvolvimento, sustentabilidade e extrativismo.** Porto Velho: UNIR, 2010. 99 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010

FAO. **Food and Agriculture Organization of The United Nations.** Roma (Italy), 2011. Disponível em: < <http://faostat.fao.org/> >. Acesso em: 13 dez. 2011.

FAULSTICH, Enilde. Metodologia para o projeto terminográfico. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-científica.** Brasília: IBICT, Paris: União Latina, 1992.

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia:** termo e variação. Brasília: Centro Lexterm, 1995a.

_____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: **Ciência da Informação**, vol. 24, n.2, 1995b.

_____. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. In: **TradTerm**, v. 7, 2001, p. 11-40. Disponível em:< <http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v07n1/v07n1a03.pdf>> Acesso em: 17 jun.2015.

_____. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. In: **Ciência e Cultura**, v 58, n. 2, p. 27-31, 2006.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, M. de A. R.; BEZERRA, J. R. M; ROCHA, M. F. S.; OLIVEIRA, M. B.; RAZKY, A. (Org.). **Pelos caminhos da Dialetolegia e da Sociolinguística:** entrelaçando caminhos e vidas – homenagem a Socorro Aragão. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

_____. **Terminologia, socioterminologia, dialetolegia:** afinidades e necessidades interdisciplinares ANAIS II CIDS Congresso Internacional de Dialetolegia e Sociolinguística. UFPA 2012.

FINATTO, Maria José Bocorny. Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker. **Temas de Terminologia.** Porto Alegre/ São Paulo: Universidade/UFRG/Humanitas/USP, 2001, p. 150-154.

FROMM, Guilherme. A construção e análise de corpora para alimentação de um banco de dados terminográfico: um exemplo. **Revista Eletrônica de Linguística.** n. 1, 2008. Disponível em <http://www.dominiosdelinguagem.org.br>. Acesso em 25 de agosto de 2014.

GAMBIER, Yves. **Problèmes terminologiques des pluies acides**: pour une socioterminologie. 1986. Disponível em <http://www.erudit.org/revue/META/1987/v32/n3/002791ar.pdf>. Acesso em 06 de jan de 2015.

GAUDIN, François. **Pour une sócio-terminologíe**: dès problèmes sé mantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

HOMMA, A. K. O. Uma tentativa de interpretação teórica do extrativismo amazônico. In: **Acta Amazônica**, Manaus, v.2, n.12, p. 251-255, 1982

_____. **Cronologia da ocupação dos castanhais no sudeste paraense**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2000.

_____. Extrativismo vegetal ou plantio: qual opção para a Amazônia? **Estudos Avançados** [online]. 2012, vol.26, n.74, pp. 167-186. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n74/a12v26n74.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2014.

_____. O dia da castanha. In: **Extrativismo vegetal na Amazônia**: história, ecologia, economia e domesticação. EMBRAPA. Brasília DF, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produção da Extração Vegetal e Silvicultura 2012**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=130014&idtema=1&search=amazonas|apui|censo-demografico-2012>>: -sinopse->. Acesso em março de 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL –IPHAN. **Inventário de Referências culturais dos quilombos de Oriximiná**. Brasília DF, 2014.

Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. **Cadeias de comercialização de produtos florestais não madeireiros na Região de Integração Baixo Amazonas, Estado do Pará**: [relatório técnico] Belém: IDESP, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO – IBGE. **Censo demográfico**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=130014&idtema=1&search=amazonas|apui|censo-demografico-2010>>: -sinopse->. Acesso em 20 set. 2014

_____. **Agricultura**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=130014&idtema=98&search=mazonas|apui|pecuaria-2011>>. Acesso em 20 set. 2014. .

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA. **Plano de Manejo da Reserva Biológica do Rio Trombetas – PA**. Brasília: IBAMA, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. O termo: questionamentos e configurações. In: **TradTerm**, v. 7, 2001. p. 111-140.

_____. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. p. 43-45

KRIEGER, M. das Graças; FINATTO, M. José B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. BEVILACQUA, Cleci R. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. In: **Revista Debate Terminológico**, n. 1, 03/2005. Disponível em: http://www.riterm.net/revista/n_1/krieger.pdf. Acesso em: 22 de maio de 2015.

LIMA, Alcides Fernandes de. **Socioterminologia da indústria madeireira**. 2010. 387 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LOCATELLI, Marília et al. **Cultivo da Castanha-do-Brasil em Rondônia**. Embrapa, Rondônia, 2005. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Castanha/CultivodaCastanhadoBrasilRO/index.htm>. Acesso em: 30 jun. 2015

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras**. v.1. 4. ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2000.

MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. **Terminologia do ciclo de produção do alumínio**: bauxita, alumina e alumínio /. 2014. 386 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

Mori SA, Prance GT. Taxonomy, ecology, and economy botany of Brazil nut (*Bertholletia excelsa* Humb. e Bonpl.: Lecythidaceae). In: **Dvances in Economic Botany** 1990; p. 130-150

NOGUEIRA, Salvador. Povos Amazônicos. Ed. 198. 2012. In: **Revista FAPESP**. Disponível em: [http://revistapesquisa.fapesp.br/wpcontent/uploads/2012/08/15 castanheiras 198](http://revistapesquisa.fapesp.br/wpcontent/uploads/2012/08/15%20castanheiras%20198.pdf)>.pdf Acesso em 20 de agosto de 2014.

PARÁ. INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ-IDESP. 2010. **Cadeias de Comercialização de Produtos Florestais Não Madeireiros na Região de Integração Baixo Amazonas, Estado do Pará**. Relatório Técnico. Belém-PA: IDESP, 2010.

PINTO, Andréia et al. **Boas práticas para manejo florestal e agroindustrial de produtos florestais não madeireiros**: açaí, andiroba, babaçu, castanha-do-brasil, copaíba e unha-de gato. Belém, PA: Imazon; Manaus, AM: Sebrae-AM, 2010.

PONTES, Antônio Luciano. **Os termos da cultura e da industrialização do caju**. 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1996.

_____. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RIZEK, M. B; MORSELLO, C. A comercialização de produtos florestais não madeireiros afeta o sistema tradicional de troca e compartilhamento? O caso da reserva extrativa do médio Juruá, AM. In: **IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa Pós-Graduação em Ambiente**. Brasília DF. ANPPAS, 2008, p. 18-36.

ROUSSEAU, L. T. **Terminologie et aménagement linguistique**. Jornada panlatina de terminologia: perspectives i camps de aplicació, Barcelona: IULA, 1996

SAGER, Juan C. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam: J. Benjamins, 1990.

SCOLES R, Gribel R, Klein GN. Crescimento e sobrevivência de castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) em diferentes condições ambientais na região do rio Trombetas, Oriximiná, Pará. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Naturais, 2008; 6 (3), p. 273-293.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Manejo da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*)**: orientações para as boas práticas de manejo, coleta e pós coleta da castanha-do-brasil. Bioma Amazônia. Brasília: SFB, 2014.

_____. **Mapeamento e determinação do potencial produtivo de castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*)**. Bioma Amazônia. Brasília: SFB, 2013.

SILVEIRA, Murilo. **Rede de textos científicos**: um estudo sob a ótica da institucionalização da ciência da informação no Brasil. 2008. 164f Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

SOUSA, W. P.; FERREIRA, L A. Os sistemas agrários com castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa* H.B.K.) na região sul do Estado do Amapá. In: **Ciência e Desenvolvimento**, Belém, v.2, n.3, jul/dez, 2006, p. 217 – 246.

TONINI, H. **Castanheira-do-brasil**: uma espécie chave na promoção do desenvolvimento com conservação. Boa Vista: EMBRAPA/RO, 2007.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados – questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO LETRAS/LINGUÍSTICA
Pesquisadora: Sandra Regina Feiteiro
Pesquisa: Glossário dos termos da castanha-do-pará
Orientador: Abdelhak Razky

1. CICLO DA PRÉ-COLETA DA CASTANHA-DO-PARÁ
1.1. Que aspectos devem ser considerados no mapeamento e marcação das árvores?
1.2. Como é feito o mapeamento? Conhece por outro nome?
1.3. Que materiais e equipamentos são utilizados nesse processo?
1.4. Que nome você dá para o mapeamento dos castanhais?
1.5. Como são chamados os aglomerados de castanhais?
1.6. Por que fazer a seleção das árvores?
1.7. Qual a influência do mapeamento e seleção das árvores para a coleta da castanha?
1.8. Que cuidados são recomendados na limpeza das bases das castanhas?
1.9. Em que processo da coleta da castanha você trabalha? Descreva.
1.10. Há quanto tempo trabalha no extrativismo da castanha?
1.11. O que deve ser considerado no manejo e na preservação dos castanhais?
1.12. Como e denominada a área em que se formam os castanhais?
1.13. Como é denominada a área em que é feita a coleta?
1.14. Você já ouviu falar em prática de manejo? O que é? Conhece por outro nome? Descreva as etapas:
1.15. Qual a época da coleta da castanha? Por quê?
1.16. Que outro nome você dá a um castanhal?
1.17. Onde estão localizados os castanhais?
1.18. Que nome você dá à pessoa que coleta castanha?
1.19. Como é o nome do caminho que vai de uma castanheira a outra? Tem outro nome?
1.20. Como se chama a limpeza feita entre os castanhais?

1.21. Com que outro nome a castanha é conhecida na região?
2. CICLO DA COLETA DA CASTANHA-DO-PARÁ
2.1. Como é feita a coleta da castanha? Descreva:
2.2. Que nome você dá à época de coletar castanhas?
2.3. Que utensílio é utilizado na coleta do ouriço caído no chão?
2.4. Como são carregados os ouriços? Dentro de quê?
2.5. Quais os instrumentos utilizados para a coleta da castanha e para que servem?
2.6. Que tipo de sistema de coleta é usado? Descreva e defina:
2.7. Como é o processo de amontoa?
2.8. Nome do material de proteção das castanhas com a terra:
2.9. Como você chama o orifício (buraquinho) que há no ouriço?
2.10. Que instrumentos os coletores devem usar para evitar acidentes na coleta da castanha?
2.11. Como é feita a seleção dos ouriços?
2.12. Para ser um coletor de castanha você precisa saber o quê?
2.13. Como é o processo da quebração?
2.14. Qual a forma ideal (certa) de fazer o corte do ouriço?
2.15. Onde os ouriços são colocados após a coleta?
2.16. Que instrumentos são utilizados na quebra dos ouriços?
2.17. Quantas sementes há dentro do ouriço, aproximadamente? Que outro nome vocês atribuem à semente de castanha?
2.18. Como se chama quem realiza essa atividade?
2.19. Quanto você coleta e quebra de castanha por dia?
2.20. Como e onde é feita a lavagem da castanha?
2.21. Quais os instrumentos utilizados?
2.22. Para que serve o processo de lavagem das castanhas?
2.23. Quem são as pessoas envolvidas no processo de lavagem?
2.24. Onde são colocadas depois de lavadas?
2.25. Que nome recebe as castanhas estragadas?
2.26. E as castanhas, que boiam quando são colocadas na água para serem lavadas, que nome recebem?
2.27. Que critérios você utiliza para a seleção das castanhas?
2.28. Para onde é levada a castanha?
2.29. Como é feito o transporte da castanha?
2.30. Que problemas vocês encontram no transporte da castanha?

2.31. Que nome (s) é (são) dado (s) ao responsável pelo manuseio da lancha ou rabeta?
2.32. Como são chamados os barracões para onde se leva a castanha?
2.33. Como é o nome do local onde são armazenadas?
2.34. Qual o local ideal para armazenar as castanhas?
2.35. Existe um clima ou temperatura ideal para a secagem da castanha?
2.36. Como vocês fazem para manter as castanhas saudáveis quando estão no armazenamento?
2.37. O que é utilizado?
2.38. Quais as doenças que contaminam as castanhas?
2.39. Quais os procedimentos para evitar a contaminação?
2.40. Qual o passo seguinte depois das castanhas armazenadas?
2.41. Como é chamada a pessoa que compra a castanha dos extrativistas para a venda?
2.42. Nome das pessoas que negociam as castanhas para comercializar:
3. BENEFICIAMENTO
3.1. Quais são as etapas (processos) utilizadas para o beneficiamento?
3.2. Há quanto tempo trabalha com a castanha?
3.3. Qual é a sua função na fábrica?
3.4. Como e quando começou a trabalhar com a castanha?
3.5. Como a castanha chega à fábrica?
3.6. Que utensílios você usa no seu trabalho? Para que servem?
3.7. Que equipamentos você usa para sua proteção? Que utilidade tem?
3.8. Há peças de vestuário exclusivas para a realização do seu trabalho? Quais?
3.9. Qual o processo da castanha ao chegar à fábrica?
3.10. Quais os instrumentos utilizados na lavagem da castanha?
3.11. Quem são as pessoas envolvidas no processo de lavagem?
3.12. Para que serve o processo de lavagem da castanha?
3.13. Após a lavagem qual o próximo passo?
3.14. Para que serve o processo de tratamento térmico?
3.15. Como ele é feito?
3.16. Quais os instrumentos utilizados nesse processo?
3.17. Como é feita a quebra da castanha?
3.18. Que instrumentos são utilizados?

3.19. Como é o nome da castanha descascada?
3.20. Depois de descascada qual é o passo a seguir?
3.21. O que é o processo de classificação das amêndoas?
3.22. Para que serve e como é o processo de polimento?
3.23. Quais os instrumentos utilizados no processo de polimento da castanha?
3.24. Para que serve o processo de desidratação das castanhas?
3.25. Que instrumentos são utilizados para realizar esse processo?
3.26. Qual a fase seguinte à desidratação da castanha?
3.27. Quais os profissionais envolvidos no processo de desidratação da castanha?
3.28. Que instrumento é utilizado na pesagem da castanha?
3.29. Onde é embalada a castanha?
3.30. Onde as castanhas são armazenadas?
3.31. Qual o destino final da castanha após passar por todos esses processos?
3.32. Como é chamado o responsável pela venda da castanha? Tem outros nomes?
3.33. O que é feito manualmente no beneficiamento da castanha?
3.34. O que é feito mecanicamente no beneficiamento da castanha?
3.35. Quais são os equipamentos existentes na fábrica?
3.36. Quais funcionam manualmente e quais funcionam por eletricidade? Que utilidade tem?
3.37. Por quais etapas passa a castanha para tornar-se produto de exportação?
3.38. Que outros produtos você conhece que são derivados da castanha?
3.39. O que você sabe mais sobre essa amêndoa?
3.40. Você conhece essa amêndoa por outro nome? Qual? Por que recebe esse nome?
3.41. Que produtos da castanha são prioridades para a fábrica?
3.42. Há alguma coisa da castanha que não é aproveitada?
3.43. Nome da medida utilizada para a venda da castanha:
4. COMERCIALIZAÇÃO
4.1. Como ocorre a venda da castanha?
4.2. Onde é comercializada?
4.3. Como é feita a embalagem da castanha para a venda?
4.4. Como é pesada?
4.5. Que instrumento é utilizado para a pesagem?
4.6. Como é chamada a pessoa que vende (comercializa) a castanha?
4.7. Para onde a castanha é levada após negociação?

4.8. Como é realizado o procedimento para exportação?
4.9. Que países compram a castanha diretamente da exportadora de vocês?
4.10. Que nome vocês dão para a castanha?
4.11. Existe fiscalização para a exportação da castanha-do-pará?
4.12. Quem é responsável por isso?
4.13. Como a castanha-do-pará deve estar para ser exportada?
4.14. É castanha-do-pará ou do Brasil?
4.15. Tem outras denominações?
4.16. Como ela é exportada? Descreva o caminho desse processo.
Obs. No final de cada entrevista solicitamos uma narrativa que envolvesse a relação do entrevistado com a atividade da castanha-do-pará.

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados – apresentação



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROJETO GEOSOCIOLINGUÍSTICA E SOCIOTERMINOLOGIA
PESQUISA: Glossário dos termos da castanha-do-pará
DISCENTE: Sandra Regina Feiteiro
ORIENTADOR: Profº Dr. Abdelhak Razky**

Apresentação da pesquisa

Prezado (a) senhor (a) informante,

O *glossário dos termos da castanha-do-pará* é uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em linguística da Universidade Federal do Pará-UFPA e ao Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), coordenado pelo prof. Dr. Abdelhak Razky. Sua participação é essencial para a concretização de nossos objetivos. Pretendemos coletar, analisar e registrar os termos relacionados à cadeia produtiva da castanha-do-pará para elaboração de um glossário socioterminológico. Uma vez que, o extrativismo, o beneficiamento e a comercialização das amêndoas sustentam inúmeras comunidades na Amazônia e movimentam suas economias regionais, ao mesmo tempo em que conservam a preservação da floresta. Nossa pesquisa permitirá a divulgação de conhecimentos especializados da referida área para que a sociedade em geral, principalmente as comunidades que trabalham com esse domínio, se beneficiem desses conhecimentos. Todas as informações coletadas e aqui registradas serão utilizadas exclusivamente para esse fim.

A fim de que os objetivos que definimos para esta pesquisa sejam concretizados necessitamos de sua colaboração.

Agradecemos a sua participação
Sandra Regina Feiteiro

Belém
Janeiro/2015

APÊNDICE C – Instrumentos de coleta de dados – fichas de identificação



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROJETO GEOSOCIOLINGUÍSTICA E SOCIOTERMINOLOGIA
PESQUISA: Glossário dos termos da castanha-do-pará
DISCENTE: Sandra Regina Feiteiro
ORIENTADOR: Profº Dr. Abdelhak Razky**

FICHA DA LOCALIDADE

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. Nome:	1.2. Gentílico
1.3. Pertencente ao município de:	
1.4. Mesorregião:	
1.5. Microrregião:	
1.6. Índice de Desenvolvimento Humano:	
2. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA:	
2.1. Localização, Área, Altitude da sede, Distância em relação à capital e limites.	
2.2.1. Coordenadas geográficas:	
2.2.2. Área:	
2.2.3. Distância da capital:	
2.2.4. Hidrovias de acesso:	
2.2.5. Limites:	
2.2. Clima:	
3. POPULAÇÃO:	
3.1. Dados demográficos:	
3.1.1. População total:	
3.1.2. Homem:	
3.1.3. Mulher:	
4. FONTE DE RENDA:	
4.1. Base da economia:	
4.2. Percentual do agro extrativismo anual:	
5. INFRAESTRUTURA:	
5.1. Educação:	
5.1.1. Nº de estabelecimento de ensino:	
5.1.1.2. Educação Infantil:	
5.1.1.3. Ensino Fundamental:	

5.1.1.4. Ensino Médio:
5.2. Saúde:
Nº de Hospitais: Nº de Postos: Nº de Leitos:
5.3. Comunicação:
5.3.1. Unidades postais e telegráficas:
5.3.2. Emissoras de rádio, Sinais de recepção de televisão e jornais em circulação:
6. INFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS:
6.1. Cultura e lazer:
6.2. Principais eventos:
7. HISTÓRICO:
8. OBSERVAÇÕES GERAIS:
9. DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA:

8. OBSERVAÇÕES	
9. DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA:	